Inventário de Junho

OBRAS DE M. TEIXEIRA-GOMES

Inventário de Junho
Cartas sem Moral Nenhuma
Sabina Freire
Agosto Azul
Gente Singular
Cartas a Columbano
Novelas Eróticas
Regressos
Miscelânea
Maria Adelaide
Carnaval Literário
Londres Maravilhosa

M. TEIXEIRA-GOMES

OBRAS COMPLETAS

Inventário de Junho

Este livro não tem utilidade no comércio...

KLOPSTOCK.

4.ª EDIÇÃO

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

Pedes-me impressões dessas cidades do Norte, tão minhas conhecidas, por onde há pouco de novo andei, cidades que te encantam e que eu detesto quase. Não é ali que a imaginação prefere levar-me, mas na secura e no isolamento da vida que tenho agora poderia talvez lembrar com prazer e figurar-se-me-iam talvez com vivas cores muitos episódios e quadros que na realidade me pareceram frios. Evitarei, porém, cingir-me às linhas apertadas de um roteiro. Vou remirar no caleidoscópio da minha memória — à míngua de notas que não tenho, nem nunca tive, para consultar — e direi consoante as pequenas imagens que nele aparecerem, ao acaso, sem escolha de latitudes, saia o que sair...

E, a propósito — muito sinceramente —, não sei se é melhor, para apurar toda a soma de felicidade

que as viagens produzem, ir, hora a hora, apontando as impressões recebidas e os contornos mais salientes das coisas entrevistas no seu aspecto de ocasião, ou nada escrever e entregar essas impressões livres ao carinho da memória que, se o merecem, as detém intactas, invioláveis, e no-las restitui vivíssimas, só que um leve desejo ou lenta saudade as bafeje.

Fixar impressões na carteira é como o trabalho ingrato de coleccionar mariposas, reduzindo a uma forma só, gelada, o que tem mil formas, no calor da vida, na extravagância do movimento. Pois não é amortalhar as sensações escrevê-las? Eu penso que já me não pertencem aquelas que tento limitar e trasladar ao papel e uma vez escritas nunca mais me volvem à lembrança. Mas essas notas de ocasião, tomadas na origem, no calor da surpresa e da alegria, revestem-se de sugestivas palavras que, depois, mais tarde, impossível é encontrar, e se para gozo próprio mais vale que tudo flutue à mercê do sonho, para transmitir aos outros certas particularidades, certas aparências, o encadeamento de certas emoções, nada substitui, talvez, as linhas irrefragáveis dessas mesmas muito breves notas, tiradas de instante a instante.

Seja como for; da confusão inextricável — para mim gostosa — em que andam as minhas recorda-

ções, nascem amiúde inesperadas séries de imagens, cujo enlace misterioso me transporta aos países mais distantes e diversos: são os meus melhores momentos.

Ainda hoje, havendo aproveitado a manhã tão linda que fez para ir passear ao campo, descansava eu, estirado à sombra, no relvoso talude da estrada, quando me apareceu e me passou, quase por cima da cabeça, rápida, galopando, como visão doirada à luz encandeante do Sol, uma égua baia, que se escapara em pêlo não sei donde. Logo se me pôs a imaginação também a galopar, correndo sem freio, e bem mais veloz do que aquela égua em liberdade, por todas as encruzilhadas da memória. E levou-me diante dos quatro cavalos de bronze da Igreja de S. Marcos, os quais, erguendo-se no espaço, arremeteram em voo luminoso direito ao Sol, onde em breve e pouco a pouco se lhes extinguiu o estranho fulgor, como pequeníssimas chamas no braseiro de um grande incêndio. Esses mesmos cavalos pronto ressurgiam na astral luz branca do Pártenon, cujos frisos e métopes, animando-se em colossais proporções, se me desdobraram pela vista maravilhada. Houve um instante durante o qual o horizonte se coalhou de centauros em movimento; depois, por explicável transição, encontrei-me não sei em que feira das Flandres, vendo correr os cavalos nor-

mandos, monstros de outros tempos, montados por gigantes. O contraste avocou as cavalhadas inglesas, e os seus delgados ginetes, espectáculo que me fez sorrir. Eis-me depois em Bône, no hipódromo militar, onde o sol ondeia e cega; passam, fogem, desaparecem, volvem os uniformes escarlates, cintilam os galões de oiro, rompe a mordente voz dos clarins; um árabe cai na carreira e fica por terra, imóvel, envolto nas pregas do albornoz verde e branco, como estandarte abatido, sob o peso do cavalo, que parece morto. Mas vamos a Pavia ver pensar, nos profundos fossos do castelo, os vivíssimos corcéis chegados de fora, suando, e que luzem na sombra com tons de violeta molhada; ou a Sevilha admirar os vaidosos garanhões que, no passeio de todas as tardes, caracolam, impacientes, levados à mão e a custo por gráceis e lestos soldados; ou estudar, em Córdova, as mimosas cambiantes — enlevo dos pintores — no pêlo adamascado dos cavalos árabes, cor-de-rosa pálido, cor de oiro mate, de furta-cores, como a gola dos pombos, ou cor de polido azeviche com reflexos prateados; ou assistir, em Toledo, sobre a ponte de Alcântara, ao tumultuoso tropel dos cadetes de cavalaria que entram a galope e esbarram à porta da cidade, aglomerando-se em desordem na acanhada passagem do arco estreito; ou, em dia de *Selamlik,* nessa confusa,

única e nunca descrita Constantinopla — armada, no coração do mundo, com as mil lanças dos seus minaretes —, atentar bem nos dois cavalos brancos do sultão, que são da prata que vive na suavidade de certas curvas — exclusivo da raça humana em quadris de mulher —, animais simbólicos, mais: de religião, de mistério, para serem adorados em delubros só feitos da preciosa malaquita, sobre altares reslumbrantes de pedraria...

Estando eu em Tânger, todas as manhãs vinham os escravos do governador, e de outros personagens da cidade, dar banho aos seus cavalos, mesmo debaixo da minha janela que abria sobre a praia, oferecendo-me o espectáculo das divinas harmonias de desenho e cor, em que se podem desenvolver os movimentos conjugados dos dois mais belos animais da criação. Os ágeis marroquinos depressa largavam as túnicas para saltarem, nus, em cima dos cavalos e atirar-se ao mar, que nem sempre os acolhia mansamente, antes, algumas vezes, esbravejando, ao tentar apanhá-los e cuspi-los nas suas volutas de espuma. Aí eram como a viva restituição de algum antigo friso, caído das ruínas de um templo no piedoso seio do mar Egeu; mas soberbos de ver, então já na actualidade de todos os tempos, como tudo o que se aquece na genuína seiva da vida real, os elegantíssimos centauros, quando, ao volver de

dentro de água, para enxugar os corpos, se soltavam em doidas e intermináveis carreiras pela areia. Figuravam entre eles criaturas de raças muito diferentes: o ruivo cabila, de arcabouço abaulado, cheio de relevos e como que batido a martelo; o negro, de mal entroncados membros, com os vergões da rija musculatura a ondearem sob a pele acetinada, e alguns árabes de formas delicadas, indecisas até ao feminino grácil. Os adolescentes da raça, pura, agarena, lembram, na incerteza dos contornos mal acentuados por brandas curvas, o *Appolino degli Uffizi,* mas reproduzido em bronze. Já o havia observado nos banhos moiros da Tunísia e da Argélia...

Surpreendeu-me, deitado ainda no relvoso talude da estrada, um forte aguaceiro no próprio momento em que excogitava a razão de semelhante anomalia em raça tão guerreira e viril...

É-me doce, pois, sempre, evocar recordações só ao sabor da fantasia; e, sobretudo, para esconjurar estados de alma que me pesem.

Agora, que eu me sentia levemente melancólico e que tu me estavas presente, soltei a imaginação em busca de aventuras cómicas e repassando as muitas que no Porto corremos juntos — quantos anos passaram! — trouxe-me ela a figura daquela chupada Iva dos chapéus desaforados, quando, no

palco das *Variedades,* em noite de ensaio do *Roberto-o-Diabo,* «se pegou» com a grande Concha das muitas carnes. A noite era fria e triste; escasseava a luz nos bastidores; abria-se-nos em frente, desmesuradamente, o negrume da vasta sala onde as sombras davam batalha; os artistas, silenciosos, sorumbáticos, pareciam sucumbir, após o ensaio, ao peso daquele enorme *Roberto,* cuja paródia eles alçaram à mais ululante tragédia; tudo se fizera soturno em volta e foi boa de ouvir a rica linguinha das duas meninas, as réplicas velhacas, serenas e cantadinhas com que a Iva, afinando a voz, ferroava a outra; e os gestos desta, de que peregrina indecência!... O que elas disseram de seus ocultos vícios e secretas baldas levantou labaredas de concupiscência por aqueles desertos gelados e no momento de se agatanharem até o próprio *Roberto-o-Diabo* parecia desopilado.

Depois representou-se-me a briga de D. Maria Clara da Silva e a cozinheira, a que também assistimos — lembras-te? — quando, inadvertidamente, a criada nos introduziu no salão da amorável viúva, aposento que mais tinha de capela, graças à profusa ornamentação de santas imagens nas paredes, e uns alvos panos de croché que desciam das consolas, como de veneráveis altares. Ali, e sem embargo da pulcra aparência do lugar, se descompuseram as

duas, mais de hora e meia, desapercebidas de toda a modéstia e cautela, abrasadas em raiva e ferindo injúrias, que eram altos primores de estilo fadista. Ali ouvimos nós, pela primeira vez, certa frase sugestiva dos mistérios de Lesbos, horrível por grosseira, mas perfeita — ousarei repeti-la? não me atrevo... E é talvez pena, porque nunca em frase tão concisa se rasgaram mais vastos horizontes de sensual orquestração!...

Transpondo os anos que passaram sem que nos avistássemos, e achando-me contigo, pela primeira vez, em França, vejo reproduzido, com todas as suas minudências, o interessante episódio da última ceia no *Sylvain*, a disputa das duas meretrizes, que se manteve — ó pasmo! — enluvada e sentimental, rematando com o pranto angustiado da suave bordelesa, excelente na arte de chorar; episódio característico, graças à intervenção do jockey solerte, produto anfíbio da vasa de Paris. Como era linda a bordelesa e como lhe arfavam e luziam debaixo da renda negra os seios túmidos: as duas belas «flores silenciosas» lhes chama gentilmente o Heine, se bem que de todas as flores conhecidas sejam essas as que mais e melhor falam...

E eis aqui está o que deveria ser genuína amostra do livro inútil que vais ler; mas como isto não é chita que se vá buscar à loja e que se meça às

varas, não estranharás, caso encontres o livro muito outro da amostra... De qualquer maneira e conforme o título — algo extravagante —, escolhido à falta de melhor, de *Inventário de Junho,* ele será o exclusivo repositório do que eu for escarafunchando e tirando às recordações da minha vida, no decorrer deste calmoso mês de Junho, começado hoje.

AGRIPINA

A presença de amigos e mesmo de simples conhecidos envenena o encanto das viagens. Viajar, sòzinho. Nada que importune mais do que a opinião, a alegria, ou a tristeza, ou os caprichos daqueles de cuja existência devemos participar quando corremos mundo em busca de sensações ou de repouso. Lugares há até onde nos achamos de mais a nós mesmos; uma tarde, em certa alcova do Museu Plantin, preciosa pelo arranjo antigo, genuíno, a minha própria imagem sùbitamente entrevista num espelho de Veneza irritou-me como se fora anacronismo irremediável que lhe estragasse a harmonia. Abomino os companheiros porque me impedem de «ver» mesmo se louvam a propósito: é uma vontade estranha à minha vontade, odiosa interrupção a dispersar-me os sentidos, ou pior, solicitando-os, concentrando-os quando justamente

a imaginação flutua indecisa ou livre, enlevada, longe, muito longe de tudo. Viajar, sòzinho e sem plano, sem guia.

Há dois anos, em Maio, quando, no regresso de Veneza, andava por Génova à procura de vapor para Marselha, fui perguntá-lo na agência Rubattino. — «Para Marselha não temos vapor, mas se quiser para Nápoles sai o *Marsala* esta tarde» — respondeu-me distraìdamente um velho empregado. — «Pois dê-me bilhete para Nápoles» — disse-lhe eu, alegre pelo desconcerto da resposta. Foi assim que alarguei deliciosamente essa viagem, passando, depois, de Nápoles à Sicília, à Tunísia, à Argélia. Na manhã daquele mesmo dia decidira voltar sem rodeios a casa.

Por desgraça, sobretudo lamentável no raro imprevisto, tão auspicioso, com que encetara a inesperada viagem, foi-me impossível, a bordo do *Marsala,* evitar relações com o Barão R., calabrês versado na política, na poética, na diplomacia. Portanto cerimonioso, imaginoso, de finíssimo trato, obsequiador. Tive-o por companheiro, como à minha própria sombra, durante os dois dias infernais que se demorou em Nápoles, onde era conhecido de toda a gente. Não me faltaram apresentações a condes e a príncipes de nariz burbónico; levou-me aos melhores cafés-concertos de música francesa;

recomendou-me a duas hetairas parisienses que traziam a «goma» toda, napolitana, espevitada. Já se me não desmanchava o sorriso que arranjara, perpétuo, para aquela festa; ìntimamente rogava pragas temerosas ao barão e desejava-lhe a morte com ardor, a cada instante. Mas por fim ele abalou para Corigliano, donde era natural.

Indizível a alegria de ver sumir-se o negregado companheiro, o qual por enervantes diversões me afastava da vida verdadeira que eu sentia tumultuar a meu lado, no burburinho, no alarido da multidão, donde partiam nomes sedutores — guiões de seda cor de laranja desfraldados às brisas matutinas: «Posilipo», «Salerno», «Puzzuoli», «Castellamare»!...

Pus-me na rua de madrugada para voltar ao hotel setenta e duas horas depois. Perdi-me, confundi-me, esqueci-me na agitação daquela vida exuberante que redobra e cresce com o dia até alagar a cidade toda e soa muito longe, pelos campos, pelas encostas dos montes, qual o marulho do mar nas grutas dos rochedos. Que ondeante impressão a desses três dias! Ainda me cega o sol, ainda me atordoa o estrondo desses três dias loucos!

Passava as horas de maior calor na feira de Strada Foria a ouvir os chiromantes e os charla-

tães; se sentia fome vinha a Santa Lúcia comer *frutti di mari* nas barracas da praia; segui procissões, não sei quantas, que eram como serpentes de flores rompendo searas humanas, ondulantes, sem fim; levava as noites escutando as improvisações do *Policinello* em certo teatrinho popular, inverosìmilmente minúsculo, mas tão pequeno que as saias da bailarina, cujas danças rematavam o espectáculo, pareciam pairar como nuvens espumosas sobre a plateia. Essa bailarina deslumbrante, ídolo do povo desvairado, tinha o quer que fosse da sereia Parténope, a atracção, o enlevo, o mistério da «onda traiçoeira». Depois, ao romper da Lua, ia deitar-me ao pé do mar, que, em Nápoles, não é mais do que uma suposta realidade, reflexo do céu, vagas, absorventes transparências onde o espírito se envolve e repousa esquecido. Deixei-me dormir, uma noite, nas vinhas de Posilipo, à beira da mais alta e escarpada rocha; havia perto um jasmineiro cujas flores vinham roçar-me a cara. Adormeci embalado pela suavíssima canção desse mar; acordei quando o Sol nascia!... Todos os dias visitava, à mesma hora, a pequenina Giudetta Gigli, que certa rufiana me oferecera em «via Toledo». Giudetta era bergamesca e talvez judia. Tinha doze anos, o cabelo vermelho como chamas na escuridão da noite e leves reverberações de aurora nos seios agudos.

Recebia-me nua, cercada das labaredas do cabelo solto, estendida — toda ela miùdinha e perfeita — no leito imenso, sobre uma colcha de damasco carmesim...

Mas três dias dessa vida extenuante embotam os sentidos, despedaçam os nervos, dilaceram os músculos. Tornei ao hotel, mandei arranjar a cama ao pé da sacada do meu quarto, que era no quinto andar e abrangia a vista do golfo até Sorrento e Capri. Deitei-me; de quando em quando abria os olhos para a pacificadora harmonia daquele quadro. Depois de haver descansado o necessário fiz--me novamente no convencional turista amador das artes: comecei a correr igrejas e museus.

Para quem não visitou o Museu de Nápoles e as ruínas de Pompeia, a Grécia antiga será sempre mera convenção, mais admirada por espírito rotineiro ou timorato do que pelo sentimento real das suas belezas. As portentosas revelações isoladas escapam à intimidade ingénua da nossa estesia. A incondicionada perfeição da *Vénus de Milo* é inexplicável, inerte; os mármores do Pártenon mais provocam tristeza no duro exílio londrino onde esmorecem; os barros de Tanagra fácil é imaginá-los parisienses, modernos e efémeros... Admite-se que um Taine qualquer, feliz no atrevimento, conse-

guisse levar até Atenas a justificação de insignificantes teorias; tão-pouco nos confrange que a Grécia ficasse reduzida a certa fórmula banal para uso de críticos e filósofos. Por fim, que demónio nos importa a nós a Grécia, mãe, avó, das artes? Depois dessa Grécia concreta e limitada ainda a vida se tornou mais intensiva, ainda se imaginaram mais fulgurantes quimeras, ainda se alargou mais a alma humana!

Mas varia-se de juízo quando se entra no Museu de Nápoles, ao entrever uma ponta da realidade transcendente, tão infinitamente distante da Grécia de papelão envernizado e sarapintado com que nos iludiram sempre livros conspícuos e riquíssimos em sabedoria positiva. Hoje explica-se a «alma grega»! Nunca o homem foi tão insolente, mesquinho e desprezível como hoje!

Os utensílios de cozinha, simples caçarolas, fogões económicos, chaleiras; os móveis das casas, as jarras e cântaros de barro com figuras vermelhas; tudo o que era produto comercial e corrente da indústria grega vale mais do que as mais raras obras-primas da arte moderna contemporânea. Tudo quanto a renascença italiana criou, genial, empalidece à comparação esmagadora dos estuques decorativos, dos «frescos» deteriorados, das estatuetas oxidadas que se exumaram das habitações de Pom-

peia e Herculano, antigas colónias gregas, mas terras de província. Desse conjunto resplandecente, por onde se adivinha a glória de Atenas, cresce então não sei que luz inicial a alumiar-nos as maravilhas isoladas. Já a *Vénus de Milo* sorri intelectivamente e lhe ruboresce a carne o calor da vida; já se estremece ao contemplar a melancolia eterna da *Psique Mutilada;* já os mármores de Elgin se levantam rutilantes — como que suspensos na grande luz do Sol — e vêm, formas astrais, imobilizar-nos a fantasia, a nós, que rebuscamos a alma das coisas insensíveis e queremos narrar a expressão dolorida das rochas solitárias e sondamos dentro de nós mesmos as lamas geladas do egoísmo e da maldade, para com elas enlambuzar as próprias faces! Que ridícula agitação a nossa, de hoje! Ah! deliciosas, consoladoras figurinhas de Tanagra!

Surpreendem, no *Itinerário a Jerusalém,* as atitudes que o Chateaubriand toma, a um tempo ingénuas e nobres, quando vai correndo a Grécia devastada, toda ruínas, solitária. Da sua alma brotam frases de magia, que reedificam os templos, levantam as estátuas derribadas — perdidas para sempre! — animando aqueles descampados só com o prestígio da sua voz. Admiro-lhe a simplicidade grandiosa do estilo, que desenha as formas e as

ideias primorosamente, sem a extravagante pregaria de adjectivos, agora indispensável à nossa inteligência de bárbaros, para reproduzir o mais trivial efeito de cor, mas sobretudo entusiasma-me a naturalidade, o pouco artifício, com que ele chama à vida as poderosas figuras heróicas a cuja aparição os seus quadros se tornam sublimes. Essa força genial evocativa, tão espontânea, traz aos seus clamores, às suas lamentações, às suas lágrimas, não sei que realidade sentida, não sei que saudade, que melancolia, como de quem tivesse participado daquelas glórias e as relembrasse na aflição da terra desolada, com a amargura consciente da contemporânea miséria de hoje. Era uma página de romance, de poema assim vivido — quem a pudesse imaginar! — que conviria refazer para alinhar o tropel de impressões que se experimentam durante duas horas, levadas nas ruas de Pompeia, sòzinho, em uma noite de Junho cheia de luar.

O dia todo fora já um sonho inenarrável, passado na ilha de Capri, que é uma rocha luminosa, rosicler gigantesco, emergindo das safiras do mar. Da ilha de Capri não fica na memória lembrança que se traduza por comparações plásticas. É a magnificência da luz vibrante, ondas de luz resplandecente que tudo envolvem de oiro e pedrarias: um montão de gemas, talvez. Ali, os caminhos seguem

por agudíssimas arestas de diamante, sulcando o céu: os caminhos ideais da apoteose. Interiormente, a ilha, minada pela água, é como o coração de um prisma onde a luz se decompõe nas cores mais ricas. Há a «gruta branca», eriçada de estalactites, cristalizações de oiro vermelho, roxo, amaranto; a «gruta verde» pelos recamos de esmeraldas e ametistas; a «gruta azul» que funde a carne nua em prata viva: os corpos dos meus barqueiros, que se despiram para nadar naquele fluido misterioso, ondeavam à superfície como laivos opalinos no brilho celeste das turquesas. Só a Loïe Fuller, a verdadeira, na fantasmagoria das suas danças, pode plagiar, imperfeitamente, a ilha de Capri.

A Loïe Fuller é um corpo ágil, flexível, de mulher formosa, emergindo das trevas dentro da vacilante chama do ponche. Mas a ilha de Capri é a chama louca, irradiando em cambiantes infinitas, à face ardente do próprio sol. — Larguei Capri de tarde. De Capri a Torre Annunziata levámos oito horas, em bote, à vela. Às portas de Pompeia (no restaurante de *Diómedes!*) esperava-me o guarda que me acompanhou às ruínas.

Querendo rever ainda e pela derradeira vez Pompeia, levantei-me bem cedo no dia seguinte, domingo, durante o qual se franqueiam ao público

as ruínas. É o dia mais próprio para as visitar, porque se anda livre de impertinentes cicerones e a gente que por lá se encontra são camponeses dos arredores, não desentoando nessa penetrante harmonia tão bàrbaramente como os turistas encartados dos dias de semana.

Quando voltava ao restaurante de *Diómedes,* em busca do almoço, reparei na formidável agitação que ia pelas estradas, cheias de carros com armações de flores e verdura, e do barulho atroador dos guizos, das chicotadas, dos gritos, das cantigas, em altas revoluções de poeira doirada, levantadas na embriaguez do sol rútilo, alvoroço ainda mais doido do que o costume; havia festa de extraordinária devoção em uma aldeia próxima. Aluguei um carro também, logo tomado da irresistível febre de movimento em que se desdobrava o alegro daquela romaria, seguindo-a por paisagens abençoadas, suaves promessas de eterna felicidade que limpam a alma de toda a cerração anuviadora e só deixam lugar ao encantamento infantil de quem divaga por jardins de fadas.

Levou-me o cocheiro a Castellamare, murmurante eufonia de vaga prateada morrendo na areia.

Entanto que descansava o cavalo fui ver a terra. Na extremidade do molhe dei com uma alu-

vião de rapazes que se banhavam no mar, justamente pela tremulina do sol. Eram mais de cem, e nus, abraçando-se, lutando, resvalando na esteira cintilante onde a luz redobra, fere, estonteia. Mas, apenas me viram, nadaram para o molhe, mergulhando em cadência, para reaparecer mais perto, já no azul sombreado da água, como bandos de golfinhos. Atirei-lhes moedas de cobre, que eles iam procurar e apanhar com a boca ao fundo do mar, volvendo, ofegantes, à superfície, por entre cachões de espuma, os corpos meio soltos da onda, estorcendo os braços, a escorrer prata. Depois, novamente dispostos em cardumes, voltavam a aglomerar-se junto ao molhe. Repetia-se a batalha, debandavam, retrocediam. Alguns, já rendidos, agarravam-se e ficavam pelas escabrosidades das rochas; outros estiravam-se, embalados à tona da água, com as mãos cruzadas debaixo da cabeça; outros subiam ao molhe para secar o corpo ao calor das lajes e era deliciosa de observar a variedade de tons delicados, desde o rosa pálido até ao bistre carminado, por que passava a carne daquela multidão de formas nuas, ou aquecendo ao sol, ou desmaiando no cristal azulado da água. — Veio o cocheiro interromper o curioso espectáculo para me levar a Monte Coppola, termo do meu passeio.

A ascensão ao Monte Coppola faz-se de carruagem, mas por verdadeiros caminhos de cabras, cortando a espessura frondosa dos castanheiros mansos, dos medronheiros e dos rosais silvestres, ou debruando abismos cavados em rochas que dominam de muito alto o golfo até Ischia e Prócida.

O mesmo panorama que se desfruta da estrada ideal que leva de Castellamare a Sorrento, mas entrevisto por surpreendentes, inesperadas clareiras e em diversas perspectivas.

Subir assim aquela montanha, a recapitular emoções ainda latejantes, tão peregrinas, tão intensivas e de uma incitação tal que a inteligência parece subjugar a vida e absorver toda a fragrância da felicidade humana, deveria alagar o coração de uma idealidade inédita, que empolgasse o intangível e para todo o sempre nos matasse a sede insaciável de «sentir».

Pois fez-se-me no pensamento a absoluta calmaria que, sem preferências e sem comoção, reflecte as mais doces ou as mais tenebrosas imagens e desinteressadamente as vê sucederem-se ou desfazer-se com a silenciosa indiferença de um espelho sem alma. Nessa calmaria, porém, perpassava a agonia de não poder lembrar-me do quer que fosse inverosímil e real que devesse galvanizar-me e me trouxesse à imaginação o espanto desejado para

romper a harmonia que me cercava, já fastidiosa, já insolente, por impecável.

A hipnose frutificou sem demora, pois logo, descendo a montanha, no embevecimento da tarde que esmorecia, entre clarões de púrpura, oiro, cobre e sangue onde rolava o Sol, deparou-se-me a figura da *Mãe de Nero,* trazida para ali das paragens do sonho, tal como no-la representa a estátua do Museu de Nápoles. Sentada, reclinando o corpo admirável na atitude complacente de uma deusa que escuta os homens, irresistível, quimérica, mas sorrindo com a expressão cautelosa, humana, de quem disfarça os negrumes da alma. Assim a deveria ter olhado e desejado o filho incestuoso. Precisamente deu-se a misteriosa evocação quando o meu carro parou, por cima de certa enseada pequenina, cavada pelo mar na rocha viva, enseada graciosa, solitária, com uma faixa de areia branca em forma de alfange, dum brilho singular. Sombreavam-na as copas de imensos castanheiros debruçados sobre a rocha, e dava-lhe acesso a vereda verde de rosais silvestres que corria pela frincha de um penedo, enorme, estalado.

Ali, talvez, viera o seu formoso corpo dar à praia!

Então eu «vi» o filho que chegava, coroado de mimosas e açucenas, abeirar-se daquele corpo ainda

tépido e flexível, levantar-lhe a alva túnica de lã listrada de amaranto, tocar-lhe nos seios túmidos, e «ouvi-o» louvar a perfeição do tronco voluptuoso, a curva suave do ventre ondeado, a leveza dos braços gráceis, os pés de jaspe; depois voltar-lhe as costas, tão desdenhosamente, e desaparecer na vereda dos rosais silvestres, levado pelo braço do seu amante, dele, preferido, para outros desvarios talvez inda mais fundos. Isto fora talvez ali mesmo, naquela mesma celestial paisagem. Poderia a imaginação do homem inventar uma tragédia assim?

MÚSICA A PORCOS

A figura do meu tio João José é a mais bela, afável e pitoresca de quantas perpassam pelos quadros da minha infância, que eu me ponho às vezes a esborralhar. Nenhuma outra me acode à memória, lá desse passado nevoento, com tal nitidez de contornos e imarcescível colorido como a pascoal figura do agigantado velho que amiúde me entrava em casa, gritando: *Manólilho! Manólilho!...* e me ia buscando por todos os aposentos, vagarosamente, a repousados passos, que o bater forte da bengala no sobrado assinalava de longe. Todo este ruído me era sempre gratíssimo e infalível prenúncio de carícias e rebuçados...

Quando eu nasci corria o tio João José para os oitenta anos da sua infatigável vida. Morgado em minguado vínculo, aventurara-se à primeira emigração liberal, fora da *Belfastada,* do *Mindelo* e

do *Cerco,* e participara dos doirados loiros que a munificência constitucional distribuíra aos «sete mil e quinhentos», cabendo-lhe em sorte a alfândega de Vila Nova de Portimão, na qualidade de seu director encartado. Não considerava o agraciado este cargo rendoso galardão bastante aos serviços que prestara, mas nele viveu satisfeito, sempre fiel à reluzente prole do Senhor D. Pedro IV e mantendo inalterável o mais acrisolado bom humor e o mais privilegiado apetite que até hoje concorreram na pessoa de ex-emigrado liberal.

De suas viagens e peregrinações só lhe ficara a leve pecha de estrangeirar certos nomes; daí vinha o afectuoso *Manólilho* com que me brindava, e não suspeito que outras tinturas de cosmopolitismo lhe alterassem a genuína prosápia de «Portugal velho»; passada a raia, quase que para ele não havia mais que *franciús.*

Não se azedara o tio João José nos barracões de Plymouth, antes fortalecera a alma e o corpo com os trabalhos da emigração; aos oitenta anos conservava-se saudável e alegre, bem aprumado no comprido redingote, a cara rosada e escanhoada emergindo das muitas voltas da gravata, ainda posta à moda de 1830, e um discreto sorriso, que os seus brancos dentes remoçavam.

Passava eu invariàvelmente os domingos, dias abençoados por absoltas travessuras, em casa do prazenteiro velho, o qual vivia com a sua única filha, senhora bondosíssima e bonacha, viúva de certo bonifrate que representara bastante na Patuleia, usara espartilho e deixara a mulher sem descendentes.

Pai e filha levavam a mais calma existência que imaginar se possa: ele entretido a delinear guisados esquisitos, com que se repimpava impunemente três vezes ao dia, e ela enlevada nas eternas partidas de «manilha bonita», onde colaboravam as suas duas constantes amigas, companheiras e comensais, D. Rosa Penedo e D. Maria Vitória Arroio, velhas solteironas, saturninas e feiíssimas. Horrendas! mas D. Rosa Penedo sobretudo, e rabugenta e curiosa e despiedada. Nunca luziram dois olhinhos assim pequeninos, negros e esquadrinhadores em face tão larga, espalmada, branca de cera, quieta, freirática. Possuía D. Rosa, nos canos das ventas desaforadas que Deus lhe deu, o faro, finíssimo, da raça perdigueira, com que aventava os mistérios que porventura lhe escapulissem à vista perscrutadora. Foi ela quem me farejou uns inocentes cigarrinhos de alfazema, fumados muito às escondidas nos desvãos da cozinha, mas onde o criado que mos preparava misturara não sei que longes de tabaco. Era em

noite de reunião, sempre asada a coarem desapercebidos semelhantes crimes; chupei com delícias o fumo da alfazema e apresentei-me na sala muito sonso, mas D. Rosa, apenas me lobrigou, acenou-me carinhosamente do seu lugar. Acerquei-me sem maior pressa, e ela, a pretexto de me amimar, passou-me demoradamente a mão pela cara e levou-a logo ao nariz.

— O menino já fuma!? — foi a consequente estocada que me vibrou e de que ainda hoje sinto trespassado o coração, tão grande, geral e profundo alvoroto provocou, em mim e na assembleia, a horrenda descoberta. Pudera! gastar tabaco aos cinco anos de idade! Investigou-se, com acerto, o corpo de delito no meu bafo. D. Rosa bradava que me remetessem *in continenti* à justiça paterna, sob a acusação de fumar de cachimbo, sem se compadecer do amargurado pranto em que eu me debulhava. Tornou-se necessário ao tio João José interpor a sua autoridade para me arrancar às garras da desalmada. — Deixem o mocinho, não atormentem mais o mocinho — dizia o bom velho, tomando-me nos braços —, pois tu não vês que tudo isto é brincadeira, parvo!

Não estava má a brincadeira! Acredito, verdadeiramente, que a Penedo seria capaz de me salgar os bofes, se lho consentissem, tão entranhada ini-

miga ela era de tudo que recendesse a mocidade, a alegria e a tabaco de fumo.

Vingo-me eu agora saboreando o enojo que a velha sofreu e de que se queixou muitíssimo, duma vez que o tio João José, sempre vaidoso dos requintes da sua mesa, convidara a jantar certo inspector alfandegário, trunfo de grande polpa e assanhado cabralista, que viera ao Algarve, por motivos concernentes à renda do «pescado». Folgava D. Rosa com estas visitas de cerimónia, que lhe davam ensejo a mostrar quanto sabia de reverências e cortesias palacianas, e nesse dia pulava-lhe o coração de contente, entanto que aguardava, na sala, em fofo canapé, com as outras duas senhoras, a chegada do hóspede conspícuo. Este entrou pelo braço do dono da casa, mas no momento das apresentações o tio João José, encarando naquelas lindas damas, todas três ali juntinhas e parelhas, exclamou, em tom pomposo, para o inspector: «As três Graças!»

O tio João José agravou os efeitos da facécia observando mais tarde, à recriminadora D. Rosa, que ele, ele é que se assustara com os sinais de raiva que lhe divisara no rosto.

— Fuzilavam-lhe os olhos, senhora D. Rosa; entre mim comparei-a a fabuloso basilisco!...

— E poderia o senhor João José dizer-me o que entende por basilisco?...

— Basilisco, minha senhora, era a terrível serpente que se engendrava em ovo de galo velho, chocado por um sapo, e tinha poder mortífero no olhar!...

Não vale a pena rememorar os repentes do bem humorado velho, onde também se engendrara a pesada cruz da sua defunta esposa. Mas sempre quero contar o que ele respondeu à mulher, em noite de sarau, quando a pobre o repreendia, por não sei que demasias de linguagem, com a inocente frase:

— Ah! estes Teixeiras são o demónio!...

— São o demónio, sim, minha senhora; são o demónio, mas nasceram com o rabo às avessas, para prazer de V. Ex.ª...

Mas, voltando à minha história. Em um desses deliciosos domingos de casa do tio João José, onde sòmente D. Rosa fazia sombra, abriram-me os moços da rua a cabeça, em dois lugares, com uma valente pedrada, durante a ferina batalha que eu lhes dera, a armas iguais, do alto da varanda que deitava para a barbacã da vila. Passou-se o tremendo caso à hora da sesta, e quando as Pulquérias, as Silvérias e as Gaudências — da raça de criadas

que já desapareceu —, ainda estremunhadas, me viram escorrendo em sangue, romperam no mais desatinado choro, nos clamores mais patéticos e alvoroçados que estrugiram à face da terra depois do cerco de Tróia. Imagine-se o sobressalto dos meus parentes, mas ninguém se aventure a conjecturar o justiceiro contentamento de D. Rosa, Cassandra que havia muito futurava aquele mesmíssimo desfecho às minhas loucuras.

Entretanto se chamava pelo médico, pelo barbeiro, pelo boticário, e se anunciava a desgraça a meus pais, D. Rosa Penedo repetia-me sem cessar, ora rijo, ora ao ouvido, em guisa de consolação: — «O menino tem artes de Luís Rodriguez» — palavras que, mercê do tom sibilino em que as pronunciava, se me gravaram na massa cerebral tão indelèvelmente como no coiro cabeludo a recordação da pedrada...

A habitação da minha avó, desabafada, espaçosa, rica em aposentos abandonados e quintais variadíssimos de cuja fantástica disposição nem os jardins *Boboli* me depreciaram a prestigiosa reminiscência, competia e levava até vantagem à do tio João José nas miragens de livres e imprevistos regabofes por que suspirava a minha infantil turbulência, sob a pesada vigilância paterna. Lá man-

dava eu, como impunível tirano, sem que D. Rosa alguma me remordesse os desatinos.

A avó morava em Ferragudo, alvejante aldeola levantada em pirâmide, sobre íngreme rochedo, no outro lado do rio, que ali forma vasta bacia para depois correr ao mar, por largo canal, entre duas fortalezas desmanteladas. Vivia com três criadas e repartia da sua mesa com a prima Maria Bárbara, a qual, todos os dias que Deus deitou a este mundo, no decurso de trinta e cinco anos, lhe assistiu às refeições e lhe dispensou infalível e doce companhia.

A prima Maria Bárbara tinha compleição de cronómetro: o seu aparecimento marcava oito horas e meia, em ponto, da manhã; e desaparecia às oito e meia da noite. Durante o dia ocupava-se em delicados trabalhos de empreita e à tarde lia em voz alta, pausada e agradável, conquanto um quase nada ceceosa, trechos do *Novo Testamento* ou das *Vidas dos Santos* ou das ainda piedosas *Leituras Populares*. Compunha-se o auditório do respeitabilíssimo sínodo de tabaqueiras comadres que acudiam sempre a aguardar o terço e o chá com torradas.

Também lá por casa do tio João José, D. Rosa escumava nas suas leituras, em voz alta e fanhosa, às duas companheiras, mas leituras profanas e emocionantes, quanto o *Popular*, o *Notícias* e a *Revolução de Setembro* lhas podiam propinar; naquela

época pendiam as «três Graças» da *Ressurreição de Rocambole.*

Era a prima Maria Bárbara a acabada antítese da espevitada D. Rosa, em leituras, como em sentimentos e em tudo. Tremia das prevaricações do século, mas perdoava, humilhava-se, sofria. Afligiam-na certas injustiças sociais, como os penedos soltos a Sísifo, sem que às ladeiras da alma lhe assomasse, nem por sombras, o clarão da revolta. Renunciava, resignava-se, padecia. O tema predilecto das suas meditações fornecia-lho a triste condição da mulher cá neste mundo. Em verdade que é bem desgraçada a sua sorte, sempre na dependência, sempre sujeita, sempre escrava do homem. — Esta escravidão era puramente nominal na prima Maria Bárbara que morreu solteira aos noventa anos e foi justificadamente para a cova de palmito e capela. — O homem! com que respeito não falava ela desse leão impávido que arrogara a si todas as regalias, todos os prazeres, toda a autoridade. O homem, tem lá comparação! Se até na velhice o reputam mil vezes superior à mulher. — Vede-o aos sessenta anos: ancião venerável. Escutai o que se diz da mal-aventurada que chegou à mesma idade: horrível megera! Ai! que desgraçadinhas somos!

Minha avó comungava nas conformadas ideias da prima Maria Bárbara, o que me não causou

pequena admiração, mais tarde, quando soube o muito que ela passara com o algo tresvariado do meu avô. A pobre, casada aos treze anos e viúva aos vinte, tão farta saíra desses sete anos de agra servidão que recusou quantos ensejos se lhe ofereceram, e alguns excelentes, de repetir a prova matrimonial.

O marido suavizara-lhe a existência com surpresas deste jaez: acompanhou-a nas funções de Endoenças, toda uma semana santa, trajando casaca amarela que para esse fim, e com o máximo segredo, mandara talhar nos panos de uma antiga colcha de damasco. Como era a pessoa principal da terra, deu escândalo proporcionado à sua importância; Sexta-Feira de Paixão os povos circunvizinhos desertaram as respectivas igrejas para virem contemplar o mascarado de Ferragudo. Avaliem-se as torturas da infeliz senhora que padecia dobradamente no desacato por ser, ao mesmo tempo, esposa submissa e a mais devota encarnação da piedade.

Mas não convém multiplicar estes pormenores em que se retorce inùtilmente o plano do meu conto; saiba-se que a minha avó, sem embargo daqueles sete anos mofinos, só comparáveis aos do cativeiro de Babilónia, aplaudia as teorias da prima Maria Bárbara e nunca dava razão às irascíveis comadres

que amiúdo lhe vinham fazer queixas dos maridos, com hiperbólicos alardes das próprias virtudes.

— Reparta as suas virtudes com o seu homem, comadre, e verá como ele a há-de estimar.

A obediência hierárquica ao «homem» e o ódio aos judeus que crucificaram Nosso Senhor Jesus Cristo constituíam os pontos de ortodoxia social que, sem remissão possível, deviam ser aceites pelas damas que frequentavam a casa de minha avó. Quem mais se aproveitava de todas estas boas disposições era eu, neto primogénito do sexo forte e já com as exigências de quem tem consciência plena do que valem calças. Ninguém ousava contrariar-me, fosse no que fosse: era ali o meu paraíso, perfeito como criança alguma encontrou jamais.

Se me acontece hoje, perseguido da colmilhosa matilha das misérias desta idade razoável, demandar as florestas do «maravilhoso» em busca de refúgio ou consolação, é ainda a esses primeiros anos de Ferragudo que eu me acolho, como ao mais embelezador dos romances. Então alvoravam-me os esplendores da criação; as roseiras de Abril eram outros céus, verdes, estrelados de branco, golpeados de púrpura, e em dois punhados de areia da praia luziam-me tesouros de rajás. Então me desabrocharam na alma os primeiros vacilantes lírios da poesia, aérea flora sem vislumbre de realidade, mas

rescendente e matizada, com que o sentimento enfeita o que os olhos mal entrevêem. Alargou-se-me o pensamento no cintilante mar rasgado, evocativo, imenso, onde eu punha a velejar todas as minhas quimeras que por lá se perderam, porque não voltaram...

Sabia a prima Maria Bárbara de cor as *Mil e Uma Noites* e contava-mas de modo que a minha imaginação lhes saboreasse nas peregrinas aventuras todo esse infindo encanto do «prodigioso» que a inteligência infantil crê verosímil. Ajuntava-lhes ela uma noite inédita, formosíssima e tingida de irrefragável verdade, repetindo-me a história do meu bisavô, segundo Sindbad-o-Marítimo, que correra o mundo inteiro e se estabelecera por fim em Marrocos, onde ainda existem, na cidade de Fez, o seu palácio e o monumental chafariz que ele mandou lavrar para regalo ao imperador. De lá voltara com uma grande arca de ferro atochada de oiro, firme na qual se atreveu a pedir em casamento a filha do capitão-mor de Lagoa. Zombou o magnate da insolente proposta, mas o Sindbad observou-lhe que, se Sua Ex.ª se desse ao incómodo de vir a casa dele, Sindbad, talvez lá encontrasse com que relevar o despropósito. Foi o capitão-mor, viu o recheio da arca, atascou-se com os braços no oiro até aos coto-

velos e, deslumbrado, abraçou-se no futuro genro, chamando-lhe: «filho do seu coração».

O cofre que obrava tais milagres tinha-o meu pai então no seu escritório e não era pequeno o meu alvoroço sempre que o abriam na minha presença: rangiam-lhe os ferrolhos com penoso estridor ao torcer da enorme chave árabe, vincada de recortes e ranhuras; dentro, colgada no chapeado da tampa, uma fina renda de ferro encobria-lhe o jogo da fechadura, e a tinta escarlate de que lhe pintaram o interior, talvez nas imperiais serralharias de Marrakexe, escurecera, ganhando tons de aveludado estofo com o escorificar levemente esponjoso da ferrugem. Grande foi para mim o dia em que me concederam o uso de tão precioso cofre; mais tarde, na Alhambra, encontrei outro igual que pertencera aos Abencerragens, e lá está amparando a graciosa jarra de barro esmaltado, famosa entre quantas a indústria hispano-árabe nos legou.

Todas estas pequenitas alegrias de criança não vêm, com certeza, aqui muito a pêlo para dar realce à mordedora impressão que me causou a prima Maria Bárbara, daquela vez excepcional, única, em que, a despeito da sua carinhosa bondade, me quis repreender.

Lembrara-me eu de esconder, nas camas das velhas e assustadiças criadas de minha avó, alguns

caranguejos vivos, cujas turqueses lhes atanazaram as flácidas carnes quando as pobres se entregavam às doçuras do primeiro sono. Foi noite de infernal reboliço. Uma das vítimas, que não lograva soltar a escorregadia nádega esquerda dos apertos com que a filara certa caranguejola ruivinha, da pior espécie, teve a audácia de me entrar no quarto, praguejando-me e oferecendo-me uma roda de açoites. Tal atrevimento exprime bem a que elevado grau chegara a exasperação geral.

Ao dia seguinte, a prima Maria Bárbara, instada por minha avó a que me increpasse sem piedade, só encontrou na aljava dos seus vitupérios o seguinte dardo:

— Ai, menino, Deus lhe acuda com a sua divina graça, que essas são partidas de Luís Rodriguez!...

Mas quem era então esse tremendo Luís Rodriguez, cujo espectro se evocava para confusão das minhas travessuras?

— Esse Luís Rodriguez foi um grandíssimo perdido! — comentou a prima Maria Bárbara, benzendo-se, sem mais explicações.

Volvidos muitos anos, em quadra de férias grandes, encontrava-me eu a banhos nessa mesma Ferragudo, que então se me despoetizara consideràvelmente, graças a outros sítios que vira, cele-

brados por gente de gosto e que a minha presunçosa e plagiária estesia também achava incomparáveis. Era na deplorável fase de modorrenta intelectiva, por onde todos nós passamos, creio, que não admite belezas em paisagens ou figuras anónimas e nos atabafa todo o vislumbre de discernimento próprio, fase artificial, santuário erguido a modelos desgraçados, mas predilectos, fora dos quais tudo é idiota e insignificante.

Em tais disposições de espírito, mar e céu de província que não fossem extremadamente históricos pareciam-me indignos da minha atenção; Ferragudo perdera para mim todo o interesse e resvalara à condição de amargo desterro. Corria-me aborrecidíssima a vida, quando, em um desses dias mais desconsolados, planeei surpreender umas donzelas, às quais, por acaso e sem que me vissem, ouvi concertando-se para irem, em numerosa companhia, tomar banho à Praia Grande, na manhã seguinte.

Não logrei levantar-me tão cedo como desejava, na manhã da aventura; quando saí de casa e descia a rua íngreme que leva às escadas da Ribeira, já o Sol nascera por detrás da rocha onde a aldeia assenta e, projectando-lhe a sombra na superfície quieta do rio, reluzia a meio da bacia pelas restingas de areia molhada, avivava as casarias da vila fronteira com leves tons de carmim, mordia e des-

trinçava as massas verdes de arvoredo em que se envolviam os outeiros, alisava os cimos ondeantes das serras de Monchique e desviava cada vez mais para longe o céu do horizonte, a revessas de luz, despegando-o de umas nuvens amarulhadas e alvacentas que emergiam a poente.

Na Ribeira persistia ainda o crepúsculo opalino da beira-mar, frouxamente incendido às longínquas e crescentes reverberações do Sol. Voltavam as raparigas da fonte, sustendo os cântaros ao quadril, pelo caminho estreito que a vazante descobre no soco das aprumadas rochas: surgiam, ao longe, do seio da pedra húmida, incertas visões vaporosas, que a pouco e pouco tomavam vulto até entrar na aldeia em fieira de estátuas vivas, todas saídas do mesmo molde, como teoria de virgens que se houvesse apartado de um festival pagão...

Conservo fielmente insculpida na memória a paisagem dessa manhã extraordinária, porque à sua deliciosa claridade é que pela primeira vez se me ofereceu perguntar, entre mim, se Deus não enchera o mundo todo de uma beleza igualmente intensa, sem escolha de lugares, que só à nossa obstinada cegueira aparecem uns mais cativantes que outros. Naquele instante iluminou-se-me de novo Ferragudo com imprevistas cambiantes...

Saltei no bote que me esperava; logo o catraeiro remou rompendo em cadência a superfície da água ali estagnada, no sossego da sombra; mais além espelhava-se o rio e, ao passo que lhe roçava a luz do Sol, acudiam-lhe breves estremecimentos, arrepios de quem sente um hálito quente a bafejar-lhe a pele arrefecida. Das dunas que se ajeitavam na margem fronteira com recortes de ouropel, arrancavam de vez em quando os alvos maçaricos reais, aos pares, a linha certeira do seu voo, para se cravarem nas profundezas do céu, lá aonde o Sol mais resplandecia.

O bote vogava ligeiro apontado à barra que, suspensa das duas fortalezas desmanteladas, ondulava na imensidade azulada como balouço de espumas ali posto para recreio das ondinas; das vagas rebentadas soltavam-se umas efémeras aparências de corpos brancos, bracejando a espaços, à tona de água. Nenhum outro movimento perturbava a serenidade tão absolutamente calma da manhã; fora da barra, o mar, sem viração, esmaltara-se de todo o anil do céu.

Chegávamos à Praia Grande quando justamente o livre rancho de moças que eu buscava vinha entrando na água. Eram mais de vinte e todas elas sem mais roupa do que a velhinha saia branca enfiada no pescoço; pela maneira da saia saía-lhes o

único braço que tinham solto, o que as assemelhava a grandes bonecas de trapos, de configuração singularmente ridícula e só com um braço inteiro.

Mas essas bonecas endiabradas atroavam os ares sonoros da praia com desatinado alarido. Gritavam todas a um tempo, lançando-se ao mar destemidamente, salvo algumas, raras, que, sem por isso gritarem menos, se ficavam indecisas à borda-d'água, sem afoiteza para seguir as companheiras, e tomavam banho na babugem das ondas, em cócoras ou de bruços, depois de muito bem persignadas e com repetidas invocações à Virgem Maria que as livrasse do terrível tubarão, cuja boca é capaz de engolir navios de três mastros e na falta deles papar meninas que é uma consolação.

O bicho mitológico tomou naquela manhã a minha forma temerária, pois entanto que as donzelas brincavam no mar, despia-me eu, emboscado por detrás dum leixão, e nadava mansamente para o grupo. Ao mesmo tempo o catraeiro ia por terra apanhar os vestidos das moças e recolhê-los no bote.

A minha súbita aparição provocou indizível terror, consternadíssimo espanto, e tão exagerado rebate que logo se me afigurou tudo fingimento. Com a pressa de fugir rasgavam-se-lhes as desfiadas saias para dar soltura aos braços, mas soltavam-se também os seios atrevidos, desvendava-se o

mármore roliço das coxas e tudo o mais que o bom recato e a pudenda honestidade mandam que ande oculto. Debalde corriam as pobrezinhas pela praia, procurando a roupa que ficara dependurada nos cabides naturais das rochas. Duas delas, que sofriam de acidentes, puseram-se a escabujar na areia; tiveram as outras que lhes acudir e formaram roda. Roda foi ela que, apenas restituídas a si as duas falsas padecentes, desandou em festivo baile. Entoaram-se lindas cantigas, em coro, que se repercutiam alegremente nas solitárias anfractuosidades dos rochedos, e fizeram-se mil inocentes loucuras. A tudo aplaudia o meu velho catraeiro, erguido na proa do bote e grotesco como um sátiro...

A vida de casa da minha avó concentrava-se habitualmente na sala de jantar, onde se provia de modo igual ao sustento da alma e do corpo, graças ao resplandecente oratório que lhe era principal ornamento.

Ali levava a excelente senhora — ah! mas verdadeiramente boa e santa, que até parece impiedade trazer para aqui a sua sombra! — quase o dia todo, sobre largo canapé de palhinha, ao lado da banqueta de xarão verde-mar onde ela arrumava os livros de orações, a caixinha do rapé, e o seu indispensável bule de chá da Índia. A seus pés, na esteira

de empreita que forrava toda aquela metade da sala, aninhava-se a prima Maria Bárbara, encruzando as pernas à moda árabe, e a seguir, formando círculo, tomavam assento as visitas costumadas.

Esta metade do aposento, guarnecida sòmente com duas velhas cantoneiras e a marquesa de palhinha, abrangia o espaço compreendido entre as janelas que o alumiavam, uma do mar e outra do quintal, o qual, mercê da acidentada disposição do terreno, começava rente com a casa e ia trepando cerro acima, aos socalcos, até à cerca. O outro lado da sala, por onde se entrava, tinha, à direita, a mesa de jantar e à esquerda o oratório; ocupava o espaço devoluto entre o oratório e a janela do quintal um renque de cadeiras destinadas aos homens. As criadas e as comadres, com suas filhas, netas, bisnetas e trisnetas — entre elas havia quem pudesse contemplar tão bizarra descendência —, sentavam-se no chão, a partir do oratório, fazendo bicha que, enfiando pela porta de entrada, serpenteava no corredor até sumir-se na cozinha ou derivava para o quintal, onde, em tardes de Verão, as mais novas trabalhavam na empreita e palravam à sombra das parreiras.

Na tarde da aventura, por ser em dia de domingo, reunira-se numerosíssima assembleia femi-

nina; os homens raro apareciam antes da hora de rezar o terço. Assim como, de manhã, a paisagem se me revelara inopinadamente encantadora, assim, agora, aqueles tipos de esquisitas velhas me pareciam oferecer desusado interesse e tomavam à minha observação característicos relevos. Puxei duma cadeira para o vão da janela do quintal e fiquei-me a atentar miùdamente em tudo quanto elas diziam e faziam, como se fosse a primeira vez que as visse.

A heroína dos domingos era D. Paulina Pulquéria, que juntava à sua coreia a desgraça de saber inglês bastante a consentir-lhe que forrageasse nos romances de Anna Radcliffe; semelhante prenda conspurcava-a de heresia aos olhos da prima Maria Bárbara. Então, D. Paulina Pulquéria seguia, com a sua vozinha de grilo industrioso, na hebdomadária narrativa dos *Mistérios de Udolfo.*

Mas pouco tempo me deixaram gozar, sossegado, tão gracioso espectáculo; neste comenos entrara o sr. Apolinário de Almeida e Hungria, cavalheiro excedente em diminutivos, que, dadas as boas-tardes às «comadrinhas», logo me veio confiar o desespero irremediável das suas «negativas». A constipação crónica de ventre que o afligia, empedernira-lhe os intestinos; às faltas consequentes a tão deplorável estado chamava ele «negativas». Nos

seus raríssimos dias de «afirmativas» a família desertava-lhe a casa e a vizinhança a rua...

Ninguém empregou ainda linguagem assim rebuscada, imaginosa e apropriada como aquela de que usava o sr. Apolinário de Almeida e Hungria; basta citar que, para ele, o incerto, o misterioso, o esconso, tudo que não fosse claro, patente e lídimo, ou estava, ou saíra, ou tinha que sair do «ânus do impossível». Que cativa referência aos próprios sofrimentos! Já nos seus tempos de chichisbéu, quando cortejava a macróbia matrona a que se unira por injusto fado, tempos de suaves tratamentos e apodos alambicados, Ela fora para Ele: «minha tripa»; Ele para Ela: «meu redenho». Mas tudo muda: viviam agora, tripa e redenho, como o cão e o gato. Desses idílicos tempos só persistia, vestígio inalterável de amores platónicos, o «meu mais que tudo» com que ainda o distinguia D. Paulina Pulquéria, e a «minha cornalina» que ele lhe abonava edulcorosamente.

Mas ia-me o sr. Apolinário instruindo nos caprichos das suas férreas «negativas» quando julguei perceber que as raparigas, no quintal, aludiam, em frouxos de risos mal abafados, à aventura da Praia Grande. Dizia uma delas, a meia voz:

— E vocês não tiveram vergonha, em pêlo, como estavam?...

— Ora! O que havia a gente de fazer com o fato todo no bote! Se aquele demónio tem lembranças de Luís Rodriguez!...

— Ó sr. Apolinário — exclamei eu, ateada a curiosidade de repente e achando asada a ocasião para colher informações acerca do impertinente fantasma, de que já me havia esquecido — ó sr. Apolinário, quem era esse tal Luís Rodriguez?

— Ai meu amiguinho, querido amiguinho, meu rico amiguinho, peço-lhe por tudo quanto há, e pelas onze mil virgens, que me não fale desse maroto. Isso foi um malvadíssimo, um assassiníssimo, um desavergonhadíssimo, um patifíssimo, um velhaquíssimo...

Tal esbaforida erupção de superlativos em criatura tão afeita às blandícias dos diminutivos, como era o sr. Apolinário, projectou-me clarões medonhos sobre o espectro de Luís Rodriguez.

Quem fora o monstro, que infâmias perpetrara o malvado, que atentados, que sortilégios, que incestos?...

No dia seguinte comecei de inquirir metòdicamente para a biografia do malquisto personagem e logo verifiquei que Luís Rodriguez, boémio de índole e veia espanhola, deixara, com efeito, imorre-

doira e inquinada fama na minha terra e seus contornos.

Dissipara a vida perversa na guerra maquiavélica, infernal, que movera a todas as pessoas sisudas do seu tempo. O miserável rematou por instrumentar o último suspiro, também escandalosíssimo, com cínicas maldições, vociferadas à face atónita do bom pastor que lhe intentara mitigar a fome na hóstia consagrada. Este foi, porém, na história dos seus destemperos, o mais desculpável de todos, pois era fome de oito dias a que o celerado padecia e irrisório o lenitivo oferecido pela Igreja.

Custa crer que sob tão clemente céu e em região abençoada onde, seis meses no ano, ninguém indaga de proprietários para colher, arrebanhar e comer à farta os saborosos frutos de um pomar sem fim, haja quem sucumba à míngua de alimentos. Mas assim me testemunharam do caso oito marfadas velhas, todas insuspeitas, todas fidelíssimas estampas do mesmo depoimento onde avultava a certeza de que o malandrim expiara a solta existência nas torturas da fome.

Aventavam elas que a sua última ceia fora um livro de memórias eivado de desaires, maledicências e calúnias, de levar coiro e cabelo aos seus conterrâneos, que o desalmado preparara e condimentara em vistas de vingança e póstuma perseguição.

Fora também a sua última indigestão. A vila inteira e seus contornos rejubilaram e fumegaram nos aliviados respiros que toda a gente soltou ao saber do sumiço levado pelo temido manuscrito; a morte de Luís Rodriguez trouxe paz e descanso definitivo às consciências justamente alvorotadas dos seus patrícios.

Quando a caminho da cova os quatro irmãos de «S. Nicolau» lhe vascolejavam o ressequido corpo no tosco gradado da tumba, não faltou, entre ricos e pobres, quem lhe saísse ao encontro a escarrar no cadáver. O morto atravessou a vila ao som das janelas que as mães de família fechavam com estampido na sua passagem, por requintado ultraje, e rezou-lhe condigna oração fúnebre a pessoa mais nobre da terra, dizendo: «Arre, até que lhe estourou a peçonha nos cascos!»

Esvurmados rancores da província que à tenacidade da lepra juntam o visco da lesma!

Mas, afinal, a que vertiginosa altura se guindou no crime o abominável pária e por que artes milagrosas escapou ele à gadanhenta alçada da justiça?

Pois nem crimes, nem vergonhas, nem nada!

Muita burla sem trapaçaria, de mistura com veniais remandiolas, assim de panúrgicas mistificações, a que a irreverente queda satírica do boémio dava ressaibos de intolerável agrura. Como nunca

estremasse vítimas e lhe servisse sempre para as suas zombarias quem mais lhe estava à mão, logo de rapaz se fez odiado e temido de todos; mais tarde, exasperado pela miséria e pelo abandono, escarnecia de preferência nas mesmas barbas da gente séria e graúda.

Ao sr. Apolinário que, a pretexto de estabelecer fábrica de fidéus, viera, não se sabe de que sertanejos recessos, buscar à beira-mar a rica herdeira dos seus sonhos e aparecera, encalamistrado como o próprio Cupido e armado de bengala de pechisbeque para a safra do matrimónio, dedicara Luís Rodriguez uma cantiga denunciadora dos intentos do badameco, música e letra da sua lavra, que, pronto tornada popular na boca da gaiatada, lhe frustrou as esperanças em quantos *bons partidos* se lhe antolharam. Dali aquela superlativa cólera que ouvimos e que recrudescia, Deus sabe até que escandescências, se acaso alguém lhe cantava:

> Senhor Apolinário,
> peralta e frascário,
> quer casar?
> etc.

Luís Rodriguez, tocador exímio de requinta, não abemolava as cruezas das suas mangações nas doçuras do instrumento, antes se valia de quantos

sustenidos a música lhe fornecesse para mais variadamente aperrear as vítimas. Não foram poucas as vezes que o sr. Apolinário despertou, pelas horas caladas da noite alta, ao som da ária «Quer casar?», que o boémio, em serenata, lhe modelava na estrídula gaita, debaixo das janelas. Mais tarde, depois de arrimado o sr. Apolinário à dama idosa que lhe aceitara os requebros, continuaram os concertos nocturnos, na cruenta forma macabra que segue:

Quantas velhas, ai! em fralda de camisa,
Quantas velhas, ai! em fralda de camisa,
diz o defunto
que de luxos
não precisa;

Quantas velhas, ai! e qual a mais careca,
Quantas velhas, ai! e qual a mais careca,
diz o defunto
que não toque
mais rabeca;
etc.

A tão descaroável poesia opunha o boémio reversos de inspiração lírica; dele é esta quadra, feita em certame de descamisada:

Coração de seda negra,
com asas de Primavera,
quem nunca te conhecera,
nem o teu nome soubera!

A história de Luís Rodriguez dava para largo romance empapado de lágrimas, que não caberia, de grande, neste livro. Vou contar a anedota que lhe iniciou a fama de «Pedro Malasartes» e depois que se fique em paz nas fráguas do inferno.

Ainda muito novo namorou ele a filha de certo morgado, célebre pela belíssima raça dos seus porcos. Se os cevados do morgado alcançavam subidos preços nas feiras, bem mais valia, do que a melhor vara deles, a morgadinha, para os rapazes do seu tempo que, à uma, a requestavam.

Quem engordava os cevados, mercê de especiais receitas andaluzas, era o pai do boémio; este, por seu turno, quis dar expansão aos amoráveis dotes da menina, que lhe aceitou, gostosa, os galanteios, graças também a receitas importadas do mesmo abençoado país.

Foi idílio que teve ponto na valente surra mandada aplicar ao boémio pelo escandalizado fidalgo.

A égloga moribunda disparou em ânsias de vingança atroz e, como da rosa que fenece só ficam os vermes que a roeram, no coração do agravado moço não rastejavam outros desejos que os da vindicta justiceira e castigo despiedado.

Luís Rodriguez meditou, concentrou-se o que pôde, e decidiu acabar com a egrégia raça de cochinos, desacreditando-a. Projecto engenhoso,

absorvente, a que satisfaria talvez a sua genial inventiva, mas que só se realizou nas surpresas do acaso, à semelhança de tanta descoberta maravilhosa com que a humanidade se ensoberbece. Era preciso sugerir aversão à comida nos bichos devoradores, insaciáveis, e famosos sobretudo pela boa boca, pelo insofrido apetite, pela facilidade com que engordavam, alimentados fosse do que fosse.

Luís Rodriguez pôs-se a estudar cientìficamente o problema e nunca mais desamparou o cercado dos porcos a ver se da observação dos seus costumes e vida familiar reluzia qualquer indício que lhe favorecesse os intentos.

Haviam decorrido mais de dois meses depois que o boémio assentara barraca junto às asseadas pocilgas, sem que experiência alguma que tentava nos chacins surdisse efeito razoável, antes parecia que a cada nova artimanha se lhes exacerbava, por contraproducente alcance, a descompassada rafa.

Lançou-lhes nas pias quantas ervas amargas ou venenosas recolhia por montes e vales, peçonhas que redundavam em aperitivos e acirravam a gana das bestas a ponto de não haver mantimento que as fartasse, com grande gáudio do lavrador, a quem semelhante voracidade garantia excepcional engorda. Umas ajudas de sabão e aguardente que lhes

atiçou, por derradeiro expediente, cavaram-lhes impremeditados abismos nos seios da tripalhada.

Esvaída toda a esperança em recursos materiais, o desvairado ensaiou passes de magnetismo, que se baldavam na dura insensibilidade das feras.

Raivoso, resvalou à malvadez de lhes lavrar as roscas traseiras com ventosas que só lograram sobessaltar ligeiramente o morgado, pois o alveitar logo lhes diagnosticou as chagas de inocentes bexigas. Socorreu-se das inúteis artes de bruxaria e afinal, por misteriosa inspiração, leu-lhes os três primeiros livros da vida de *Dom Frei Bertolameu dos Mártyres,* que os cevados escutaram com notável embevecimento, só intercalado de jubilosos grunhidos.

Já não comia, nem bebia, nem dormia o moço, pobre e mesquinho, de tanto labutar. Mas um dia, buscando consolação na esquecida requinta, lembrou-se de a trazer para o cerrado; ali rompeu melancòlicamente em solitários prelúdios e o mesmo foi soltar-se do instrumento o primeiro trinado a ouvirem-se, nas pocilgas, desacostumadas e ferozes grunhiduras em estranho diapasão, com um alvoroço, um rebolliço de batalha.

Acercou-se o músico para ver o que ocorria, mas sem descontinuar as variações que encetara na requinta. Então é que ela foi; as saraivadas de

notas, caindo a prumo nos chiqueiros, pareciam assetear os toicinhos dos malfadados bichos que arremetiam uns aos outros ou tentavam pular às paredes do cerrado.

Luís Rodriguez, pasmado no extravagante espectáculo, suspendeu a música para reflectir e logo se acalmou o frenesi das alimárias; recomeçou nos arpejos e com eles a passada fúria que redobrava.

— Vitória! Vitória!... — bradou, louco de contente, o boémio. Depois, prelúdios sobre prelúdios, variações, árias e mais árias, recitativos, marchas, adágios, minuetes com alegros, prestos e tudo. E os porcos, marfados...

Oito dias deste regime puseram os cevados na espinha.

Dava o morgado tratos à imaginação para descobrir a causa de tal desperecimento; a conselho de pessoas competentes levaram os bichos ao campo a mudança de ares, fraco remédio, porque lá os acompanhou a encantada requinta. Muitos haviam morrido tísicos quando se desvendou o ardil.

Foi posto na rua o pai do delinquente, que se desquitou moendo o filho à paulada, e o rapaz ficou para sempre tido e havido pela criatura mais perniciosa que Deus lançara a este mundo.

A continuação da sua vida, desgraçadamente, deu aso a que a opinião pública confirmasse a sen-

tença dos seus inimigos, tanto é certo não existir maior escândalo social do que contender com a tranquilidade das pessoas conspícuas.

Decididamente Ferragudo com as suas paisagens, as suas desenvoltas raparigas, as suas pitorescas velhotas, o sr. Apolinário, a história de Luís Rodriguez, etc., valia a pena de ser olhado e meditado, mesmo por pessoa tão rica de conceitos filosóficos e poéticos como eu a mim próprio me julgava, à sombra da nova estética realista que então açambarcava a literatura pátria.

Claro está que nunca me atreveria a confessar o desgarrado interesse que me inspirava este vergonhoso canto do mundo, aos meus amigos, leitores das *Farpas,* estonteados nas aclamações com que o Ramalho ensaiava o uso do bidé, mas de mim para comigo resolvi mandar à tabua os tais amigos, embrulhados nas suas respectivas filosofias, e ficar-me em paz com os meus erros, devaneios e contemplações.

Mas aquele demónio do Luís Rodriguez não me largava a imaginação; como é que por tão fracos motivos a figura aliás inculpável do pícaro movera o rancor universal e tomara feição de abominável mito? Força era que na odiosa tragédia, onde toda a gente colaborara a fim de o supliciar,

se ocultassem impulsos misteriosos mas justificáveis por feridas cancerosas e obstinados ressentimentos, pois só de per si a desenvoltura de tocar solos de clarinete aos ouvidos do sr. Apolinário e dos porcos do morgado não explicava a execração que lhe encarvoava a memória.

Absorto em quejandas cogitações e espairecendo a vista nos páramos celestes, me encontrava eu uma vez, ao cair da tarde, lá pelas alturas do adro da igreja. As delícias do panorama extasiavam-me. Não recordo ter visto nada assim, «em azul pálido», de tanta suavidade na gradação, como os tons cetíneos em que aquela tarde bendita se resumia por vaporações lácteas e imateriais.

Desdobrava-se o azul de seda claro, sobre o mar dormente, ao lado doutro azul mais desmaiado de que se tingiam umas largas esteiras na aparência tecidas de flores de amendoeira, flutuantes, à tona de água; outras teias levíssimas, como azuladas, translúcidas escumilhas, enleavam-se no horizonte e cingiam-se à volta do céu que nem azul já parecia.

De todas as cores o azul é a mais insípida, sem a exultação do vermelho, nem os rebates de inexprimível gozo que o oiro causa, nem as melancolias sugeridas do violeta, mas assim esmaecido e repassado de branco era o mais pulcro manto de noivado com que o mundo se podia oferecer aos recamos

das estrelas cujas gotas doiradas já cintilavam, a espaços, no fundo obscurecido das suas pregas...

Apesar de embebido nos esplendores da natureza, tive de prestar atenção às altas vozes com que altercava um casal muito meu conhecido, junto ao adro da igreja. Mulher e marido, e numerosa prole; ele bêbedo, ela velhaca, os moços endiabrados, vivendo todos vida de assanhada batalha em guerreias perpétuas. Primeiro o marido desancava a mulher, que se vingava com a língua, mas invertidos os papéis era ela agora que o derreava a ele, quando e como muito bem queria.

— Você — bradava naquele instante o pai de famílias — nunca há-de passar duma grandíssima magana, como sua mãe e as relaxadas das suas irmãs... Grande bandalho que me tem gasto tudo, tudo, com os amigos!...

— Meu proveito, meu proveito — retorquia a megera, batendo nos peitos —, inda bem que lhe enchi essa cabeça de cornos só para ter o gosto de lhos quebrar todos agora!...

E, acto contínuo, começou de ouvir-se o espantoso ruído com que ela lhe fazia a mochadura.

«Caspité!», reflecti eu, reconciliando-me inteiramente com a província, «que estas são vozes de Homero! Pois que importa em tal país a lenda e o martírio de Luís Rodriguez?...»

O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS

Para entretenimento das longas noites de Inverno, tão tristes e tão frias, havíamos arranjado entre rapazes uns *saraus literários* onde — até! — se recitavam extractos dos *Sons que Passam* e amiudadas vezes se representavam, mesmo sem plano antecipadamente feito, extensas e comoventes cenas de tragédia antiga, em que «Nero» ou «Calígula», implacáveis, nos seus roçagantes de chita, apunhalavam para a direita e para a esquerda, com um ponteiro de pau, os escravos revoltados. E tudo isto se fazia com tal sinceridade, os tiranos possuíam-se de cólera tão verídica, que, se os escravos se não precaviam, era quase certo haver ferimentos a lastimar.

Nessa noite sentia-me extraordinàriamente feliz. Seria o cruel «Radamanto»; e mesmo antes de entrar em cena gesticulava com tanta veemência,

punha tal impetuosidade na forma como brandia o ponteiro, que, prevendo já alguma desgraça, aquele que me devia acompanhar no papel de filósofo, meu muito íntimo, exigiu formalmente que se partisse o bico à arma.

— Meu caro — argumentava ele —, a intimidade dos tiranos é sempre perigosa... Põe para ali o ponteiro, anda.

E, entre gargalhadas, respondia-lhe eu que nada temesse, pois nunca se veria tão manso imperante, assim como eu desejava ser, tirano suave e sem caprichos.

Nesse mesmo instante entravam na casa onde estávamos outros rapazes, e um deles, chamando-me de parte, contou-me que o Tomás, o meu grande, o meu querido amigo Tomás, morrera no Seminário, havia poucas horas. Quando o criado lhe levava o caldo encontrara-o morno já, virado sobre o coração: dois fios de sangue coalhado saíam-lhe pelas comissuras dos lábios...

Morrera o meu melhor amigo; momentos antes, justamente, o médico do Seminário, ilustração incomparável da Universidade, afirmara-me que estava salvo! Já não corria perigo, dissera-o aquele poço de ciência; mas a morte sabia mais do que ele...

Que súbita, imprevista, espantosa perturbação a minha!...

Logo se me abriu em frente a altíssima e silenciosa nave de uma igreja, toda resplandecente de círios ardentes e doiradas colgaduras, onde, em cada santo, em cada mártir, em cada crucificado eu reconhecia as feições do meu pobre amigo. Tudo ali dentro era silêncio e luz; os padres, vestidos de linho branco, deslizavam sem ruído, de capela em capela, espargindo bênçãos em que se acendiam invisíveis lâmpadas, ou prostravam-se, calados, diante dos altares. Era assim que a imaginação me figurava a apoteose, entre os bons, da alma refulgente do meu querido amigo...

Entretanto o meu coração, por maravilhosa e inconsciente transição, aproveitava os teatrais preparos em que pouco antes se encontrara, quando se propunha encarnar o tirano «Radamanto», para encarnar agora a dor — «dor imensa» — com idênticas manifestações pomposas e fingidas.

Compreendi que devia empalidecer e verdadeiramente no meu rosto a cor esmaeceu, como batida por fundíssimos sofrimentos; desejaria mais, ao receber a dolorosa notícia, levar a audácia até dar um terrível grito, como o rugido que, havia poucos dias, a «Paladini» soltara na *Maria Joana,* quando a desgraçada e angustiada mãe se resolve a pôr o

filhinho na roda e o vê desaparecer para sempre entregue às mãos de indiferentes estranhos; como ela, queria eu ter ali, também, quatro degraus de onde me despenhasse, em queda fatal, com o peso do meu corpo todo, para trás, ao som dos estrondosos aplausos da plateia excitada por entusiasmo delirante...

E entanto o outro ajuntava pormenores dilacerantes na sua pungente realidade, buscava eu atitudes que me ficassem bem, para o escutar, pensando nos anjos de asas encolhidas que enfeitam os mausoléus e choram elegantemente abraçados com funéreas urnas; à imaginação sobreexcitada acudiam-me séries magníficas de casos assim tétricos onde podia moldar a minha dor; desesperos, imprecações, trágicos arrancos, soluçantes lamentos; perdas de entes queridos cantadas por poetas de estro. Ah! Se me fosse possível, ali mesmo, envolto nas pregas negras da minha capa, pedir papel e tinta e resumir toda esta «imensa dor» em dois ou três sonetos inspirados! De que soberbo efeito não seria!

Mas para tanto me não chegava o génio. Forçoso era padecer de outra forma, consagrar a alanceante mágoa por duros sacrifícios que bem mostrassem a minha «imensa dor»...

Fizera-se a noite pavorosa em exageradas trevas, e ouvia-se a chuva quebrando nas vidraças as finíssimas agulhas, com o silvar do vento que recrudescia a espaços. Eram 10 horas dadas, o Seminário ficava muito longe; melhor seria ir até lá, percorrer, sòzinho, a deserta alameda que ladeia a gradaria do «jardim botânico», sentir na cara os açoites daquela gelada chuva, escutar os gemidos que o vendaval solta nas árvores fustigadas, cujos ramos se abaixam para espreitar quem passa...

E saí, desviando com expressivo gesto os companheiros que me queriam deter: Não, meus amigos, deixem-me ir sòzinho e — pensava — envolto na minha tristeza, como em sagrado manto!

Parti; e vencendo o terror que me causava o marulhar da ventania pela ramagem das árvores quase invisíveis, no arremeter insensato de sombras contra sombras; cerrando os olhos ao pé dos eucaliptos que revolviam na escuridão as folhas duras, em sinistros calafrios, fúnebres revoadas de asas negras; na desconsolação da água que me empapava a roupa e, exacerbado o medo com a lembrança aflitiva dos ladrões que haviam assaltado, naquele mesmo sítio, um dos meus companheiros, roubando-lhe a capa e a batina, consegui alcançar a grade do Seminário, onde me pus a bater com uma pedra, desesperadamente...

— Quem está aí, quem é?... — berrou, por fim, lá dentro, o porteiro.

— Abra, abra...

— Mas o que é que quer a estas horas?

— Abra, quero entrar; morreu o Tomás, o meu amigo; quero vê-lo.

— Vá-se embora, homem de Deus, não seja doido. Pois você ignora que não há ordem para abrir a porta a semelhantes horas?! Ai, o maluco! Olhe, ele enterra-se amanhã às 11 horas, e, sabe que mais?, vá para o inferno, que já lá o há-de encontrar.

Ter de passar pelo mesmo caminho medonho e arrostar de novo com aquelas excedentes trevas! Se pudesse ficar ali mesmo, deitado que fosse nas pedras da calçada! Mas a chuva molhava tanto; tinha a capa ensopada. Ah! e eu que desejava velar a noite toda ao lado do seu cadáver, para ouvir encarecer no dia seguinte a dedicação de verdadeiro amigo, como poucos se encontram agora...

Tristìssimamente voltei para casa, transido de frio e medo, mas sobretudo mortificadíssimo pela inutilidade do sacrifício feito, que ficava ignorado de todos; quem avaliaria o horror daquelas horas, os pavorosos sobressaltos, a cruciante batalha dos meus nervos? E o tempo perdido, que, melhor aproveitado, daria talvez para compor um pequeno dis-

curso, incrustado de doídas frases, farrapos arrancados à própria alma; recitava-o no outro dia à beira da cova...

Adormeci rendido de fadiga. Na passagem para o sono, nesse rápido momento tecido de incertezas, onde a realidade e o sonho se confundem, que às vezes parece alargar-se infinitamente, ouvia eu já o som claro das minhas palavras, graves, comovidas, eloquentes, levantar-se no fundo dos murmúrios soluçantes da assembleia enternecida...

Mas que formidável pesadelo; era eu que matara o meu grande, o meu querido amigo Tomás, só para ter o gosto de lhe fazer o necrológio!...

Aos quinze anos não há desgosto a que o sono resista: dormi muito, embora mal, e tarde foi quando me levantei.

As emoções da véspera, os aflitivos pesadelos de que apenas me libertara, aumentavam a perturbação das minhas ideias; fora de todo o sentimento real, seguia alentando, na atmosfera convencional em que me envolvera, cada vez com mais afinco, o empenho de bem consubstanciar a «dor imensa». Não era natural, minha, a angústia que me pungia, mas um imaginário manto decorativo no arranjo de cujas pregas se me prendia toda a atenção: a «dor imensa», espécie de «tristeza abstracta»...

Haviam-se, porém, modificado as primitivas impressões; esquecera os outros, *a galeria;* agora representava só para mim mesmo: queria sentir, revolver, até nos seus mais íntimos recessos, a «dor imensa»...

Pus-me a caminho do «Pio» procurando na paisagem novos incentivos à melancolia. A estrada que leva do mercado ao cemitério, às voltas pela montanha, é cheia de cedros e ciprestes: árvores fúnebres; a perspectiva da cidade, verdadeiro tropel de casas que arranca do Mondego e trepa em desordem pelo cerro acima, vista através do véu cinzento de incessantes aguaceiros, representava a confusa legião de todas as dores humanas debandando espavoridas e sem destino; lá muito em baixo, por entre os salgueirais, luziam os corpos das ninfas, eternas carpideiras, que ainda hoje pranteiam a morte de Inês de Castro; também essa tragédia me servia e das suas mitológicas penas me repassava eu também. Se eu era a «dor imensa»!...

Mas, insensível a tudo que não estivesse compreendido na esfera destas subjectivações insensatas, os quadros em que se desdobrava o enterro do meu amigo Tomás mais me inspiravam curiosidade do que lástima, como se não fosse aquela tragédia a causa primeira e única da minha aflição.

Os rapazes da comunidade a que pertencera o defunto tinham chegado já ao cemitério e fugiam da chuva, que engrossava, acolhendo-se à capela. Segui-os maquinalmente, mas ali dentro o cheiro misturado de cal fresca, de cânfora e não sei de que outras resinas, com o calor que crescia de tanta gente junta em tão acanhado recinto, tornava-se-me insuportável. Preferi a mortificação da chuva; voltei para a rua, aguentando só, a pé firme e cabeça descoberta, as bátegas sucessivas com que o céu, na sua misericórdia, socorria a ansiedade por sacrifícios em que eu punha toda a minha complacência.

Pouco tardou que o coche onde vinha deitado o meu amigo Tomás assomasse à grade do cemitério, seguido por duas carruagens das quais apearam os padres do acompanhamento e alguns condiscípulos — estes encadernados de novo em lustrosas capas e luvas pretas — que se haviam incumbido de lhe dizer, à beira da cova, o derradeiro adeus.

Os gatos-pingados tomaram o caixão aos ombros e entraram com ele no cemitério, vergando as pernas: afrontava-os aquela carga como se o meu amigo Tomás pesasse extraordinàriamente; entretanto os futuros oradores pegavam nas borlas do desornado ataúde, fazendo-se recíprocas mesuras com o cerimonial de pessoas muito sabidas em seme-

lhantes pragmáticas, e todos à uma levavam os lenços ao nariz, como se o meu amigo Tomás já não fosse mais do que repugnante podridão; os padres entoaram as suas confortativas cantilenas e assim veio chegando o mesquinho cortejo até à capela, perto da qual estava a cova aberta de fresco.

Uma sepultura! Ia ver pela primeira vez encafuar alguém nos seios da terra.

A cova que se destinava ao meu amigo em sanguinolenta argila molhada era uma das mil, infinitas bocas desdentadas que naquele mesmo instante a terra abria para sorver tanto corpo formoso, tanta mocidade frustrada, tanta soberba, tanta esperança, tanta vida; mas havia nesta boca certa expressão particular de gulodice, a abertura hiante, a húmida secreção que antecede as deglutições gostosas: era esse belo corpo de adolescente que ela apetecia. Ah! terra piedosa, terra amorosa, em quantas rosas delicadas, em que gloriosas florescências o não desabrocharás tu um dia...

Ficava a cova à direita da capela e apenas lá chegou o ataúde depressa os rapazes todos se lhe aglomeraram ao redor, inquietos por ver o morto; também eu participara instintivamente dessa misteriosa curiosidade impaciente, e, rompendo passagem pelo acompanhamento, encontrei-me na primeira fila quando abriam o caixão...

Ali estava o meu amigo Tomás, amortalhado na capa de seminarista, cruzando as mãos roxas sobre o peito, como a imagem de um santo mártir inocente, porque devia ter sofrido muito quem tinha assim as feições transtornadas ou então tudo se transfigurara dolorosamente na imobilidade da morte. As suas faces tão frescas, só eram, agora, duas cavadas manchas escuras; dos olhos aveludados nada mais se divisava no fundo das órbitas descarnadas além das pestanas divididas aos molhos por viscosa humidade; os cabelos que, quando vivo, se lhe eriçavam nas fontes, claro indício do seu génio impetuoso, cobriam-lhe, sem lustre, as orelhas; só o fio de pérolas dos seus dentes luzia na abertura dos lábios esgarçados como persistente reflexo da vida radiante que o abandonara, para aumentar o horror daquela despiedada devastação.

Tinham razão os futuros oradores em apertar com os lenços os respectivos narizes, porque ao levantar a tampa do ataúde exalou-se, intensíssimo, o mais intolerável fétido, que o vento dispersava, envolvendo-nos em ondas de miasmas subtis.

Recuaram todos, mas pronto se reformou a aglomeração curiosa, pois tomara a palavra o primeiro dos oradores. Era o alto, trigueiro e magro, cabeça de bilro, empinada, que parecia inspirar-se no brilho das lunetas, seu principal ornamento.

«A morte ceifou-o na flor dos anos...», «Roubaram-nos o estremecido e carinhoso amigo...», «amorável companheiro nas estudiosas lides...», «trabalhador indefesso...», tudo mentirola retórica, de parlamentar predestinado; o meu amigo Tomás fora sempre o mais cábula, o mais travesso, o mais descuidado dos estudantes e nutria particularíssima raiva a todos os talentosos, os quais, com predilecção, escolhia para vítimas de gostosas, frequentes e rijas trepas. Espraiou-se quanto quis, o declamador, pelos verbosos areais que pisava, muito senhor de si; porém, como tudo neste mundo acaba, forçoso lhe foi ceder a palavra a um rapazito loiro, olhos muito redondos, azuis e arregalados, onde o medo parecia anuviar a habitual limpidez; este bem movia os lábios, mas, no tremor da voz, nem uma só palavra se lhe percebia; açoitou de repente uma forte pancada de água; os pingos da chuva espirravam na face do cadáver como se dessem em pedra; o rapazito loiro emudeceu e, cambaleando, de braços erguidos, desatou em soluços, lamentável desfecho que desanimou o resto dos oradores. Vendo que ninguém mais abria bico, o padre pôs-se a dizer repousadamente o seu latim, com os óculos fixos no livro e os olhos nas varetas do respeitável guarda-chuva a que se abrigara; depois pegou no hissope e, com o alento e modos de quem brandia

o látego vingador, golpeou com água benta o defunto e a cara dos assistentes; fechou-se o caixão, baixaram-no à cova e lá dentro começaram a ouvir-se as pancadas das pedras que lhe davam em cima com excessiva pressa...

Encadearam-se ràpidamente estas cenas a que assisti sem exacta consciência do que via; mais tarde é que tudo se me reproduziu na imaginação com mais relevo ainda, talvez, do que a própria realidade lhes dera; agora caíra em perfeito sonambulismo, espécie de atonia nervosa onde só prevalecia a indiferença...

Foi-me impossível sair nessa tarde a passeio, porque tinha todas as botas encharcadas; fiquei-me horas esquecidas, a cara pegada aos vidros da janela, olhando com inveja para os rapazes que passavam na rua, alegres apesar da chuva, até escurecer de todo.

Sentia-me tão cansado, tão só, tão desamparado!

O silêncio e a escuridão que pouco a pouco invadiam o meu quarto desassossegavam-me o espírito, por instantes e tumultuosos rebates de saudades como aqueles que anos atrás me assaltavam no ermo da minha cela de seminarista, a que tanto me custara a acostumar. Terríveis, esses primeiros meses de colégio, de amargo abandono, de infantil,

exagerada e funda melancolia; então, para evitar que a minha própria imagem me evocasse outras semelhantes, afins, tão amadas e tão longínquas, despedaçara eu o espelho, único enfeite no desadornado cacifo que me coubera por sorte, mas que me parecia povoado só de mudos fantasmas; outra imagem tinha eu agora gravada no coração, a oprimir-me bem mais ìntimamente, que pronto tomaria vulto, ali, a meu lado, animando a escuridão e o silêncio com a vida inverosímil das suas travessuras, imagem desejada e importuna, que os meus esforços todos não conseguiram apagar.

Era o meu amigo Tomás que me aparecia nas tardes festivas de Verão, quando se alargam as horas de recreio, correndo pelos terraços do Seminário, veloz como o gamo, ágil, leve, risonho, airoso; nunca a mocidade atingira tão exuberante beleza como naquele adolescente de compleição quase divina; nunca existira criatura mais perfeita, mais forte, mais alegre; a todos vencia na luta, na carreira, no salto... E era o meu amigo Tomás que eu achara inteiriçado, cruzando as mãos roxas sobre o peito, no apertado caixão que a terra engolira nesse mesmo dia para sempre. Para sempre! Se eu ainda nem pensara que fosse para sempre. Nunca mais o veria! Se fosse verdade... Mas se era verdade, se aquela cova, aqueles padres, aquele cemi-

tério, aquela infecta podridão a que nem as luzentas pedras dos seus dentes resistiriam, tudo era verdade; se era em cima do seu corpo que batiam os duros torrões de argila com que o coveiro lhe atochara a sepultura; se dali ninguém volta; se é para sempre, para sempre, que a terra nos devora a carne vaidosa!...

Como se varrera para longe a triste comédia da «dor imensa» e que imensa não era a dor que me trespassava agora! Nunca mais o veria, nunca mais. Ao som deste clamor tremendo se me apagaram no cérebro todas as ideias, ficando só, visível e brilhante por dolorosíssima insistência, a certeza de que nunca mais o tornaria a ver!...

Então julguei que me rebentava dentro do peito não sei que recalcada onda de sofrimento; começaram a correr-me de fio as lágrimas, quentes, volumosas, soltando-se-me pelas faces como as contas de um infinito rosário que se partisse...

VÁRIA

PERFUME DO PASSADO

Repouso dominical, com um leve cheiro a incenso, — e nada que me lembre as pompas episcopais, sob as amplíssimas abóbadas sonoras das basílicas...

Há quem sofra da sua insanável nostalgia!

Mas quantas figuras delicadas perpassam na recordação de certos domingos do Norte, por terras de frio e névoa, nas surdas paisagens decorativas — fugindo em planos de cor graduada — que realçam a elegância voluptuosa dos corpos femininos...

Foi no rústico jardim municipal de uma cidadezinha anónima das Flandres — um domingo de luz doce e perlada como esta de hoje, aqui, em Lisboa — que eu me abeirei de alguém cuja imagem revive agora em mim obstinadamente.

E relembro o perfume que ela usava, a um tempo vago, penetrante, incomparável e inexplicá-

vel. Dir-se-ia que fora captado na essência de alguma dessas campesinas flores humildes e desprezadas, que enfeitam os valados e ninguém pensa jamais em colher, mas quando pisadas ou trilhadas, uma vez por acaso, nos surpreendem com a sua inédita essência subtilíssima, e tão difusa, que seria quimérico pretender enfeudá-la à indústria perfumista.

Era um perfume assim — mas casado à natural rescendência da sua pele, que exalava eflúvios de fruto sazonado.

E devia ser a acção do seu próprio calor, da sua própria vida, que dava o tom a todos os perfumes, pois por diversos que eles fossem logo se uniformizavam no diapasão comum, a ponto que uma rosa, levada por ela amiúdo aos lábios, perdia a sua peculiar fragrância e rescendia do «outro modo».

Uma longínqua rescendência, um levíssimo sopro de mar que passasse por um campo de estevas floridas...

Mas bem mais indefinido e capitoso e misterioso era o perfume da sua alma!

... ...

Ah! espíritos raros que só vivem do passado e aos quais o espectáculo da vida actual constante-

mente prepara o gozo futuro das saudades e das lembranças; espíritos que o espectáculo da vida ambiente deixa na aparência indiferentes, mas que nele sugam intensamente elementos para um futuro de deliciosas recordações e saudades... Espíritos que vivem exclusivamente do passado e da saudade!...

FALA O MESTRE...

O intelectual Prego, repórter de somenos, ao serviço do grande jornal *A Fama*, acossado por uma necessidade fisiológica, colara-se à porta de um quintal, em rua de escasso trânsito. Grande lhe foi a surpresa, quando mirava pelos buracos da arruinada porta, ao reconhecer o seu antigo mestre, o genial Solão, sentado em cadeira de rodas, a que vários mancebos de gaforina — discípulos sem dúvida — respeitosa e diligentemente puxavam.

Solão, já de todo podagro, conservava ainda certa viveza no rosto, mas tinha os gestos lentos e sem ritmo de um fantoche mal articulado, e foi com dificuldade que indicou por acenos o sítio do quintal onde queria repousar.

Precisamente veio ao ponto que mais convinha à observação do repórter, o qual, todo sentidos, logo se propôs saborear-lhe as palavras de oiro.

Solão fora sempre de tal forma valetudinário

e cauteloso que, apanhar sol nas pernas, por exemplo, era, para ele, cometer um enorme excesso físico e... moral. Falava com o sussurro leve da brisa num canavial. No entanto, o repórter, apurando o ouvido, conseguiu apreender e reter alguns dos conceitos mais agudos, que naquela manhã próspera o sábio destilou, preparando «in mente», sobre tão sólidos fundamentos, o seu primeiro artigo sério para *A Fama*.

Murmurava o sábio: «A sociedade, punindo, nos indivíduos que a compõem, crimes de que ela é a única origem, mercê da sua defeituosa organização, dá-me ideia do assassino que deliberasse cortar a mão de que se servira para suprimir o seu adversário... Ah!... É que a maioria dos revoltosos, longe de reunir criaturas orgulhosas e cruéis, recruta-se entre pacíficos e desinteressados amantes da lógica, chegando, pelo respeito que ela lhes inspira e impõe, a conclusões ofensivas da hipocrisia e da maldade públicas... No entanto, aguardar que um mau costume acabe, por si, ou pela reacção natural do meio onde se exerce, graças à virulência do veneno que dimana, sem procurar, pelos recursos que o poder faculta, pôr-lhe impedimentos legais, foi sempre considerado expectativa imoral e anti-humana... Mas... meditando nas reformas político-sociais sonhadas, a fim de alcançar a felicidade

universal, eu penso como o velho Confucius: não será preferível manter o actual estado de coisas, que, ao menos, permite a alguns — embora raros — fruir bom quinhão de gozo material, a transformar tudo isto numa irmandade irremediável e universalmente infeliz?...»

Sobre esta hipótese contundente, o sábio, mergulhando o queixo nas dobras do cachené, adormecera. A pesada borla do boné bordado a missanga, caída para a frente, oscilava como um pêndulo; os discípulos contemplavam-no silenciosos e boquiabertos, e o estupefacto Prego, largando, nos bicos dos pés, o vão da porta, lá foi levar ao farol da grande informação aquelas maravilhas do pensamento humano.

Mas enorme foi o seu pasmo quando no dia seguinte encontrava o seu artigo na *Fama*, encabeçado pouco mais ou menos por estes termos:

«O mesmo cretino incorrigível, esse velho Solão treslido, a quem já os anos pouca mossa fazem; envolve-se num turbilhão de asneiras sempre que na vacuidade absoluta do crânio se lhe despenha uma ideia, a qual invariàvelmente pertence aos outros, etc.»

À noite, na redacção, o director da *Fama* intimou o repórter a que abandonasse a convivência dos filósofos...

PAISAGEM SENTIMENTAL

Eu passeava no campo, numa tarde de Fevereiro — tarde luminosa e tépida como sòmente o Algarve as tem — e levava comigo a minha filha, que é uma criaturinha alegre, azougada e palradora.

Andávamos lentamente, não tanto porque assim o exigia o passo curto da minha pequenina companheira, mas para atender às suas constantes perguntas, a que tudo servia de pretexto, e que ela fazia, parada, prendendo a minha mão nas suas e perscrutando-me agudamente nos olhos o sentido das minhas respostas.

Eu ia embevecido nesse acordar infantil para os encantos da vida, nesse múltiplo apetecer da inteligência que desperta, nesses risos de inocente desejo, que soam como o tinido de antiquíssimas moedas de oiro, descobertas ainda por servir no esplendor da sua cunhagem intacta. E para que o

momento fosse de uma plenitude inolvidável de felicidade, os meus sentidos nada perdiam dos mil aspectos da paisagem, que era ali singularmente colorida e variada.

De ambos os lados do caminho já as searas verdejavam nas várzeas, e pelos outeiros acima subiam os exércitos liliputianos dos favais, em chusma cerrada — e no entanto com cada pé bem distinto —, olhando-nos com os seus inumeráveis olhos de flores.

Pelos vales que se abriam na outra margem do rio, as amendoeiras floridas enovelavam-se em grandes rolos levíssimos, de tons mimosos e claros, graduando planos, entre as oliveiras escuras, e as imensas rodas verde-negro das alfarrobeiras, e os esqueletos das figueiras, que, ao longe, são como formas instáveis, feitas de vapores violetas.

E por toda a parte, em volta de mim, por todos os lados, sòzinhas, em grupos, em fieiras, floresciam as amendoeiras e o ar rescendia à sua fragrância morna e penetrante.

«E como elas florescem diversa e sumptuosamente!», pensava eu.

Algumas, à guisa de milagre, com ímpeto, com febre, numa única noite, sem que um só dos seus galhos, nus da véspera, agora possa com mais flores; outras, tìmidamente, nas pontas dos ramos;

outras desabrocham aos cachos, metade segurando pesados lustres faustosos, e a outra metade apenas matizada de pétalas. Prodigiosos e bárbaros montões de flores, amiúdo; arabescos de delicadíssimo desenho, as mais das vezes...

E tão diferentes, tão ricas, tão artísticas, tão individuais, que a cada uma delas a nossa alegria corresponde com um epíteto diverso, uma frase amável, um louvor, um galanteio, quando não sucede que seja tal a sua triunfante magnificência, e tão gloriosa a sua augusta presença, que, emudecendo-nos, acorde em nós a superstição religiosa de um druida...

Tudo me era motivo de admiração e de enternecimento nesse espectáculo sem par, e ia caminhando, no suave entardecer, sentindo na minha mão a pequenina mão inquieta da minha filha, até que se nos deparou, cavado num cabeço de calcário, uma espécie de cadeirão rústico, onde nos sentámos.

Dali se avistava, por entre o arvoredo, uma larga nesga do rio, cujo azul se adamascava de branco. E o céu era branco, de gaze sobre um fundo longínquo de azul desmaiado. O casario da aldeia próxima brilhava, intensamente doirado pelo sol, e reflectia-se em tons de fogo na água espelhada. Junto a uma restinga de areia, as velas dos batéis que recolhiam ao porto paravam, como se uma

força insuperável lhes tolhesse o caminho, e ali se aglomeravam, trapejando as velas cansadas. Uma onda rebentava de quando em quando na boca da barra, e corria, com o seu rolo branco, pelo rio adentro, como rasoura de espuma...

Então, eu disse à minha filha:

— Não é verdade que se está bem aqui, neste sofá?

— Sofá?... Pois isto é sala, pai?... Ah! sim... Que sala mais linda e mais grande que é o campo!... — replicou-me ela na sua deliciosa algaravia algarvia.

CRÍTICA BOÉMIA

À mesa dum café.

1.º boémio: — Logo de pequenino começou a engelhar, encaneceu e usou óculos; falava pausadamente, e ainda impúbere estreou-se no jornalismo com uma literatura pesada, granítica, plúmbea, que pretendia a erudita. Assinava com pseudónimos latinos «em us» e mostrava na vida prática artes e manhas já conspícuas, próprias de conselheiro de Estado mui matreiro...

2.º boémio: — Foi assim que apenas adolescente se meteu, como piolho por costura, com todas as famílias prósperas e circuncisas do país...

1.º boémio: — Não tem cérebro que assimile... Nele tudo encrua e, quando «restitui» os bocados ingeridos mais ou menos a trouxe-mouxe, bocados que arrepanhou a conjuntos amiúde razoàvelmente organizados e harmónicos, espalha-os pelas infinitas

páginas dos seus livros num heterogenismo revoltante, por vezes indecente e, não raro, fétido...

2.º boémio — É, por sua natureza, mole e aguarentador de tudo...

1.º boémio: — E julga-se, o pedantíssimo e conchudo aristarco, graças à copiosa veia de palanfrório que expectora, com pulso para ir diàriamente firmando ou negando, conforme o seu capricho, passaportes para a posteridade...

2.º boémio: — E ninguém lhe leva a palma na prática das patifarias legais, mercê das quais os javardos de verdadeiro estro alcançam a consagração pública...

1.º boémio: — Mente com retumbante eloquência e deprime entusiàsticamente...

2.º boémio: — É candidato perpétuo — justificável, a todos os insultos, a todos os vilipêndios, a todos os desprezos...

1.º boémio: — Parece ter estampados no rosto, em toda a sua hediondez, os estigmas dos mais baixos e ignóbeis vícios. Olhar para ele não causa sòmente asco; envergonha. Faz corar de pejo...

3.º boémio: — (que os escutou da mesa próxima) — Bravo, bravo! Isso é que é pô-lo que nem um tambor numa festa. Nunca as mãos lhes doam, meninos...

LÍNGUAS PEÇONHENTAS

Em frente à botica do sr. Rego, dois políticos locais passeiam lentamente, fúnebres, cabisbaixos, os olhos fixos no mesmo ponto da calçada e sem dúvida jungidos em pensamento à mesma tramóia.

Dentro da botica, o sr. Rego, debruçado ao mostrador, manipula sem excessiva convicção uma pomada verde-negra, enquanto o general e o doutor, assíduos frequentadores da casa, se batem, desesperadamente, no vão da janela, ao gamão, sob a vista inquieta do lojista Lopes, homem bem estofado em carnes, mal afamado, e roedor incansável das unhas das mãos.

A partida de gamão termina por um lance que exaspera o general; de olhos esbugalhados, atira ao adversário a usual apóstrofe:

— Doutor burro!...

— General burríssimo!... — replica o outro, cuja indignação deriva em assobio.

Os dois políticos passam e tornam a passar pela porta da botica.

— Está bem gordinho — observa o boticário, apontando para um deles com a espátula e piscando o olho ao lojista.

Lojista — Sabe que a prima, a D. Júlia, deu um baile na Quinta... O senhor não foi?

Boticário — Há muitíssimo tempo que lá não ponho os pés...

Lojista — Eu também... A última vez foi pelos melões...

Boticário — Ora, eu já nem sei há quantos anos.

Lojista — A D. Júlia quis por força que eu lá jantasse e a criada é quem foi apanhar o melão para a sobremesa.

Boticário — A criada? dobre a língua, se faz favor: a dama de companhia, a aia, a açafata... Ah! fizesse-lhe você a corte e veria como a D. Júlia o punha logo no olho da rua...

Lojista — Querem-se muito, mas a D. Júlia afirma que a há-de casar, que a não quer deixar sem arrimo...

Boticário — Estão na lua-de-mel...

General — O quê, então, outra?

Doutor — Qual história; é a mesma, a que trouxe de Braga há tantos anos. Estão casadas e bem casadas.

Boticário — Naqueles amores a lua-de-mel não tem fim...

Lojista — Ó doutor, aquela senhora é uma degenerada, pois não é? E parece que a família toda. Conhece o irmão, o capitão Rodrigo?

Doutor — Oh! muito bem...

Lojista — Eu não o conheço. A criada de D. Júlia gaba-o muito, diz que é um cavalheiro muito atencioso e respeitador...

General — Sobretudo respeitador...

Lojista — ... de trato lhano... Sempre que a irmã lhe diz qualquer coisa, perfila-se e faz continência. A criada contava-me, quando foi dos melões: no outro dia estava o sr. capitão dançando o «pas de quatre» com o impedido quando a mana lhe fez não sei que observação. Pois ele largou logo a mão do impedido, perfilou-se e fez continência!

General — Belíssimo!

Lojista — A D. Júlia ao ouvir isto ficou como alguém que deixasse cair um prato das mãos e só disse: esta rapariga é tão sincera!...

Doutor — E o senhor então o que é que disse?

Lojista — Eu?... nada. Calaram-se todos. Já fazia escuro. D. Júlia pediu luz e eu dei um grande suspiro...

SORTILÉGIO ADORÁVEL

Íamos a meio do jantar quando a orquestra encetou esse trecho, para mim desconhecido, tão impróprio do cenário de luxo e de sensualidade que nos cercava.

Um largo esboço de sinfonia que me foi pouco a pouco despojando a alma dos ouropéis da vaidade e do orgulho, e a levou quase conscientemente ao enternecimento da contrição. Soavam os últimos compassos — de renúncia, de piedade — e na grande moldura de laca branca, porta monumental de sóbrias e perfeitas linhas, assomou a mulher admirável para a qual, logo e instintivamente, todos os olhares convergiram.

Vestia de cetim azul-claro e adiantou-se sobre o tapete espesso com o andar ofidiano mas nobilíssimo de uma virgem de outros tempos, a quem uma

oculta e curta cadeia tolhesse levemente os passos. Passou perto de mim, deixando um rasto de perfume inefável; assim a desvanecida fragrância da rosa que têm outras flores «minores» como o rainúnculo, de que o seu corpo possuía a flexível gracilidade.

Indicaram-lhe lugar à mesa que ficava fronteira à minha e eu pude então observá-la a preceito.

Uma dessas mulheres, cujo delicioso perfil nunca faz suspeitar o grau de formosura que pode atingir o mesmo rosto visto de frente. E de ambos os modos, quase sem parentesco, diverso nas linhas mas igualmente encantador.

O corpo parecia embainhado — com tal exactidão se lhe desenhavam as formas — em azul pálido e, pela abertura do decote, largo e coberto de renda fina, transparecia-lhe o mimoso tom da pele cor-de-rosa. Penteada com um arranjo simétrico de estátua grega, que dois fartos rolos de cabelo coroavam, como um pesado diadema de oiro, e o busto delicado e castíssimo, mau grado o impertinente relevo dos dois pequeninos pomos, cujas pontas quase pungiam no cetim do corpete. Os braços fortes — talvez um pouco mais do que a fragilidade do busto exigia — estavam nus até ao cotovelo, e quando se apoiava na mesa, sustendo o

mento nas mãos cruzadas — gesto que lhe parecia usual —, imobilizava-se em esfinge fatigada que escutasse Édipo resignadamente.

Nessa atitude melhor lhe estudei então as feições, para descobrir novo contraste: a testa, os sobrolhos e o nariz, acentuados pela extrema pureza de linhas, indicavam energia e decisão, e a parte inferior do rosto, miúda, recortada, era quase de uma infantilidade dolorosa, mas a expressão geral tão fina e tão estranha, que todos os mais rostos femininos ali presentes se tornaram grosseiros e vulgares em comparação do seu.

Durante dias e noites — a cidade era pequena e facílimos os encontros — segui-a com o meu olhar, que certamente em volta dela tecia uma atmosfera de carinho, de desejo, de adoração. Mas nem de leve o seu rosto deu uma vez sequer mostras de pressentir a minha presença, e quando por acaso o seu olhar, circulando maquinalmente, encontrava o meu, nem se detinha nem se apressava, e seguia na sua derrota indiferente...

Uma noite, porém, retomadas por acaso as posições do nosso primeiro encontro, e quando a orquestra rematava a mesma sinfonia purificadora, o seu olhar procura o meu e deliberadamente nele se detém, com a expressão sôfrega de quem se

abeira de uma fonte e bebe para matar uma grande sede...

Perturbo-me até à exaltação e logo o cérebro se me povoa de visões rápidas, fulgurantes, de corpos enlaçados, em infinitos espasmos sensuais... O seu olhar amaciou e sorriu, como a explicar-me que a comunicação fora perfeita, e encetámos então esse silencioso diálogo apaixonado, que só os olhos exprimem e que é o mais delicioso prólogo à satisfação plenária do amor.

Mas como levasse as mãos à cabeça, com um dos seus gestos mais graciosos, notei que pela primeira vez ela viera ao jantar de chapéu e vestida para passeio ou... para viagem.

À surpresa do meu olhar ela correspondeu com uma clara expressão de mágoa, e teve o movimento de quem desvia o rosto para ocultar uma súbita e forte comoção.

Percebi... Ia partir dentro em pouco, sem dúvida para um destino que nunca se cruzaria com o meu. Toda aquela sensibilidade, aquela inesperada complacência amorosa, era da mulher que parte e quer deixar a impressão ácida, cáustica — e sempre desesperadora — de que estava na sua mão abrir-nos as portas do paraíso...

No meu coração abafado, opresso, começou

então a agonizar o quer que fosse, obra de um momento, alada e tépida, que ela criara e agora destruía: uma rola solta do seu próprio seio e que os seus delicadíssimos dedos cor-de-rosa pouco a pouco estrangulavam...

Partiu, com efeito, nessa mesma noite.

ORGULHO DOS SENTIDOS

Jantáramos entre amigos para festejar o regresso do «homem que viajou». À sobremesa, todos dissertaram sobre arte e amor. Então o «homem que viajou» disse:

Não são talvez nem as impressões estéticas, nem as eróticas, aquelas que a memória retém com mais cuidado. A todas sobrepuja a lembrança das necessidades meramente físicas, satisfeitas após a crise do perigo que nos pôs a vida em risco, ou na plenitude do gozo material: um sono bem dormido quando fechamos um período de vigílias obrigadas e sinistras; a sede que se mata em dias de caçada, se a poeira nos obstrui os gorgomilos, e o líquido ingerido aos borbotões parece correr-nos o corpo todo e nos empapa o organismo, acudindo com igual solicitude a refrescar o cérebro e as plantas dos pés, como a água solta do tanque, em tardes de

Estio, se espalha pela terra abrasada e fofa do hortejo.

Matar a sede! e matá-la com vinho, que eu aprecio, sendo puro, em todas as regiões e com todos os flavores, sem mitologia — o néctar! — como aprecio o amor despido de sintaxe.

Ah! agora recordo uns cangirões de vinho verde, bebidos na volta de uma excursão pelos areais fatigantes do Mindelo — excursão turista, bem entendido, porque eu não fui dos mil e quinhentos — nos ardores de Agosto, o corpo requeimado pela travessia de um pinhal que o sol incendiava, e o cérebro encandeado pela reverberação da luz crua, os grandes cangirões do leve líquido esgotados lentamente à sombra das altas paredes de uma igreja, com o espelho do mar em frente a referver de reflexos quebrados...

E o bom vinho negro e espesso, tocado longìnquamente de maduro, bebido a caminho do mosteiro de Poblet, em La Espluga de Francoli — nome bàquicamente sagrado —, vinho que as mães ministram por copos de água a seus tenros filhos — sem por isso a forte raça catalã despenecer; — o vinho bebido a escape, numa taberna lôbrega do Transtevere, após brava luta com rufias; e a sede que me matou um vinho espumante de Vicenza, servido pela manhã em cristais esplên-

didos, no profundo e amplo tálamo de uma esposa de acaso, hetaira exaustiva... Ah! não, não... Nada que se compare à cena que eu agora reconstituo na mente e teve realidade junto ao Cabo Miseno. Eu andava com outra criatura também casual, que tinha a pele, macia como o arminho, toda semeada de pequeninos lunares ruivos, a designarem precisamente os sítios onde os beijos são mais gostosos; criatura doce, indolente e decorativa, que trazia fios de pérolas grossas e falsíssimas metidas nos cabelos, a cujos reflexos adamascados elas misturavam o seu brilho húmido.

Fôramos passar o dia a Puzzuoli e antes do almoço demos uma volta em carruagem pelos Campi Flegrei.

O calor era horrível, e tanto apertava que o nosso cicerone — um rapazito tostado, que em Puzzuoli se encarrapitara ao lado do cocheiro e nunca mais nos abandonara, esquecido já do sonho eterno de todo o napolitano autêntico: a prometida pançada de «maccaroni al burro» — a cada momento volvia o olhar suplicante para a minha companheira e clamava: «A senhora quer água; a senhora quer água...»

— Água não, mas vinho — disse ela por fim, negligentemente.

E fomos abancar debaixo de uma parreira que enfeitava a entrada da próxima taberna. Trouxeram-nos um alguidar trasbordando vinho tinto, e quatro tigelas de barro com que nós o tirávamos e bebíamos. Que delicioso banho interior de fresquidão e alegria!

Daí a nada já todos tínhamos os beiços e a cara lambuzados de púrpura; luziam-nos os olhos, e ríamos sem saber do quê, espalhando suavemente a vista pelas voltas harmoniosas da «Baía das Baías»...

— Basta — atalhou um dos convivas, ironista encartado. — Você não é o «homem que viajou», é o «homem que bebeu»...

— Mas certamente... — obtemperou ele com uma expressão de singular dignidade...

MURMURAÇÃO INOCENTE

Na botica do Veiga. Entram e tomam assento os frequentadores habituais. É noite de sessão magna.

General — Ou temos mudança de tempo ou então é o raio do meu sapateiro...

Doutor — O que foi?...

General — Doem-me os calos como se tivesse os pés metidos em talas...

Doutor — Pois as botas parecem folgadas...

General — Parecem... V. lembra-me o que o sacristão de Santa Clara dizia...

Lojista — O que dizia ele?

General — Era escusada a pergunta porque eu ia contar... Fala o sacristão: V. aparece com um lindo par de sapatos novos e toda a gente lhe diz: que belos sapatos, como vão bem ao pé, deve ser

uma consolação andar com eles... Mas quem tem os pés dentro é que sabe...

D. Rufo — Quando eu andava na serra, por causa da corcha, conheci esse sacristão... Tinha muita pilhéria. Também lhe ouvi isto a respeito de segredos: Qualquer vem ter comigo e diz-me: ando zangado cá por causa duma coisa que lhe vou contar a V. muito em segredo, por saber que V. merece confiança. Diz-me o segredo e eu em seguida ponho-me a falar com os meus botões: pois o segredo que tanto lhe interessava a ele não o pôde ele guardar, e para não rebentar veio-mo contar a mim; e eu, a quem isso nada importa, hei-de rebentar por via dele? Pois sim... Espera, filho, que o vou já contar à primeira pessoa que encontre...

Lojista — Foi em Santa Clara que esteve tantos anos o padre Firmino, que morreu ontem em Silves...

D. Rufo — Sim, senhor; em sua casa me hospedava eu... Era um padre muito patusco; tal padre tal sacristão...

General — O quê, morreu o padre Firmino?

Doutor — Ainda pediu o meu auxílio, mas já não cheguei a tempo.

Veiga — Também o chamaram, doutor?

Doutor — Chamaram, mas quando lhe entrei no quarto já o senhor vinho e a senhora aguardente haviam completado a sua obra...

Lojista — Tocava-lhe deveras...

D. Rufo — A quem V. o diz. Uma vez, em Santa Clara, assisti ao fazer da conta de uma festa, e dizia ele para o sacristão: «Põe lá uma pipa de vinho na conta... — Uma pipa de vinho... Pois não será de mais?... — Bebeu-se uma pipa, ou não se bebeu?... — Lá isso bebeu-se e... passou até. — Então põe pipa e meia na conta».

Veiga — Era bom homem. Em rapaz fizemos juntos uma viagem a Faro, na diligência, e quando nos apeámos apareceu um pobre que fora seu companheiro de seminário, a quem ele deu um vintém. O pobre, em lugar de agradecer, exclamou: «Senhor padre Firmino, olhe que eu não sou pobre de vintém. — Pois faça o uso que entender desse vintém, que eu, para a outra vez, emendarei a mão», — retorquiu o padre, muito naturalmente.

General — Era ele quem assistia à saída dos Santos, à porta do Colégio, nas procissões de Terceiros. Então é que o haviam de ouvir em altos gritos, já com um grão na asa: «Agora saia Roque, agora saia Margarida, agora saia o Patife (o Pontífice, que tinha um andor muito pesado). Não sai?!... Arrastem-no, arrastem-no...»

Lojista — E isso das procissões parece que acabou...

D. Rufo — Ao Gregòrinho Gordo é que elas vão fazer falta deveras...

General — Porquê?

Veiga — Então não sabe que em dias de procissão, quando os anjinhos andavam no peditório, o Gregòrinho espreitava-os à porta de casa, chamava-os a pretexto de lhes dar também a consoada, levava lá para dentro os lenços que eles traziam já cheios de bolos, escolhia os mais finos, substituía-os por bolachas de água e sal, e despedia os anjinhos com muita festa...

General — Olha o canalha!

Lojista — Ainda no ano passado ele comeu bolos de borla e à farta durante a Quaresma e, perto das Endoenças, quando lhe foram pedir esmola para o «Senhor morto», respondeu: — «Lá dinheiro, não. Não posso... Mas mandem-me o santo cá para casa um mês que eu lhe darei cama e mesa...»

General — Irra que já é... Ó doutor, e se nós fôssemos ao gamão?

Doutor — Pois vamos lá...

VÉNUS MOMENTÂNEA

Vento mareiro fresco, encapelando levemente a água em ondas verdes, floridas de espuma efémera. Aragem que sacia os pulmões...

Á sombra de um leixão, deitado na areia seca e fina, eu lia versos, respirando o ar iodado, ou corria com a vista a curva do vasto horizonte, embalado pela canção cristalina do mar.

Perto da praia, o casco todo negro, pesado e sem graça, de um vapor, com uma grande bandeira vermelha desfraldada à popa, e logo o contraste: um iate cinzento-claro, que se balouça com elegância.

De todos os pontos do horizonte surgem a cada instante as velas dos batéis de pesca, velas agudas, que se cruzam como asas simbólicas, que se perseguem, que se reviram e param, que prosseguem dispersas, precipitadas numa desordem de fuga, ou

caminham reguladamente em grupos, de conserva, e tudo vai direito à barra, cuja entrada estreita um rochedo esconde.

Outro batel, com a vela toda panda, sai, sòzinho, a barra e entra no mar saltando sobre as ondas de vidro verde, franjadas de espuma, como cavalo fogoso que atravessa um prado cheio de erva.

O céu, de um azul intensíssimo, está como que esponjado de pequenas nuvens; a Ponta do Altar perfila-se com o seu recorte siracusano, e pouco a pouco, ao declinar do Sol, acende-se em oiro.

Vai vazando a maré, alargando-se a mais e mais a faixa de areia molhada onde o céu se reflecte como num infinito espelho...

Era a hora da tarde em que os banhos recomeçam, e como de costume, naquela praia cheia de recortados leixões, os banhistas despiam-se junto às rochas, pendurando nelas o seu fato.

Em volta do leixão, a cuja sombra eu me acolhera, havia roupas de mulheres, que sem dúvida pertenciam ao grupo de serrenhas que ali próximo, de mãos dadas e soltando gritos selvagens, tomavam à babugem da água um desses infindáveis banhos aconselhados pelos preceitos da higiene sertaneja. Pareceu-me reconhecer nelas umas criaturas sem interesse, com quem amiúde me cruzara pelos caminhos, entre as quais sobressaía certa moça

forte, feia e espadaúda, que andava sempre de olhos baixos, exibindo um pudor que ninguém, certamente, desejaria ofender.

Naturalmente, a minha vista não se distraía do encanto da paisagem ou da intimidade do livro, para seguir no banho as evoluções mais ou menos grotescas daquelas sereias, quanto a mim muito pouco ou nada voluptuárias, e foi assim que elas saíram do mar, e vieram para o leixão onde estava a sua roupa, e ao qual voltava costas, sem eu dar por tal.

De repente senti que alguém tossia, fazendo-o para chamar a minha atenção. Voltei-me instintivamente: era a serrenha pudenda que se limpava, acocorada, numa anfractuosidade da rocha que formava nicho.

Tão depressa verificou que se encontrava em foco, ergueu-se, abriu os braços e soltou o lençol.

Prodígio de elegância, perfeição e graça escultural, se me patenteou então o seu corpo enrijecido pela frialdade da água, cujas gotas ainda lhe escorriam pela carne marmórea. O peso da água afeiçoara-lhe na cabeça hirsuta um toucado de estátua antiga, e os seios disparavam como duas pombas que vão voar.

Impassível, sem um sorriso, e lentamente — tal uma estátua em pedestal móvel —, ela rodou sobre

si mesma, franqueando à minha vista sôfrega as mais secretas maravilhas do seu corpo.

Terminada a volta, agachou-se, meteu-se no lençol, e chamou por outra mulher, que a veio limpar.

Daí a nada passava por mim já vestida — entrouxada nas suas vestimentas de serrenha lorpa —, arrastando os sapatos de bezerro, estúpida, a boca mole e inexpressiva, os olhos baixos...

Espreitei-a depois, no banho, vezes sem conto, a ver se a cena se repetia, mas inùtilmente.

Outras tentativas, de natureza mais prática, foram igualmente infrutíferas...

Concluí que assistira, por acaso, à passagem pelo seu corpo de uma alma de nereida encontrada dentro de água e enganada pelo aspecto helénico daquela praia...

DE LONGE...

Melancólico domingo de Páscoa, aberto com a leitura de uma dessas enternecedoras cartas, ingènuamente sentimentais, onde vêm marcadas as palpitações do coração que as ditou.

Concentrou-se-me a alma gravemente, logo limpa de todo o aparato inútil...

O pensamento levou-me então para muito longe de aqui, a reconstituir cenas de uma grande intimidade, que melhor me fizeram sentir este duro isolamento, entre muitos milhões de criaturas a quem me não liga afeição alguma.

Saí. Num square próximo — onde os rebentos verdes já pungem, aveludadamente, a superfície tosquiada da sebe negra que acompanha a grade — algumas crianças brincavam sobre a relva, vestidas de claro, os cabelos soltos.

Como eu me detivesse a contemplá-las, uma delas vem oferecer-me, através das grades, com os olhos cheios de riso, um raminho de flores que me faz estremecer. Mescla de flores rústicas, juntas sem arte, como aquelas que outras mãos também pequeninas tanta vez colheram, num mal tratado quintal de província, para me virem dar os bons--dias à cama, onde eu amimava a minha preguiça feliz...

Vou ouvir um concerto que demora ainda, e para ganhar tempo entro num museu da vizinhança onde instintivamente, maquinalmente, procuro aquele maravilhoso quadro de Reynolds representando não sei que mãe saudável e amorosa, sentada no chão, entre as árvores de um parque, e tendo no regaço o filho nu que lhe afaga o rosto com os dedinhos róseos e afusados.

Cismo na alegria daquele incomparável espectáculo quando nos pertence... Uma rosa vermelha, que trago na botoeira, acompanha a minha pena, redobrando de fragrância...

O concerto começa por duas danças húngaras, do Brahms; depois ouve-se o estranho e delicioso minuete de Mozart, para instrumentos de corda e trompas; segue-se-lhe a patética série do *Peer Gynt* do Grieg, com o célebre tempo de mazurca — a dança de Anitra — que dói ouvir; passa pela ária

de bailado, tão graciosamente dramática, da *Rosamonda* de Schubert, detém-se no grande concerto de Liszt, em mi bemol, para piano e orquestra, repassado de soluços e lágrimas — como se fosse instrumentado sobre uma inspiração inédita de Chopin; continua com a segunda rapsódia húngara, que, dita pela orquestra, arrebata; geme e plange, com longos queixumes de malaguenha, na *Valsa Triste* de Sibelius, e termina pela abertura do *1812* do Tchaikovsky, descrição de uma tragédia homérica, na qual dois hinos — representações de grandes almas colectivas — terçam heroísmos e desesperos, com os aplausos e as lamentações dos povos que simbolizam, e assistem à batalha...

Mas toda essa música, terna, mimosa, heróica, ou leve, inconstante, dramática, foi como que a preceito escolhida entre a que evoca mais nìtidamente um modo local — e regional — de sentir, de sofrer, de amar...

E a custo reprimo as lágrimas.

É sempre ridículo chorar; e em público mais do que ridículo, é vergonhoso. Mas sem dúvida eu não disfarçara certa expressão de angústia, porque houve um instante em que dois olhos de compaixão procuraram os meus: esses olhos pertenciam a um rosto que a bondade iluminava e aformoseava...

Respondi brutalmente, agressivamente.

No meu peito abrira-se a ferida da última separação.

... ...

Já repararam que na hora da separação o que há de mais doloroso e patético não são as lágrimas silenciosas, nem os longos abraços apertados; são esses gestos desvairados das mãos que procuram o rosto, que o procuram mesmo em plena luz, quando a vista se embriagou já das feições da pessoa amada, e os dedos correm todo o rosto, e acariciam as faces e contornam a boca, e passam levemente pela testa e por fim põem nos olhos dois pensos de amor, tépidos e castos...

Eles significam o sacrifício voluntário, a consciente renúncia, e são muitas vezes o viático indispensável para as viagens trágicas...

IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS

Dessa criatura intensamente feia, mas de olhos claros e sorridentes, cuja expressão acompanha a incessante mobilidade das feições grosseiras; dessa mulher de uma fealdade atrevida, desprende--se um inexplicável encanto, que sòmente o adjectivo «paradoxal», talvez, caracterizasse precisamente.

Não há dúvida, é isso: «encanto paradoxal»...

Porque os seus próprios olhos, sorridentes e claros, são, quando param, de uma transparência e de uma vacuidade absurdas, como duas pequeninas vidraças, levemente azuladas, que abrissem para «o nada»...

Inteligente como raríssimas mulheres o são, e usando de todos os ardis do amavio espiritual — se é que, jungidos, estes dois vocábulos dizem alguma

coisa —, intelectual e deliberadamente platónica, no entanto a sua proximidade desperta a luxúria.

Porque tem essas prodigiosas mãos de artista, que, ao sublinhar a frase, modelam no espaço aéreas maravilhas, e como que ornam a ideia de imaginárias grinaldas de rosas pálidas, reflectidas em marfim?...

Organização privilegiada, cuja sensibilidade nunca esmorece, pronta sempre para apreciar as mais variadas e subtis obras de arte, e os mais diversos e inesperados aspectos da natureza, mas possuindo ao mesmo tempo um sentido próprio da realidade, onde mergulham e se alimentam ponderadamente as raízes do seu sonho, dir-se-ia que o seu lirismo anda voluntàriamente preso à prática vulgar da vida, como a sua beleza intelectual suporta de bom grado a fealdade do seu corpo; mas sucede que, desejando seduzir pela graça real do seu espírito, de cuja superioridade tem cabal consciência, é o seu corpo que interessa e aberrativamente excita a sensualidade...

Encontrei hoje essa criatura anómala em casa de pessoas amigas, e para ambos nós de pouca cerimónia, o que nos permitiu isolarmo-nos, num sossegado canto de salão, e conversar meia hora sem requebros vãos.

Estava num período doutoral, mas inteiramente alheio às especulações de ciência pura que de ordinário mais lhe cativam o espírito.

Toda ela trasbordava gratidão à obra dos críticos: de todos os críticos...

— Pois não é justo — dizia-me com entusiasmo — que sejamos reconhecidos a um Sainte-Beuve, poderoso agitador de ideias e de sentimentos, cuja inteligência ilumina instantâneamente qualquer assunto, até aos seus recessos, permitindo-nos vê-lo fora das sombras que o envolviam, ou limpo das convenções que o mascaravam? E não é portentoso que todas essas sensações e todos esses sentimentos nos sejam transmitidos com tão adequada linguagem, pelo emprego de um vocabulário que cinge apertadamente a ideia; um boleio de frase que a realce e colore; e uma sintaxe cristalina onde tudo se move em equilíbrio e sem afectação? A crítica manejada com tais recursos é a arte capital do nosso tempo — de todos os tempos —, pois que seja indispensável, na arte, transitar constantemente das adivinhações da sensibilidade para as conclusões da análise...

— Mas, querida amiga — interrompi, involuntàriamente, num irresistível impulso de admiração —, como é que, sendo independente, livre, rica de bens de fortuna e de tão raros dotes de inteli-

gência, possuindo a mais disso uma tão brilhante e sólida cultura, como é que abandonou a sua torre de marfim, o remanso da vida meditativa, para se lançar numa luta que vai até às escaramuças da rua?...

— Porquê?... Pois ainda o pergunta? — (Aqui, o seu rosto exprimiu singular solenidade, e através dos pequeninos cristais dos seus olhos dir-se-ia que se perscrutavam as infinitas e impolutas regiões do éter). — Porque a meditação não basta às exigências do meu temperamento, e, sentindo-me solidária nas justas reivindicações dos escravizados seres do meu sexo, entendi ser dever meu, iniludível, seguir as minhas companheiras, as quais, vendo que tudo quanto o caminho legal ensinava nenhum efeito surtia, tomaram a si recorrer com ameaças a seus opressores, tentando colher pela violência o que a mansa e correntia justiça lhes negava...

Eu ainda não disse que a minha interlocutora, tão bem falante como o padre Manuel Bernardes, era sufragista e sufragista militante; daquelas que em dias de pública manifestação, de mãos crispadas e dedos aduncos, trepam como gatos assanhados pelos polícias acima — os torrejantes polícias londrinos —, no humanitário propósito de lhes arrancar os olhos, ou vão, processionalmente, com o mais modesto, inocente e cândido ar, às ruas de maior

trânsito da cidade, e aí, ao sinal da capitoa, tiram dos regalos de arminho — ou de pele de coelho — os seus martelinhos de aço e desatam a quebrar metòdicamente as imensas vitrines das lojas de luxo.

Eu ainda não disse que a minha amiga pertencia ao invencível exército das destemidas sufragistas; mas isso pouco importa e pouco faz ao caso, pois que se dela falo, se dela me lembro agora, é porque lhe ouvi hoje uma das mais belas sentenças que, porventura, tenham proferido lábios humanos, sentença que urge registar, não só para ensinamento da posteridade, senão também para prova de que no cérebro da mulher, mesmo sufragista, podem engendrar-se conceitos dignos, pelo menos, de Confucius...

Entrava à sala onde nos encontrávamos uma dama que eu sabia ser sua figadal inimiga, mas a quem ela, com grande surpresa minha, dispensara um dos seus mais afectuosos sorrisos, o qual foi correspondido com desdenhosa indiferença.

— Aquela senhora continua a não querer nada com a minha amiga; não é verdade? — observei.

— Assim parece... — retorquiu prontamente. — No fundo, o seu rancor é explicável, pois que a afrontada fui eu sempre... Coisa admirável, porque parece contrária à razão: se as mais das vezes o

ofendido perdoa e esquece, raríssimos são os casos em que o ofensor desiste do seu ódio...

Enquanto isto dizia, a minha amiga descalçara as luvas e premia-as quase febrilmente nas suas finas e brancas mãos de artista. Mas a sua sentença abrira-me tão profunda e vasta clareira sobre a alma humana que, arrebatado, lhe peguei em uma das mãos, abri-a quase à força e levei-a aos lábios.

Notei então — pela primeira vez — que tinha uma unha tinhosa.

D. PLÁCIDO

Não foi mera curiosidade que me levou ao Norte: sempre me pareceu — e ainda me parece — que o verdadeiro mundo se compreendia entre as latitudes de Paris e Meca, abrindo campo bastante a toda a peregrinação artística. Razões de interesse, obrigações de negócio, fizeram-me visitar o Norte de França, a Bélgica, a Prússia renana, e assentar barraca em Anvers durante alguns meses, estação que se repetiu por muitos anos a fio.

Apreensivo, e bem longe de toda a sugestão artística, me sentia eu quando empreendi a primeira daquelas viagens, e tão fora de mim mesmo, que não recusei a companhia dum tal D. Plácido, espanhol cosmopolita e singular fura-bolos, meu conhecido de Córdova, com quem me encontrara em Paris. Fizemos juntos o trajecto de Lille a Bruxelas e pelo caminho foi-me ele industriando «no neces-

sário conhecimento dos caracteres essenciais das raças teutónicas e sua aplicação para alcançar entre elas o bem-viver». Perorou nos seguintes períodos arredondados:

«— Se vais por muito tempo a Anvers, aconselho-te que sigas, direitinho, da gare ao Hotel da Concórdia, cujo nome convida e cujo proprietário, o sr. Van Putten, é personagem de trato ameno e digno, habituado a receber pessoas reais. Servir-te-á com muito boa mesa, excelentes vinhos e um sorriso perpétuo. Ao vigésimo dia de hospedagem, caso te faças visitar por algum colosso da finança indígena, será em pessoa o sr. Van Putten quem, no vestiário da sala de jantar, virá dirigir os movimentos do *gentleman* que te ajuda a pôr o teu *ulster*, e o próprio sr. Van Putten não terá dúvida — mas para isso torna-se preciso que, além de Monsieur de Trichange, te hajam procurado no hotel os da *Banque Centrifuge* — em te conchegar a gola à nuca com as suas mãos fidalgas e guerreiras, pois que o sr. Van Putten é tenente conceituoso da «guarda cívica». Durante as refeições a que ele assiste, conforme o estilo alemão, do alto dum trono, o seu olhar inquieto seguir-te-á sem descanso espiando ansiosamente a expressão da tua fisionomia, radiante, se pareceres satisfeito, e sucumbido, aterrado, se por acaso te surpreende uma

careta quando o criado levanta a concha de prata que encobre o petisco a servir.

«Se tiveres o cuidado de permanecer na Bolsa ao lado dos banqueiros e afectares interesse pela flutuação dos fundos russos, serás apresentado a Madame Van Putten, senhora tão respeitável como distinta; recomendado particularmente à benevolência do porteiro, cuja espinha, para todo o sempre, a tua presença desviará da vertical; então a temperatura do teu quarto será vigiada como se se tratasse da mais preciosa estufa e se, a pretexto de arranjos necessários, tu requisitas a assistência da menina Susana — quando a encontres ainda por lá, senão outra, que a valha na plástica —, ninguém ousará reclamar essa formosa luxemburguesa, e o repique imperioso que habitualmente a chama emudece e nunca mais se ouve sem que o permitas; por fim — milagre! — notarás, na conta, notável redução no preço do *Chablis* com que diàriamente foste regando a tua dúzia de ostras da Zelândia.

«Aquela Susana não é pura invenção minha, andaluza, mas saborosa realidade que oxalá te seja dado palpar. Madame Van Putten, luxemburguesa de origem, escolhe e traz do seu país as donzelas que servem no Hotel da Concórdia; as raparigas do Luxemburgo são de reputada beleza e Susana é daquelas que, sem menoscabo próprio, qualquer

pode, por elevada que seja a sua condição, levantar até si; de resto, a conspícua linguagem de que agora me sirvo, tão imprópria em assuntos de... marmita, indicar-te-á quanto ela valia. Susana detestava os romances de Conscience e exaltava-se com Maeterlinck. Natureza apaixonada, não atendia a mesquinhas reservas ou fúteis precauções: ardia pelo imprevisto e parecia ter aprendido em perfeitos gineceus o orgulho das suas formas e o desembaraço com que as expunha, livres de inúteis véus à adoração alheia. Tenho ainda presente a sua atitude de deusa irritada e impudica quando fomos um dia surpreendidos por certo casal de noivos que se enganara de quarto e na cegueira da lua-de-mel nos veio cair sobre o altar. Houve escândalo na pousada habitual do grão-duque Valdimiro, prontamente abafado graças à influência dos fundos russos. Durante o jantar desse dia o olhar do sr. Van Putten implorava-me claramente perdão e parecia pedir-me que para a outra vez fechasse a porta à chave.

«Mas, adiante; vamos ao que importa.

«Em termos imaginosos: o mais majestoso pórtico que se oferece ao forasteiro quando tenta penetrar em qualquer das actuais sociedades é sem dúvida a prostituição. Vem-nos ela, dizem, por atavismo, da promiscuidade das sociedades primitivas,

mas diverso é o seu sentido por estes países onde a hetaira vive em casa sua, foge da promiscuidade, e elege o macho que lhe há-de garantir a independência. És novo, não te conheço hipocrisia; assim, julgo oportuno trazer à balha semelhante assunto. A prostituição é a primeira das molas reais destas sociedades, o fermento do luxo, da riqueza, e das enfermidades que tanto lucro dão às principais indústrias modernas: a terapêutica, a farmacêutica e a filantrópica. Se desejas conhecer bem um povo, estuda-lhe bem a prostituição. Não quererás tu, agora, talvez, dar-te a cogitações que a esclareçam; mas és novo e terás de usar dela. Aqui tens as minhas luzes. Esquece, primeiro, quanto aprendeste em tal matéria nas cidades que conheces: Paris, mesmo, não serve de norma e o que ensinam os mais conceituosos livros tudo são mentiras. É opinião corrente, entre latinos, que as raças fleumáticas se compõem de indivíduos castos, rebanhos que se apascentam de meras idealidades. Depois dos desaforos britânicos espalhados pela *Pall Mall Gazette,* a opinião persiste, mas, sem embargo da riquíssima biblioteca pornográfica legada pela humanidade, far-se-ia um grande livro inédito só com a relação dos aparelhos e invenções de que essa boa gente se serve nas práticas libidinosas. Comparada com certos truques germânicos, a pena de pavão do

velho devasso alfacinha, célebre em toda a Península, é quase ingénua.

«As cidades do Norte são, consequentemente, poderosíssimos e desenvolvidíssimos centros de prostituição e podemos, talvez, considerá-las, sem exagero, como imensos bordéis. Reservarei para outra lição o seu lado clandestino de mais atraente mas também de mais triste psicologia; agora só me fixarei na prostituição oficial e pitoresca, guiando-te para o caso que mais te interessa, Anvers, através das suas três distintas camadas ou categorias: as falsas virgens, as mulheres de vinte francos e as hetairas de grande preço, o que tudo enxameia, logo ao cair da noite, pelos inúmeros cafés que cercam a gare central.

«Há apenas dois passos entre o Hotel da Concórdia e a Place de Meir, espaço irregular, característico no seu conjunto, onde, em termos sabidos, pulsa o coração da cidade; ali se encontram o mesquinho palácio real e o insípido palácio do Rubens; a Place de Meir estreita-se, e alonga-se em extensa rua até à Praça de Téniers, na qual se levanta, sem grande arte, a estátua do mais novo dos pintores desse nome, cuja fecundidade, sobretudo, se admira no Museu do Prado. Téniers, além de ser fértil compositor no gosto de alguns dos «pequenos mestres» holandeses, foi colorista delicadíssimo; a sua

má figura em bronze assoma ao começo da Avenida Keyser; fica-lhe em frente a gare central. É esta larga e monumental Avenida Keyser, cortada por muitas e bem alinhadas ruas, a principal ucharia da terra. Entra por ela fora e que te não deslumbre a ofuscante iluminação do Palácio Indiano, sem--sabor na sua ornamentação faustuosíssima e onde mal se ouvem as divas alemãs, planturosas e pretensiosas; deixa também as rutilantes vidraças do Café Veneziano, as linhas mouriscas do Alcazar, a vegetação anormal do Jardim de Inverno e, voltando à esquerda, Rua Anneesens, transpõe o grande *Scala,* que exibe as celebridades sediças do bulevar parisiense, e entra no *Flora.* A mobília deste estabelecimento é de carvalho com incrustações de bronze antigo, reproduzindo as clássicas fantasias ornamentais do Dürer. Nas paredes, certos frescos, quase monocromos, historiam o preparo da cerveja de Munich na corte do céu. Pede uma ração do transcendente licor e verás aparecer a mais fresca das alsacianas, de seios rompantes, contidos a custo pelas cadeias de prata do seu colete de veludo azul, sustendo, com os braços nus, o jarro de vidro facetado onde a cerveja espuma, translúcida e doirada.

«Como esta há ali muitas mais, todas de garantida virgindade. São patrícias do dono da casa, parentas, mesmo, algumas, e andam colhendo o dote

para volver depois à aldeia a unir-se ao paciente matulão estremecido de que elas te esmiuçam as peregrinas qualidades, no decorrer de excitantes flartações; porque flartam com mestria, essas moças apetecíveis, permitindo-te até, se fores generoso nas gorjetas, que lhes explores, de mão atrevida e sôfrega, o ninho das duras pomas que são as colunas de Hércules de onde dificilmente passas; só se completando o dote.

«Deixa o *Flora,* toma a rua fronteira à sua entrada e, desprezando sempre quantos incitantes apelos à tua curiosidade se te levantarem pelo caminho, já das gementes rabecas vienenses que a toda a parte levam os langores desenxabidos das suas valsas, já das orquestras tziganas, soltas em remoinhos de arpejos desconcertados, epilépticos, rascantes, já do túmulo que reboa das tavernas subterrâneas onde as rameiras ululam em flamengo nos braços dos soldados, pára e entra onde vires, em letras encandecidas a fogo branco, mil vezes repetidas, a palavra *Éden.* Dentro desse *Éden,* a certas horas, o ruído, a confusão, a desordem é medonha, como se os próprios diabos do inferno a atiçassem. Ali, a bebedeira e a luxúria urram em todos os idiomas ásperos; fervem as imprecações da marujama açulada com a gritaria de meio cento de mulheres a quem nada assusta, mas que se fin-

gem espavoridas; estoiram as rolhas do champanhe, chocam-se e retinem os copos de cerveja; o vinho, a aguardente inunda o mármore das mesas, empapa o sobrado, alçaprema os cérebros, satura o ambiente de emanações que estonteiam; o ar abrasa-se nas estufas até à temperatura excedente de fornalha acesa; multiplicam-se as luzes, em sarabandas sem destino, pelos espelhos paralelos; no bramido da orquestra, entre rufos de tambores, apenas ressaltam os uivos dos cornetins para completar a exacerbação da animalidade desencabrestada. A orgia termina às três da manhã, que é quando as donzelas podem volver a suas respectivas casas e consumar os sacrifícios próprios do seu sacerdócio, sacrifícios que se taxam no limite mínimo de vinte francos de oblata.

«Mas até que feche o estabelecimento houve tempo suficiente para que os pançudos capitães dos grandes transatlânticos recentemente ancorados ali deixassem a soldada de um mês, e para que o forasteiro imprevidente, completamente depenado, pudesse volver ao hotel a estorcer-se nos braços da polícia e nas vascas da borracheira.

«Não escapará decerto à tua perspicácia, no percurso das ruas já citadas, o vidro mate de certas janelas ao rés-do-chão, sombreadas pelas dobras de multíplices reposteiros e onde se lê sempre, em

letras polidas, a palavra *Bar: Derby Bar, Bar Espanhol, Bar d'Edimburgo, Bar d'Oxford,* etc. Quarentonas de carnes relativamente frescas, ainda propícias à estreia mundana de púberes judeus endinheirados, são as senhoras desses discretos e minúsculos estabelecimentos a que estão afreguesadas as heteras caras e os *gentlemen* que lhes pertencem, ou que as pretendem. É luxuosamente arranjado, por vezes com arte, o interior dos *bars* flamengos; de exíguas dimensões — vestíbulo e duas pequeninas salas — mas de bem concertada disposição para facilitar encontros, furtivas entradas, salvadoras evasões. Ali se esboçam intrigas famosas, grandes traições e até idílios gostosos; para ali trabalham nomeados joalheiros, afortunados armadores, especuladores atrevidos; ali se esmiuça a moda feminil, o movimento do esporte, e o escândalo recente, por mansíssimas falas e gestos medidos, harmonias que apenas perturba, se perturba, o ciciar da seda amarfanhada dos vestidos, das notas de banco, dos valiosos cheques, ou seja na passageira excitação do amor impaciente ou na inquietação da intensiva constância infeliz ao jogo. Ali ao desacato, raríssimo, de duas bofetadas nunca retruca o galhardo desforço de dois murros como entre gente grosseira: quem dá sabe em quem dá, e quem recebe de quem recebe; levantam-se ecos

da estourada nos jornais, vãs fumaradas às vezes dirimidas por duelos a bala de corcha. Mas ali sabe-se muito bem da vida e podres das mais luzidas famílias da cidade e do reino, pelas rivalidades indiscretas dos seus conspícuos membros, os quais, nas costas uns dos outros, ali desabafam o ressaibo de seus despeitos. Ao forasteiro que busca a livre entrada aos salões da gente fina, tão zelosa na estremada selecção da sua classe, não servem diplomáticas recomendações melhor do que a frequência inteligente de muitos *bars* flamengos, campo fértil em repentinas e íntimas relações.

«Do estudo da prostituição por estas regiões ressalta o excessivo valor mercantil que aqui se atribui à fêmea. A vida dificílima, áspera, ouriçada de complicados empeços e compreendida na exclusiva aspiração ao gozo material, encontra na luxúria compensações necessárias, infinitos refocilamentos. A mulher cuja posse se alcança representa um capital certo, bom de conservar: daí a constância, por parte do macho, em todos os amores, o que se não deve explicar nem pela fascinação da beleza plástica, nem pela atracção ingénua de almas afins, mas pelo que custa ter uma fêmea sempre à mão e pelo que essa fêmea é indispensável à sôfrega luxúria de toda a gente.

«E passando à poesia, aos amores castos. Aqui, a mulher onde poisou o primeiro desejo do adolescente pobre será, querendo, a sua eterna bem--amada; para isso não lhe é preciso disfarçar o sorriso murcho, nem arrebicar as desfloridas graças: basta que lhe vá ateando com lôbregas denguices as chamas do temperamento sempre ardente, se bem que excessivamente tímido. É assim, talvez, que nesta raça amortece o sentimento do belo e se leva o melhor da vida inflamando a imaginação até ao extremo de adaptar esqueletos às linhas ondeantes da *Vénus de Milo* ou atochar massas informes nos esbeltos contornos da deusa *Diana*. Aberrações com que se ilude e amansa a concupiscência. Para esta gente o lirismo é mero derivatório higiénico e provém de irregularidades no exercício da função primordial.

«Quem tem algum dinheiro atraiçoa a musa com a primeira marafona que se lhe depare. Só Deus sabe quantos anos de insofrida, fera, obrigada continência custaram as mais rendilhadas odes germânicas, mas toda a gente sabe que o matrimónio transforma sempre o poeta alemão, de Catulo erótico, em erudito indigesto, por efeito dos sacrifícios conjugais. Tu verás que estranha planta é nestas latitudes o amor, e se aqui se tosquia a espontaneidade e se Érato usa seios postiços...»

Pôs ponto à desatada e extensíssima dissertação de D. Plácido a entrada do comboio em Bruxelas, onde nos devíamos separar. Mas o espanhol empenhava-se por encaminhar-me os passos no «labirinto dos embustes flamengos» — assim lhe chamara — e emprazou-me a um próximo encontro no «Grand bal paré, masqué et travesti» que, em benefício dos albergues nocturnos de Antuérpia, dava, no Palácio da Indústria, a Sociedade Filantrópica *Amicitia* e para o qual, dizia, haviam sido lançados mil convites de cinco entradas. Empreguei a hora de caminho que me restava até Anvers meditando, quase a meu pesar, no amontoado de inconvenientes paradoxos com que o palrador me aturdira: em que é que esta prostituição de tão capital influência se diferençava das mais do mundo inteiro? Mas eu é que te não posso dar a cor genuína da sua frase, misto de enfatismo oratório e pueril simpleza, tão própria das enormidades que aventava; o caso é que desci à estação de Anvers ainda possuído da sua loucura e foi quase admirado de que o cocheiro me não tivesse conduzido ao bordel que me encontrei no decoroso Hotel da Concórdia.

No dia aprazado apareceu D. Plácido na bolsa de Anvers a distribuir sorrisos protectores pela assembleia; fez a sua entrada à James de Rotchs-

child, a um tempo familiar e aparatosa. Surpreendeu-me a humildade com que o saudavam os bezerros de ouro ali presentes, mas soube depois que o fantástico cordovês criara fundíssimas raízes em um sindicato europeu de minas, cujo futuro os mais extremados em prudência e cautela reputavam maravilhoso. Após repetidos colóquios de feição misteriosa, que resumia em notas tomadas à pressa na sua elegante carteira de lembranças, D. Plácido caminhou direito ao canto onde eu ruminava as minhas tristezas e incertezas — abria-se-lhe na passagem, respeitosa, a turba de argentários como o mar Vermelho diante de Moisés — e tomando-me o braço foi-me levando com notável desenvoltura para a rua. Chegados à Place de Meir, rompeu a pirotecnia da sua oratória:

«Consagro-te dezasseis horas apenas, porque às sete da manhã seguirei, sem falta, para Hamburgo. Mas dezasseis horas na companhia de um homem da minha estatura devem ser para ti regalo proveitosíssimo. Acudir-te-ei com o tesouro da minha experiência no que diz respeito aos embaraços da tua vida e dispersarei na torrente caudal da minha alegria essas portuguesas melancolias, mesmo do país das saudades, que tão claramente te transluzem no rosto. Conta-me os teus negócios se lhes queres ver já, já, a meada desfeita. Eu conheço o fundo de

todas as praças da Europa e descobri o íman a que não resistem os cobiçados metais. Abrir-te-ei de par em par as portas dos bancos inexauríveis — cavernas ignoradas do sol, inacessíveis aos simples, mas que eu violei transformado em chuva de oiro à semelhança do amorudo Jove na torre mitológica. Nem tu ouves o lindo tinido que eu tenho quando ando... Mas vejo que vou errando o caminho: não é isso agora que te alanceia a alma. Talvez o prosaísmo ambiente e esta neve que pisamos te exacerbem a nostalgia do sol, que é o Belo concreto. Nossos narizes, de puros heleno-semitas, já se enfeitam com a forma e cor da beterraba madura. Desviemos a vista de tão lamentáveis exterioridades. Aqui há para tudo, se passarmos à esfera das límpidas subjectivações, ao reino da quinta-essência. Busquemos a sugestão que galvaniza: vamos ver o Pégaso em suas cavalariças, pois que a delicada alimária se não pode expor às intempéries, nem retouçar à solta neste bem regulado país. Vem comigo ao museu e só que te eu mostre certo Van der Weyden que lá resplandece, só que tu contemples um instante nos seus serafins a expressão de inefável beatitude, o seu voo místico, o simbolismo adorável das suas túnicas e verás como te desprendes de tudo o que existe, em voos inda mais largos, a caminho de beatitudes ainda mais fundas...

«— Os sete sacramentos — atalhei secamente —, já conheço isso.

«— Já conheces tudo, então, meu caro, tudo. No desvanecimento do teu egoísmo nem ao menos me reservaste o gozo de te iniciar no que aqui há de verdadeiramente emotivo, a pintura. Nem me será dado revelar-te o Rubens inédito, só aqui genial, do *Calvário*, do *Cristo na Palha*, da *Comunhão de S. Francisco*, da *Virgem do Papagaio*, das *Almas do Purgatório*, do *Descimento da Cruz*. Bem te supliquei que aguardasses a minha vinda para investigarmos, juntos, o Passado; a tua rebeldia desatou para sempre as nossas afinidades estéticas. E eu, que animava o projecto de te levar a Bruges, apresentar-te o Memling, e ressuscitar nos teus embevecimentos, perante o relicário da Santa Úrsula, os meus primitivos encantos. Irás só, coração empedernido: governa como quiseres a tua *insula Baratária* e enche o bandulho, sòzinho, que é o que tu pretendes.

«Pois bem, amanhã estarás livre; leve e breve será esta minha perseguição, a qual, pelos ares que te vás dando, infiro que te é sobremodo penosa. Abandonar-te-ia *in continenti* a teus solitários enlevos se não fora o imprudente compromisso que tomei de levar hoje mesmo a Madama de Xyspe

um português sociável: raríssima ave! Que desengano para a ilustre senhora, com quem devemos jantar logo e acompanhar ao baile da Serração da Velha, e que aborrecimento para mim que não descubro na tua amável companhia meio de aproveitar discretamente as duas horas que me sobram. Ah! mas espera. E se eu te mostrasse, se eu te assombrasse, a ti, figura tediosa, com a luveira da Rua dos Pentes, obra póstuma do Van Dyck e superior a tudo quanto se conhece do mimoso artista!... Pressinto que pões em dúvida a excelência dos encantos da minha Circe, mas vais ver, vais ver...»

Horrìvelmente humorado estava eu nesse dia e nada contente com as divagações do grulha; o entusiasmo, para mim de mau agoiro, que ele agora simulava pela tal luveira holandesa da Rua dos Pentes exasperou-me sem razão plausível, a ponto de que fui eu que estive para o largar. Mas D. Plácido tinha, na grinalda sempre viçosa dos seus disparates, repentes de divertida originalidade e um fundo de extravagante poesia que o absolviam das insofríveis impertinências. Mal por mal, encontrava-o preferível aos outros, e revestindo-me de pachorra lá o fui seguindo até à Rua dos Pentes.

No entanto preparava-me ele para a maravilha à força de hipérboles e provocando pasmo nos pau-

sados indígenas que encontrávamos, com a desordem dos seus gestos.

«Vais ver!... Uma aparição; o sumo, a essência da formosura do Norte. Carne feita com pétalas de rosas maceradas no primeiro mel das colmeias; o resplendor astral dos cabelos roubado ao céu; eu já a adorei nua; o seu corpo desprendeu-se de não sei que revolução da via-láctea; fita-a nos olhos garços, se queres sentir rolar no abismo da sua alma a legião arquejante e sem destino dos teus desejos. Asseguro-te que é a imagem viva da Vénus afrodita. Vais ver!... Mas contempla um instante antes de entrar.»

Contemplámos através do escaparate da loja e entrámos. A luveira era talvez digna da florescente lírica de D. Plácido, mas lembrava sobretudo o tipo predilecto das mulheres do Jordaens, paridade quase grotesca que mais realça o grunhido holandês — Yá, Yá — com que a Circe atendia ao meu poliglota amigo. Não obstante, caminho do hotel, julguei de justiça louvar a engenhosa forma por que ela me havia impregnado de luxúria ao calçar-me as luvas, demorando a pressão das cetíneas mãos que pareciam ungidas de misteriosos óleos e envolviam as minhas em esquisitas carícias. Era, evidentemente, luveira só para homens.

Foi triunfal a recepção feita a D. Plácido no Hotel da Concórdia, com repiques de sineta próprios de *Te-Deum.*

Madama de Xyspe, literata dinamarquesa das mais conspícuas, já nos esperava no pequeno salão à esquerda do vestíbulo onde devíamos jantar e, cortês como poucas, levantou-se do canapé para vir ao nosso encontro.

Era Madama de Xyspe senhora de inaveriguável idade, muito nutrida e inimiga particularíssima dos espartilhos. Vestia uma espécie de roupão de pelúcia amarela, enfeitado de passamanes e camafeus, o que lhe aumentava a já de si extraordinária majestade do porte; a seu lado e a modo de efémero pimpolho que brotou no raizame de vetusta planta, vacilava a forma grácil da sua secretária: pálida menina, calada, melancólica, mofina lua daquele planeta resplendente. Dois outros convidados havia no salão: Van R., esquecida glória da escultura flamenga, velho, tremuloso, sem expressão alguma no olhar, e certo jornalista de Berlim, personagem singularmente complexo, usando bofes bordados no peito da camisa, fisionomia desassossegada, perscrutando tudo e todos por cima das lentes da luneta.

Depois das apresentações necessárias e restabelecida a ordem, voltou a literata ao seu canapé; acendeu o cigarro e propunha-se claramente dis-

cretear em minha honra sobre não sei que assuntos de consequência, quando a questão dos vinhos, levantada pela aproximação do jantar, a forçou a descer das alturas para connosco discutir o que mais conviria beber nesse dia. Concordou-se em adoptar uma só família para todas as libações, mas o escultor propunha bordéus, a literata vinhos de Espanha, D. Plácido borgonha, o jornalista as beberagens do Reno; eu estava por tudo; a donzela efémera bafejou que insistiria no seu regime de gotas de rum em água de Seltz, sem que alguém lhe desse importância. Levantou-se viva celeuma, sobressaindo o encarniçamento de D. Plácido e do jornalista, cada qual a pugnar pela sua ideia, mas após crescida oração, em que revelou profundo conhecimento da matéria, quis o destino que vencesse D. Plácido para ser depois vencido pelo mais escandaloso «pifão» que até hoje foi dado a letras dinamarquesas contemplar.

Pusemo-nos à mesa onde apareceu borgonha de todas as colheitas. Mitigadas as primeiras sedes, começou Madama de Xyspe a inquirir dos usos, costumes, política e literatura portuguesa; fácil me foi compreender que as suas perguntas eram de mera formalidade, pois tudo sabia, tudo, e assim que viu bem patente a admiração que não disfar-

çávamos pelos seus agudíssimos conceitos, passou a explicar-me a lírica, isto é, a alma portuguesa. Magnífica e sábia senhora! Aprendi então que a nossa poesia, vinda da Escandinávia por via da Galiza, florescera nos primeiros séculos da monarquia e morrera às mãos de Camões, o qual lhe fora tão funesto como D. Sebastião à independência nacional. Madama de Xyspe citou os cancioneiros da Ajuda, da Vaticana, de Resende e duas literatas portuguesas contemporâneas: D. Teófila de Braga e Dona Adolfa Coelha. Bem lhe quisera eu advertir o seu engano, pois as aludidas escritoras ostentam pantalonas de casimira e outros atributos viris, mas não me atendia a enlevada senhora e, para tornar bem clara a hegemonia poética da Galiza na Península toda, já citava também as cantigas de Afonso o Sábio, e o marquês de Santilhana. Aqui, D. Plácido quis meter seu atrevido colherão a pró dos árabes e da Provença, seus menestréis, suas cortes de amor; era quanto podia, mas esse mesmo pouco vexou o jornalista alemão que, generalizando, para demonstrar a insignificância da Provença, seus trovadores, etc., se pôs a descompor a França de hoje. Tal não sofreu o cordovês, já grato ao borgonha que o inspirava, e, pedindo lhe concedessem silêncio e atenção, levantou-se da cadeira, arqueou os bra-

ços, puxou dos punhos com o gesto clássico de Don Emílio e abriu as torneiras da eloquência:

... ...

... «Na realidade, Paris nem é exclusivamente a cidade viciosa por excelência, ilusória miragem de crapulosos divertimentos, de bazares riquíssimos, de meretrizes estouvadas, apregoada entre estrangeiros, nem tão-pouco o estendedoiro de vaidades onde os jornalistas assoalham a vida intelectual, artística, moral de uma imensa aglomeração de gentes desvairadas. A perfulgente capital do vício e da vaidade reveste ainda outras formas interessantes, mercê da superior talagarça onde assentam bem todos os recamos, o francês, que é o homem mais multíplice do mundo inteiro e, figura bem diversa do que geralmente se imagina, prático, regulado, conservador, mercantil por instinto e por gosto. Mas tão astuto, tão hábil que não precisa sair de casa para vender quanto produza (lá mesmo lhe vão os fregueses das cinco partes do mundo largar a pele), o francês não dispensa a tutela da mulher, a qual, suprema senhora das economias domésticas, arrecada o dinheiro e dirige a família toda. Assim é, na França toda, que o predomínio das mulheres, refinado na capital em subjugadora tirania, regula a inspiração dos homens no mecanismo daquela

sociedade, hoje única, por miudíssimas engrenagens, extremamente delicadas e frágeis, mas infinitamente complicadas e concordantes na sua assombrosa harmonia. Tal harmonia repugna a muita gente pela mesquinhez dos elementos que a tecem, porém à maior parte entusiasma pelos requintes de feminidade, pela atmosfera de blandícias tão capitosa e suave que ali se respira. Mas — convém insistir — neste fundo natural e genuíno parisiense, vêm talvez de criação esporádica o espectáculo que dá no bulevar tanta velha mal pintada e velhaca e as narrativas tresloucadas, imaginadas e publicadas por cansados narcisos, eternamente namorados de si mesmos, solertes na faina de provocar escândalo. O que determina, pois, a originalidade francesa é a acção dominadora, latente, da mulher reputada virtuosa, das mães de família — pais de família não há em França — que, sem ruído, aparentemente fúteis, não cessam de conspirar para a fortuna dos seus, aguilhoando as ambições, mas fortalecendo a perfeita hierarquia aristocrática, a perfeita limitação das classes, que os homens, por si sós, não sabem sustentar. Para transpor as barreiras dessas classes — geral aspiração constante — só possuindo «o mérito». O critério que define o mérito é indefinível. Mas com semelhante incentivo não esmorece nunca o trabalho intelectual, porque,

para provar o «mérito», é necessário, além do dinheiro, ter o «gosto», conhecer a arte de compor belas frases e impulsar ou apreender depressa a «moda». Frouxa civilização que só é grande pela miséria das outras civilizações rivais e pela extraordinária ordem, sua, das coisas, onde até o génio se compraz. A par da febre mercantil, curiosíssima pela perpétua renovação das suas formas, já na indústria, no jogo, no charlatanismo, já nas transformações da moda, das ciências, das artes, só em Paris há hoje campo bastante e tolerância para os homens extravagantes que, atrevidos, nobres, sinceros, tentam desvendar o segredo da «pedra filosofal», da virtude ou da arte pura...»

Foi muito do agrado de todos aquela eloquência castelhana, e frenèticamente aplaudida. O jornalista, exaltando ainda, observou ser digna do autor do célebre discurso sobre «armas e letras»...

— Ah! hi de puta, bellaco... — retorquiu-lhe, entre dentes, D. Plácido.

Iam claramente transparecendo nos rostos dos convivas os efeitos do borgonha; agora, os olhos do escultor fuzilavam; Madama de Xyspe exprimia languidez e doçura; o jornalista chupava os colmilhos, que eram tremendos; D. Plácido, mais bizarro do que nunca, insuflava na cera virgem da menina dinamarquesa levíssimos rubores dizendo-lhe ao ou-

vido não sei que histórias galantes. Deviam ser frescas as tais histórias, a avaliar pelas que narrou depois, em voz alta, à sobremesa, perdida já toda a vergonha. A literata, entre pudica e curiosa, interrompia-o com numerosos mas brandos *shockings*, que, ainda assim, exasperavam o espanhol. Veio à balha, também, a luveira holandesa, motivo que o escultor, até então muito calado, aproveitou para nos esmiuçar a sua biografia, enfiada inenarrável de indecentes episódios. Multiplicaram-se os *shockings* da literata e cresceu a irritação em D. Plácido. Por fim levantou-se grande tumulto, barafustando cada qual no idioma pátrio e vencendo a todos o acento gutural do cordovês, que mostrava ganas de torcer o pescoço à literata. Nunca cheguei a perceber bem a causa de tão estupenda balbúrdia, mas pressenti que soara a derradeira hora daquela Babel. Por fortuna anunciaram o café na sala próxima, onde havia piano, e tudo se tranquilizou graças às modulações harmoniosas dum prelúdio de Heller, executado a primor pela desconsolada e jovem dinamarquesa.

À música seguiu-se canto. D. Plácido, que trazia sempre a viola na bagagem e era exímio tocador, desentranhou-se em tangos sevilhanos, dos mais desonestos, pondo-me sobre brasas, porque Madama de Xyspe exigia as minhas luzes para lhe trasladar

o sentido à carteira de marroquim verde que desembolsou logo. Bem apelava eu para a impossibilidade real de traduzir as simples trovas populares, mas a investigadora dama, na poética ansiedade que lhe causava o gracioso cantar andaluz, a nada atendia e mandava, suplicava, com eflúvios magnéticos no olhar, que fizesse «um esforço» e, envolvendo-me a mais e mais nas pregas do seu roupão de pelúcia, quase me tinha entalado a cabeça entre o nariz flamejante e a carteira de marroquim. Vi-me perdido. Assim, pensava eu, engolirá o sapo a doninha! Livrou-me do infernal passo a chegada do Senhor V. que devia conduzir-nos ao «Palácio da Indústria». Pouco depois partíamos todos direito à casa do escultor, onde nos mascarámos, seguindo sem mais demora para o baile.

Quando entrávamos na galeria gigantesca do «Palácio da Indústria» que abrigou durante a última feira universal toda a maquinaria moderna, tinha dado já meia-noite e o baile atingia o seu máximo esplendor. A decoração, brilhante e bem imaginada, repartia o vastíssimo recinto por pequenos jardins, fictícios outeiros cobertos de verdura, com lagos, repuxos, cascatas e solitários caramanchéis. Das arcadas laterais desciam enormes reposteiros formando camarins iluminados a giorno, enfeitados

de palmeiras, reluzindo espelhos e cristais. Era ali que a multidão comia e bebia, como os belgas sabem comer e beber em dias de quermesse, no meio da mais estranha e confusa algazarra. No centro da galeria levantava-se um tablado circular, de cem metros de diâmetro, onde se dançavam com toda a sua fúria as selvagens quadrilhas flamengas, cuja principal figura consiste no rodopio, sem fim e sem descanso, de cada par, firme onde está, como um pião em movimento. Sobre o tablado, caía a prumo o jorro branco da luz eléctrica, luz sem vida que tornava fantasmático o remoinho louco de duas mil pessoas...

O nosso grupo avançava lentamente, levando à frente o escultor, que dava o braço à literata. Íamos rodeando a galeria. D. Plácido, vestido como Panúrgio quando lhe entrou a pulga no ouvido, atraía a curiosidade geral pelo desgarro dos seus ditos onde fulgurava o borgonha. A todos interpelava em diversa língua e, muito bem no seu papel, pedia explicações sobre a vantagem e desvantagem de ter chifres, apelando para a experiência de todos, o que nem todos levavam a rir. Agregara-se-nos, entretanto, muita gente, conhecida e desconhecida, a ponto que nos foi literalmente impossível avançar. Entrámos no primeiro camarim que se nos deparou devoluto e logo o jornalista, abancado e notando

que eram horas de cear, se desatou a pedir rações de presunto, galantina, salpicão e mais coisas sólidas, com garrafas de Niersteiner, Hocheimer e Rudesheimer.

— Estes alemães têm estômago de avestruz e deviam ser banidos das sociedades decentes, que a sua presença escandaliza — observou D. Plácido, e voltando-se para o jornalista: — Como é que V. conseguiu esmoer tudo quanto embutiu no hotel? Proponho que levem para a manjedoura este filantropo — o personagem excêntrico, com germânica subtileza, assim classificara o seu disfarce — e que os circunstantes abrandem as respectivas sedes no elegante champanhe. Rapaz, uma dúzia de Roederer!...

A literata interveio em favor do jornalista, apesar do que este foi condenado a comer sòzinho e a dois metros do grupo, prestando-se ao castigo pacientemente, sem embargo das duríssimas apóstrofes com que o cordovês continuava a agredi-lo, mas confiando, decerto, vingar-se na exorbitância dos gastos, os quais ficavam assim inteiramente a cargo do outro.

Recomeçou a comezaina; veio champanhe, que passava pela goela de D. Plácido como em perfeito funil, afinando-lhe a facúndia, multiplicando-lhe os

graciosos e picantes chistes e dando com ele, por fim, na pura crápula. Então, as damas presentes, injuriadas, retiraram-se, abandonando-o à solicitude de umas tantas hetairas famélicas, que havia muito rodavam em volta do nosso pavilhão.

O remate foi assim:

No auge da embriaguez D. Plácido trepou acima da mesa e, conservando-se mal, no mais instável dos equilíbrios, passou a desenvolver uma nova teoria económica onde assomava a aurora da paz eterna com a extinção do pauperismo e gáudio para toda a classe proletária... Simplesmente como o ovo de Brunelleschi, bradava: que entre na alimentação universal o china em conserva, ou frescal, reduzido a salchichas, morcelas e empadas... e vereis a raça amarela transformada, de elemento perturbador, no mais barato e completo dos mantimentos...

Antes de ir praticar a Pequim quis saber, por força, o que pensava a tal respeito o filantropo, mas este, que não descontinuava de mastigar e tinha a boca cheia, nada respondia. Enfurecido com o silêncio do jornalista, D. Plácido precipitou-se nos braços de duas rotundas wilis, até ali entretidas a absorver dúzias e dúzias de ostras. Levaram-no em peso, morto, para cima duma otomana, mas pouco tardou em tornar a si; então, como lhe observassem

que eram seis horas dadas, ergueu-se logo, passou as mãos pelo rosto e, parecendo recuperar a habitual lucidez de espírito, disse «que abria parênteses na bebedeira»... e às sete e meia roncava já no vagão-leito que o havia de transportar a Hamburgo. Despedindo-se, observou-me: «Bem terás percebido a minha intenção, que foi de mostrar a estes crassos borrachões do Norte como é a bebedeira meridional...»

Mesmo meridional genuína, a embriaguez só causa lástima em quem está a sangue-frio. Por muitíssimos motivos não me fora possível acompanhar D. Plácido na espiral das suas demasias, que tanto mais me entristecia quanto mais se alargava. Soltei-me, contente, daquele pesadelo, verdadeiro recontro de toda a casta de intemperanças.

Estávamos na Primavera do calendário, mas o Inverno seguia rigorosíssimo. Nevara a noite inteira; agora, de madrugada, esclarecido o céu, geava fortemente. Intentei voltar ao hotel a pé, para retemperar, no ar puro da manhã, os nervos estonteados. Pouco prático da cidade, pronto me extraviei no manto de neve ainda virgem, que envolvia tudo, e perdi duas boas horas para chegar à catedral, cuja torre mal me orientava, surgindo a espaços como luzente caramelo de prata, por cima dos telhados alvacentos. Era já perto de casa, mas à

porta da igreja detive-me a admirar o pavilhão que enfeita o poço de Quintino Matsys, obra-prima de serralharia, mudada em prestigioso lustre de cristal pelos caprichos do gelo, e decidi-me a subir à torre, certo de que o panorama, ali, compensaria a fadiga da ascensão e ainda vagamente esperançado em que se me refizesse naquelas alturas o molesto ressaibo da noite que findara.

Ascensão penosa pelos oitocentos degraus do rápido caracol que a mais e mais se estreita no ângulo tenebroso da torre onde o cavaram, até alcançar as rendas das últimas galerias que sustêm a transparente filigrana do coruchéu.

Compõe-se a torre de três corpos de estilo diverso, mas o conjunto produz, a distância, a mais extraordinária impressão de leveza, delicadíssima jóia de pedra que bem explica a tradição do povo atribuindo ao imperador Carlos V desejos de a levar para Espanha metida num estojo.

A agulha ou coruchéu é feito de lanternas que se levantam, umas sobre as outras, em floreteada pirâmide inteiramente oca e sem aparência alguma de solidez, mau grado o esqueleto de ferro que a ampara. Não foi de todo livre de certo sentimento de angústia que me aventurei a trepar-lhe, no interior, a espira aérea dos pequeninos degraus cheios de neve, agarrando-me com ânsia ao corrimão quase

vertical que parecia vacilar, pendente da abóbada celeste...

Escolhi o meu poiso bem alto, entre duas medonhas gárgulas de granito, e assim me deixei ficar horas esquecidas naquela suspensão fantástica, sobre o lençol maravilhoso que alvejava, até perder de vista, pela infinita planície gelada.

Vista de cima, a cidade reduzira-se a uma dessas miniaturas de cortiça caiada que se encontram nos museus, e as docas mais distantes do Escalda, com a emaranhada mastreação dos barcos, não avultavam mais do que simples moitas de espinhos secos, perdidas em campo de neve.

Burgos, tantos de tal de 18...

Meu querido amigo:

Muito estimei encontrar aqui a sua lindíssima carta, mas quanto mais agradável não seria a sua feia presença! Fez mal em não vir; os seus receios eram vãos, pois este «Gran Hotel Paris, de los sucesores de la Rafaela» oferece conveniente agasalho. Verdade seja que o meu cadáver a tudo se acomoda, ao contrário dos seus fofos redenhos que exigem, decerto, carinhos e mimos especiais. Ora

aí está a que molestas banhas conduz o livre-exame; se o meu amigo mortificasse a carne por católicas penitências, talvez o não preocupasse tanto o melhor ou pior passadio das hospedarias e teria visitado comigo, hoje, os sepulcros do bispo Juan Cabeza de Vaca e de sua mana Berenguela, de que todos nós, inclusive a mesma Cabeza de Vaca, receberíamos grandíssimo contento.

— Mas voltemos à sua interessante carta. Sabe como sou falho de galas filosóficas e quanto me seria difícil opor coisa de sustância às grinaldas de sagazes conjecturas que o amigo entrança a propósito de liberdades flamengas e glórias municipais. Mas será a diversidade de condições geográficas explicação bastante aos tão diversos destinos que tiveram as comunas flamengas e italianas? Creio que no *Príncipe* do Maquiavel é que definitivamente se elucida o problema: a *virtú* não avultou entre flamengos, gente honrada e de mediana inteligência, só comparável à italiana no seu excessivo amor a cavalgatas, cortejos e procissões. Toda a história dos Países-Baixos, até à organização da república batava, parece resumida nas esplêndidas festas com que os seus príncipes — sempre estrangeiros — cativavam os vaidosos burgueses, e nos motins e sedições com que estes tentavam eximir-se dos impostos necessários ao custeio daquelas carís-

simas festas. Todos os divertimentos lhes haviam de sair da pele, que ficava sempre a escorrer sangue. Mas original e, com efeito, gloriosa a história das comunas flamengas e brabantinas, a que dá extraordinário lustre a sólida estrutura, incomparável, das suas corporações, alcançando que não desfalecesse a produção industrial no meio de toda a classe de calamidades e em tempos tão revoltos, etc. No entanto, o que, de tudo, mais curioso me parece é que só as mulheres lhes conseguissem governar pacìficamente a turbulenta população, salvo quando tinham barbas no queixo, como Margarida de Parma. Durante a regência desta desgraçada Senhora ferveram os distúrbios: foi então que os iconoclastas cometeram os horrendos atentados que sabe, para os quais, a meu ver, não era ainda suficiente castigo a alcateia do Duque de Alba, que Filipe II por lá soltou. Veja o amigo como já descaio em louvores ao «Demónio do Meio-Dia»; se nada tem a força das considerações históricas para tornar em despiedadas feras até os mais tenros cordeirinhos. Ora eu que sou pecador!

A propósito da Bélgica actual, de hoje, baseou o amigo efémeras esperanças nas minhas observações; nenhumas fiz que me fossem próprias, porque um tal D. Plácido, tomando-me pela mão, quando eu lá chegava, no generoso intuito de facilitar a

minha iniciação, teve artes de me desnortear e entontecer com o seu analítico palanfrório. Ficou-me para sempre interposta aquela sombra entre os sentidos e a realidade. No ano próximo, e provàvelmente também nos seguintes, voltarei ali, curando de remediar então, como possa, a inutilidade da primeira viagem. Mas presumo que não gastarei nunca encómios com essa gente do Norte, seja de que raça for, cuja manhosa reserva me é particularmente antipática; prefiro as meridionais exuberâncias, sem embargo da funda, real hipocrisia que as mesmas mal encobrem.

Aproveitei-me do passeio às margens do Escalda principalmente para admirar o Rubens, que nem no «Prado» nem no «Louvre» ou em qualquer outra colecção, famosa, de pinturas, mostra ser o pujantíssimo gigante que a Bélgica revela. Circunscritos os limites da curiosidade ao campo do «pitoresco», embebi-me com indizíveis delícias no estudo dos mestres, tão impròpriamente chamados «primitivos», das escolas de Bruges e Gand, os quais atingiram nas suas obras a perfeição absoluta, mas sem que lhes tocasse aquela divina carícia de idealidade transcendente que bafejou as escolas de Itália, suas contemporâneas. Depois, no país clássico das neblinas translúcidas, o Alberto Cuyp mostrou-me como é que se pode trazer da rua para

casa o verdadeiro sol, talvez com a joeira do conto, e peneirá-lo em cima de pequeninas telas que a prestigiosa realidade da luz torna vastíssimas. Encontrei no Rembrandt não sei que assinaladas afinidades com o Shakespeare e o Miguel Ângelo; têm os três os mesmos voos imensos que parecem alcançar a sensação inicial e indivisa, conglobando tudo: gritos espavoridos de feras torturadas, misteriosas ascensões sidéreas, sorrisos de anjos moribundos e a mística beatitude por que se anseia; é como o clamor das catedrais chorando a tristíssima história do homem, é como o desespero da música que nos solta a alma pelas fragas do incoercível...

Que o não espantem, querido amigo, estes arrancos de lirismo, mas há nomes assim, que mesmo em peitos ressequidos levantam cachões de imagens...

Atribuído, por justificadíssimos motivos, ao cinzel do Miguel Ângelo, é o grupo da *Virgem com o Deus Menino,* que orla a capela do Santíssimo Sacramento na Igreja de Nossa Senhora, em Bruges. Como deixar sem referência, mesmo em tão breve revisão de coisas de arte, aquela prodigiosa, branca aparição, reflectiva, grave, que do seu nicho de mármore negro constrange a meditar... Bruges é a mais interessante das cidades do Norte, assim intacta, ainda, na imobilidade silen-

ciosa de quando se lhe suspendeu a vida, há quatro séculos.

Nenhum outro país do mundo encerra, como a Bélgica, tão grande quantidade de góticas construções profanas: alterosas torres de atalaia — que também serviam para arquivar a sete-chaves os pergaminhos dos privilégios burgueses —, mercados, fortalezas e palácios comunais. Estes são incomparáveis, e o mais belo de todos, o de Louvain, é como a arqueta, miùdamente entalhada, de um maravilhoso relicário e inverosímil, quase, no seu conjunto de refulgente laçaria.

Mas será este, realmente, o mais belo de todos? E os de Gand, Bruges, Bruxelas, tão rica e diversamente decorativos, e excelentes, já pelo seu valor e arranjo próprios, já pelo remate que dão à preciosa harmonia das praças onde os encastoaram? E o de Audenarde — exclusivamente único — arredando-se aèreamente, na sua vetustez doirada, com a graça e a frescura perlada de um gorjeio, sobre o prado esmeraldino?...

Um dos encantos destas cidades belgas vem do contraste entre os grupos, frequentíssimos, de velhas casas irregulares, de pitorescos, desordenados perfis — debruçando-se sobre os calmos canais, ou guardando a entrada das pontes corcovadas — e as graves, alterosas, imponentes construções muni-

cipais ou religiosas, cuja severa aparência, rigorosamente acautelada pela simetria das linhas, a miúda fantasia das outras mais realça.

Nas suas velhíssimas torres de atalaia e de alarme — *os beffrois* — estão ainda os sinos históricos a cujo chamamento se iniciaram os mais sangrentos lances da vida das comunas, sinos com nomes imaginosos, burlescos ou familiares, por que já eram conhecidos na Idade Média e cuja voz as crianças reconhecem e saúdam de muito longe...

Essas cidades flamengas, tão devassadas e escaroladas por descritivos de artistas e guias de turismo, ainda têm segredos, ainda reservam surpresas. Tournai, por exemplo, com as suas antiquíssimas habitações romanas — espécimes únicos no mundo — e a sua catedral desconcertante, que é o encontro de duas imensas e distintas basílicas, uma românica e outra gótica, ligadas por um corpo de cinco altíssimas torres de fortaleza, que corresponde ao cruzeiro.

Uma das entradas, a que chamam a «Falsa porta» e faz parte de um fundo vestíbulo, é o arquivo de muitos séculos de produção artística, onde há maravilhas de escultura, que se anteciparam em elegância, ingenuidade e graça aos primitivos trabalhos dos pisanos.

Estranho monumento em cujo coração tene-

broso estou agora vendo refulgir os relicários bizantinos, de Nossa Senhora e Santo Eleutério, de prata doirada, onde formigam as figurinhas cinzeladas no emaranhado de filigranas, esmaltes e pedras preciosas...

— O amigo, que saboreia gostosamente as benfeitorias da imprensa, apreciava, decerto, como poucos o poderiam fazer, o Museu Plantin, hoje propriedade da Câmara de Antuérpia. Estou a vê-lo, suspenso em religiosa comoção, abeirar-se dos dois primitivos e veneráveis prelos de coiro que ali se guardam. Lograram, com efeito, as simples e desordenadas máquinas sobressaltar a humanidade inteira. Mas que trabalho não vai daqueles rudimentares instrumentos de discreta má-língua ao desbragado mexericar actual das portentosas rotativas *Marinoni!* Muito caminho tem andado o mundo! e isto seja dito sem filosofais agruras. Que o que sobretudo me embeleza ali dentro não é, nem por sombras, assistir ao desenrolar, até à perfeição estreme, da indústria meritória de fabricar livros, mas o arranjo dos aposentos particulares da família Plantin-Moretus, conservado na sua original disposição de quando os ilustrados burgueses por cá passeavam em carne e osso, tais como no-lo representam as anafadas figuras com que os retrataram os mestres adoráveis, que também foram

seus colaboradores em trabalhos de livraria. Nesse meio de genuíno gosto, onde a riqueza e profusão das alfaias não exclui a delicadeza e requintada arte, tão próprias àquelas imagens de outros tempos, demora ainda a vida que passou, vida real, sem arrebiques históricos ou romanescos. Que deliciosas tardes levadas no silêncio daquelas salas, na intimidade de tão nobres figuras! Há ali um pequeno quarto, forrado a matiz por antiquíssimo coiro de Córdova esmaltado, onde, dizem, o humanista Justo Lipso revia as provas das suas obras, que é a mais acabada boceta que se possa imaginar em mãos de fadas.

A chamada casual de Justo Lipso a esta carta pede referência, embora leve, às letras belgas. Mas em tal capítulo que poderei eu dizer que você não saiba?

É notável a falta constante de uma literatura autónoma, original, em povo tão dotado para outros ramos das belas-artes: a arquitectura, a pintura, a escultura e até a música (o mestre de Pelestrina foi o flamengo Willaert). Recentemente, porém, sob a direcção de um espírito ao mesmo tempo organizador e sagacíssimo, o malogrado Max Woller, fundou-se ali uma revista, *La Jeune Belgique,* colaborada por artistas como Camille Lemonnier, Georges Eckhoud, Albert Girard, Emile Verhaeren, que

originou o primeiro movimento formal de literatura pátria.

Daqueles, o mais conhecido, Verhaeren, é poeta de larga envergadura, com visões multiformes e profundas, à Vítor Hugo, mas menos hiperbólico e mais limpo de retórica, mais repassado de humanidade real.

À altura de Verhaeren elevou-se logo Maeterlinck, polígrafo incomparável, espírito inovador, generoso, requintado, sondando com fruto quantos problemas psicológicos perturbam a quietação da consciência social, que a mais e mais se vai adiantando para a solução definitiva e suprema da justiça humana.

Depois apareceu Charles Van Leberghe, poeta conciso, mas de fundíssima sensibilidade, cuja alma diamantina cintila através de uma forma originalíssima e impecável. Ele criou a arte maviosa de «murmurar» em termos tais que as palavras escritas parecem proferidas por dulcíssimas vozes longínquas e chegam até nós entre perfumes delicados e brandas carícias de levíssimas brisas...

Logo está Rodenbach e as suas prosas, com um estilo de raríssimo tecido, no qual as mais fulgentes e extraordinárias imagens não fazem cova, nem pesam, guardando sempre não sei que frescura de simplicidade sem artifício, de frescura natural que

embevece o leitor. E, apesar disso, todo coado em mistério e intensamente sugestivo...

O que choca algo nas pretensões desta jovem literatura, orgulhosa já de poder chamar-se autónoma, é a concepção intransigente de uma «alma belga» que não perdoa nem admite à crítica a justa liberdade de nela destrinçar fortíssimos reflexos da «alma francesa»...

— As repetidas visitas que eu fazia ao Museu Plantin exigiam sempre, como necessário complemento, por oculto enlace cujos meandros escapam à minha análise, outras visitas ao Steen, que é o derradeiro vestígio do primitivo burgo, minaz castelo medieval, ainda em pé, à margem do Escalda, no meio do cais onde justamente atracam e descarregam hoje os transatlânticos de maior tonelagem. Essa temerosa fortaleza adarvada, crespa de octavados cubelos, defendida por baluartes, redutos e barbacãs, serviu de antro predilecto aos primeiros senhores da cidade; nela se estabeleceu depois, com a dominação espanhola, a Santa Inquisição. Agora é museu, medíocre, de armas e mobília antiga, mas oferece palpitante interesse nas inúmeras recordações que lhe ficaram dos tormentos inquisitoriais. O guarda mostra as masmorras à luz minguada de uma vela. E que esquisito repasto à nevrose que nos dorme enfadada nos algares da alma, não é

descer, pelo caliginoso coração das muralhas, aos húmidos calabouços onde, sobre montões de barras esquinadas, a luz débil que nos guia projecta, em desmesuradas e esgalgadas sombras, as formas que lhes povoam as trevas, esqueletos de dentadas rodas, redouças de cadeias, oscilantes roldanas, como na aglomeração de horrores que o Piranesi fantasiava para os seus cárceres!...

Visto que tomámos por este caminho, falar-lhe-ia também das igrejas flamengas, se me não encontrasse agora em terras de Espanha tão incomparàvelmente ricas de catedrais, de conventos e... de tudo. Aqueles bêbedos maltrapilhos que a história acolheu sob a pomposa denominação de *iconoclastas* devastaram o interior de alguns templos belgas como as brutas feras esfarelariam nas garras os rendados favos de um cortiço de abelhas. O péssimo gosto das épocas subsequentes à catástrofe só agravou o mal, enxertando em puras linhas góticas as vistosas máquinas desenxabidas de que a inventiva arquitectónica dos dois últimos séculos foi tão pródiga. Não é com a vista ainda encandeada nos fulgores desta divina catedral de Burgos que se podem rememorar tais desconcertos. Você reparou, decerto, quando o seu comboio passava por aqui, na aérea inflorescência das ocas agulhas de pedra que assinalam gloriosamente, e a imensa distância,

a pátria do Cid Campeador; diga-me a que delicadezas de buril, a que efémeros encanudados de transluzentes rendas, se devem comparar aquelas recortadas colgaduras com que o céu se enfeita há já tantos séculos. Ah! se você entrasse no coração dessa maravilhosa arca!

Nenhum outro país do mundo tem para mim os atractivos, as graças, o prestígio da Espanha, que até agora soube resistir às investidas do «Baedeker». Aqui e só aqui poderá haver esperança de que se nos deparem emoções raras, imprevistas, e até aventuras. Assim pensa, também, o ingénuo moço inglês que me acompanhou de Biarritz a Burgos. Perguntava-me ele, apenas entrou na carruagem, dirigindo-me espontâneamente a palavra contra todos os preceitos da insociabilidade britânica, perguntava-me: se não seria fácil encontrar em Burgos uma «Carmen», «Una Carremena di questas», e apontava o volume do Mérimée. Pus-lhe minhas dúvidas, o que o desconsolou muitíssimo, mas logo buscou alívio na galinha assada que exumou do volumoso farnel. Entanto eu me abismava nas sempre surpreendentes paisagens dos Pirenéus, tasquinhava ele no seu canto, indiferente a tudo que não fosse galinha assada; na passagem da Vila Hernâni só restava da tenra ave a esburgada carcaça, e o moço inglês rompeu a roncar ali

nas alturas de Zumárraga. Acordou na estação de Burgos após cinco horas de sono reparador e de bem modulados ronquidos. Todos os dias o vejo na catedral, com o pescoço fora, palmo e meio, do colarinho e os olhos fitos no arco da abóbada onde está o curioso relógio aqui conhecido pelo nome de «Papa-Moscas», — pois apresenta uma grotesca figura de músico que se põe a abrir e a fechar a boca todo o tempo que o relógio leva a dar horas. Julgo que o inglês se consola no «Papa-Moscas» da ausência da sua desejada «Carremena». Se até nos ingleses que a visitam é incomparável esta singularíssima Espanha!

Já que o amigo aqui não veio, quereria eu, por condão de magia, levar-lhe aí, na sua esplendente realidade, em guisa de amostra, a porta que põe em comunicação a catedral e o claustro. Esplendente é adjectivo impróprio, talvez, desta velhíssima portada que, toda ela, madeira e pedra, se move em figuras caladas e lavores floridos; deveria dizer-se: evocadora, subjectiva, porque nunca de formas inertes ressaltou uma vida, assim intensa, de recolhimento e mistério, como a que se desprende das suas silenciosas harmonias. Tal é a igreja toda; desgraçadamente dela só lhe posso enviar fotografias onde hoje se amortalha tudo quanto é belo.

Dois monumentos há nos arredores de Burgos

que alcançaram também universal nomeada: as Huelgas del-Rey, convento que o triunfador das Navas de Tolosa dedicou às freiras da ordem de Cister, e a Cartuxa de Miraflores, que encerra as tão justificadamente célebres sepulturas de Isabel, a Católica. Levei quase todo o dia de ontem na Cartuxa: há ali, na capela-mor, um magnífico retábulo, cuja luxuriante e extravagante composição contém tudo quanto o estilo, nosso, manuelino poderia alcançar de mais rebuscado, lindo e primoroso. Os túmulos de D. João II de Castela e D. Isabel de Portugal avultam, aos pés desse retábulo, como obra de ourivesaria recolhida em alabastro: sobre eles baixou uma alvíssima revoada de anjos do céu, os quais mal se lhes prendem às cinzeladas arestas, de asas abertas, intentando voar de novo. Na parede esquerda da capela colgaram as teias de sobrepostos recamos que emolduram a estátua do infante D. Afonso; na direita, o filigranado trono presbiteral; e depois, ladeando ambas as paredes, por cima dos assentos do coro, escorrem os baldaquinos de nogueira em florentes estalactites.

É na sacristia desta igreja que se venera e admira a excelente estátua de S. Bruno, obra do escultor Manuel Pereira, que talvez o meu amigo se lembre de ter visto, reproduzida em desenho do Soares dos Reis, na revista portuense *A Arte Por-*

tuguesa. Manuel Pereira foi artista espanhol com todos os defeitos do «convencional realismo» que inspirava a estatuária na sua decadente época e sem o vigor que caracterizou as composições de outros mestres, seus contemporâneos. Muitos patrícios nossos orgulham-se da origem portuguesa do artista; ora ele nasceu durante a dominação dos Filipes e emigrou para Espanha em seguida a 1640; era espanhol de nascimento e coração, o que lhe não deslustra os merecimentos artísticos, mas rebate aquelas patrióticas vaidades.

Das Huelgas del-Rey pouco se pode ver, porque o melhor veda-o a clausura aos olhos profanos, mas esse mesmo pouco abunda em recordações heróicas; da abóbada da igreja ainda pende o rútilo guião tomado, em Navas de Tolosa, ao forte Miramolim. De todos os conventos de freiras da cristandade foi este o mais poderoso, temporal e espiritualmente. Muitos dos reis de Castela e de Aragão ali vieram a armar-se cavaleiros às mãos de um Santiago de engonços, cujos braços, soltos por oculta mola, descarregavam nos reais ombros a ritual espadeirada. Eu reputo adorável tão ingénua comédia.

Mas é tempo de lhe dizer adeus, pois já canta o galo da madrugada na capoeira dos «Sucesores de la Rafaela...»

JOÃO DE DEUS

Para chegar à Igreja de Madonna di S. Luca, fora de Bolonha, sobe-se meia légua de escadarias, cobertas de arcadas. Na tarde serena de Primavera em que ali fui — tarde que dizia tão bem com a tranquilidade da minha alma, o dia todo como que desprendida de mim mesmo e errante, a meu lado, no caminho sem plano que eu seguia por entre os inumeráveis pórticos, elegantíssimos, da cidade — a paisagem fazia-se de um azul infinito, por leves gradações, na imensa planície que, longìnquamente e quase sem transição, o céu absorvia. À medida que ia subindo os degraus sem fim, mais se azulava, em baixo, aquele manto de espessa vegetação, melhor se reflectia nele o céu esmaecido, e a minha alma, indecisa, a mais e mais se repassava de flutuantes, remotas imagens, coadas por iniciais transparências, de quando se desperta para a vida...

Durante o dia todo só interrompera um instante o meu passeio de despreocupado vagabundo, ao acaso, pela cidade, para rever em S. Giacomo Maggiore o fresco de Lorenzo Costa que eu adorava — bem mais ìntimamente sugestivo que todos os Francia, encarecidos, que o cercam; nele se celebram não sei que místicos esponsais: um verdadeiro anjo vem trazer aos noivos ajoelhados duas coroas de rosas. Pintura simétrica, de primitivo arranjo, com, ao fundo, grupos de santos cantando o epitalâmio. O tempo parece ter, de propósito, desvanecido ali as cores, subtilizado as formas, para só provocar a intuição de um sentimento...

Eram essas formas esquecidas que, agora, na subida a Madonna di S. Luca se me desdobravam pelo azul pálido da alma. Outras imagens vinham pouco a pouco abraçar-se com estas, todas de transcendente serenidade, iluminadas por sorrisos imarcescíveis. Evocações dos «primitivos», de toda essa incomparável Itália do século XV que, ao desvendar o segredo da sensação mística, criou o símbolo da beatitude moderna. Nesse cortejo de radiosas aparições se me ia alagando a alma de felicidade; era um momento inefável, todo acima da terra, uma como que etérea eflorescência do pensamento; espiritualização absoluta, reverberação magnética de

todas as antecedentes, similares sensações esquisitas por aquele manto azulado que me envolvia, que envolvia a terra, e onde a tarde, desfalecente, se envolvia...

Chegado ao portal de Madonna di S. Luca, quando, já sol-posto, a paisagem se embebera em sombras e apenas persistia em fundo luminoso para as formas deliciosas que se me agitavam na fantasia, no momento supremo de quietação, de alheamento, que resumia esta tarde inolvidável, a lembrança do poeta, como sempre nos mais prestigiosos instantes da minha existência, veio completar o encanto, consagrá-lo. Mas não era nem por florentes rapsódias da sua lírica, nem pelas sínteses por onde a sua inteligência me explicara a vida, nem pela harmonia da sua resplandecente figura que me tocava, agora, a carícia da sua lembrança. Familiar, simplificado, o poeta aparecia-me sem nenhum arranjo na atitude, mas ingénuo e tal como tantas vezes o surpreendera durante os anos de intimidade que levara debruçado para a sua vida, vendo-a correr, tão pura, tão cristalina, como nasce e corre a água na montanha!

Socorrera-me sempre da sua memória para ganhar mais luz, para que me não afogasse a sensação

que estonteia, como quando me abeirei dos sonhos fantasmáticos que o Rembrandt reproduziu em quadros, ou como quando, angustiado, atónito, ouvi os soluços do Miguel Ângelo — que lhe ensanguentam os mármores brancos — ou junto dessa temerosa máscara do Dante, causa de um calafrio inédito que jamais se repete...

Em Madonna di S. Luca — só a Itália transfigura assim um homem — era eu que sentindo-me longe, infinitamente, de toda a prisão grosseira, volvia, das esferas superiores, a minha curiosidade de semideus para a terra miserável e pasmava de encontrar tão grande e tão bela a figura do poeta, mas a sua forma material, a plástica transitória, e dizia às imagens flutuantes, minhas companheiras, que lhe atendessem bem na meiguice do olhar contemplativo, que lhe escutassem o timbre da voz tão quente, que estudassem o ritmo dos seus movimentos onde floresciam as suas mãos de artista. Foi o meu último adeus ao homem, ao envólucro mortal, à forma encantadora que ninguém fixou, que ninguém cantou e que eu tivera ainda a ventura de conhecer pujante. Depois, como no fresco do Lorenzo Costa, as cores esmaeceram, desfizeram-se os contornos e apenas ficou, para sempre, o poeta, no fulgor dos seus versos.

Mas o homem merecia que o Luini o retratasse!

Havia muitos anos já que eu não tornara a ver o poeta, receoso de o encontrar mudado, e perder assim a impressão que guardava do tempo vivido exclusivamente ao seu lado, no calor da sua inteligência, então sem rival, preso, embevecido nas suas palavras. A melhor, a mais larga impressão da minha vida e que, por forma alguma, desejaria estragar. Mas a visão de Madonna di S. Luca estremara-me o homem, que pode envelhecer, do poeta cuja frescura eterna se ligou ao futuro da nossa língua.

Animei-me a matar saudades. Meses depois, nesse mesmo ano, quando passei por Lisboa, fui procurá-lo. Não tinha fundamento o meu receio: ele não envelhecera e falava não como o eco enfraquecido do que fora, mas revestido da mesma Esperança, pairando ainda à mesma altura e com serenidade talvez ainda mais firme no olhar e no pensamento.

A luz frouxa de uma única vela alumiava a casa onde estávamos; no seu rosto, mal esclarecido por aquela luz incerta e oblíqua, as sombras irisavam-se de reflexos interiores, como se as suas feições fossem modeladas em vivo alabastro. As mãos alvejavam, emergiam da penumbra, acudiam-lhe aos lábios, amparando a frase solta por veladas

modulações de uma voz de cristal vibrando entre pregas de veludo.

Como eu lhe contasse o que melhor me impressionara por tantas e tão várias peregrinações artísticas que empreendi e realizei, ele retomava as minhas palavras e, sem esforço, como se efectivamente a sua inteligência houvesse acompanhado a minha pelas terras da Arte, deu-me outra visão, nova, toda subjectiva, das grandes maravilhas entrevistas, que a sua intuição restituía ao primitivo esplendor. Entanto que falava os olhos esparziam não sei que admirável claridade intensíssima, quase sobre-humana...

— Tal é ainda a magnificência de esse espírito subjugador, que resistiu, imaculado, durante sessenta anos, à influência enervante dum país anódino, cuja intelectualidade mal se afirma, há séculos, por paródias ridículas na ciência, na literatura e na arte! — dizia-me um mestre-escola transmontano, fanático, ali presente e com quem saí de casa do poeta.

S. Bartolomeu de Messines, terra da naturalidade do poeta, tal como ele ma descrevera nas recordações da sua mocidade, seria fantástica pelas tradições do «Remexido», pelos heróis da Patuleia, pelos tipos extravagantes, pelas rivalidades dos seus

moradores, duros de corpo e arguciosos, que a política dividira em bandos activos e avessos a quaisquer transacções. Alguns perfis de valentes ou de grotescos ficaram-me para sempre na imaginação. Um, que o poeta dizia ser na eloquência e na plástica a metempsicose do Mirabeau, barbeiro, moralista, grande crítico da vida alheia, língua peçonhenta que só desfalecia na presença da esposa, desgarrada virago cuja luxúria os moços, todos, do povo debalde socorriam conforme as «suas posses», sempre «coisa nenhuma» para a velhaca. Outro, o «Compadre», o da «cachamorrinha para malhados», pachorrento, sentencioso, metódico, íntegro, saudoso dos velhos tempos de 33, durante os quais colhera um saquitel cheio de orelhas favoráveis às subversivas proclamações do Senhor D. Pedro IV. E a ressurreição interessante do Cristo na pessoa de certo alfaiate desvairado, o qual por novíssimas parábolas entretinha aos domingos o povo no adro da igreja, o povo que o não achava doido e o escutava silencioso e admirado. Mas o singular encanto das suas evocações traziam-lho as esbeltas raparigas que ele me pintava na vida simples de aldeia, ou lavando roupa nas fontes, ou ceifando trigo, ou descansando nos poiais das portas, à tarde, quando o Sol se escondia por detrás dos cerros íngremes, e as várzeas, no fundo do vale, se cobriam

de sombra e de silêncio. Os idílios que ele então me esboçava eram como leves aguarelas sem retoque; notações delicadíssimas, fugitivas, onde houvesse reflexos cor-de-rosa de mimosos corpos nus nas águas sossegadas de um lago pouco fundo.

Um dia fui ver a aldeia do poeta e estive no adro da igreja contemplando a casa onde nasceu. Depois subi ao escarpado cerro que ali se levanta, quando, justamente, se transmontava o Sol. Era no fim de Junho; pelas encostas dos montes fronteiros escorriam as searas em ondas de oiro roxo e vinham juntar-se ondulando, mas já sem cor, no fundo do vale extensíssimo. Outros montes sem vegetação, meros contornos indecisos de sombras violetas, fechavam, muito longe, o horizonte vacilante, e, para o lado do mar, o céu esverdeado perdia, pouco a pouco, a transparência com o misterioso desmaio das turquesas moribundas.

Desfiguravam-se totalmente as linhas convencionais da terra: das cores expirantes nasciam as «formas livres»... Assim o tempo transformara em Bolonha o fresco de Lorenzo Costa...

João de Deus na vida prática foi homem que deixou andar sempre o «seu crédito por mãos alheias» e nunca soube «vender o seu peixe», como se diz no Algarve. Artista e boémio. Ninguém como

ele adquiriu tão universal reputação de preguiçoso e de perdulário. Esta última balda perdeu-o na opinião das províncias, conquanto não haja notícia de que o poeta uma única vez na sua vida tivesse gasto cem mil réis, porque nunca os teve. Soberbos filósofos tentaram governá-lo, tutelá-lo, mesmo; foram os que mais lhe imputaram a incansável preguiça. Clamavam que só impondo ao seu espírito certa orientação — cada qual, a sua — se conseguiria dele maior e melhor cópia de produções; quiseram, em resumo, «emendar-lhe a mão», mas não emendaram, afortunadamente. Tão-pouco escapou à vista aleivosa dos políticos graúdos que o chamaram para o seu grémio: resistiu o poeta; isto, no tempo em que andavam cheios os cofres públicos. Artista e boémio. Buscava consolar a alma com os versos que fazia, cristalizando as suas impressões e, entre sorrisos, exclamando: a vida é um bem. Esta, a sua divisa. Mas é amarga a vida quando em cada encruzilhada nos espreita a miséria e a fome; no entanto ele nunca pensou em vender fosse o que fosse nem mesmo versos. O quê? versos valem alguma coisa? Levava três meses para vir de Coimbra à terra: fazia a viagem a pé. De uma vez levou mesmo muito mais de três meses, levou um ano e, já no Alentejo, um dia, em Agosto, doente, abandonado de todos na beira da estrada

sem fim, no meio da charneca abrasada, pensou que morria. Na sua loucura, tentou abrir as veias dos braços com os dentes... Teve muitos outros momentos de cruel sofrimento. Mas a dor é imensamente fecunda, ao contrário da alegria, quase sempre estéril e egoísta. Os seus versos são o mais puro manancial de doçura, a mais penetrante e esquisita subjectivação do amor que se conhece; ali, mau grado a extensa ladainha a Margaridas e Marias, não há «mulheres» mas «a mulher». Embalde se procura compará-lo com outros poetas; os seus versos não acusam influência de nenhum, influência directa, mas parentesco quando, à semelhança de todos os «grandes artistas», nos levanta mundos de sensações na poeira de dois versos que diz, às vezes, conforme as tristezas que, então, nos anuviam a alma. Versos consoladores, versos redentores, com o recamo de imagens de um simbolismo infinito, nunca alcançado.

Quando o azul celeste
descansa nessas águas,
bem como nestas mágoas
descansa o teu olhar!

É pretensão grotesca supor os seus versos «populares» no sentido de serem «decoráveis» pelo povo. O nosso povo não encontraria neles a parte

episódica que, só, lhe agrada. As mulheres, se os lêem, é na esperança de satisfazer não sei que grosseiro sensualismo a que compraz a poesia meridional, mesmo a mais espiritualista. Homens e artistas é que o sentem: aqueles que, sofrendo àsperamente na vida real, só procuram alívio e conforto, por idealizações preciosas, entre quimeras...

Quem pudesse mandar todos os dias ao poeta os gráceis lírios brancos, as inebriantes tuberosas, todas as flores místicas, enlevo da terra, as açucenas, ou a flor do espinho, os ramos do heliotropo humilde, cativante, e as rosas cor de oiro vivo: era para lhe pagar os seus versos. E quem pudesse colher as mais delicadas flores, dessas rosas de Outono, incomparáveis e efémeras, que têm não sei o que de dolorido no pálido carmim das pétalas, alma a esvair-se com o perfume tão vago e subtil que exalam, colher aos molhos levando-lhes as raízes e mandar-lhas todos os dias, sempre, para que ele visse que o Outono também dá flores e são as mais mimosas! Ah! que abençoada ilusão...

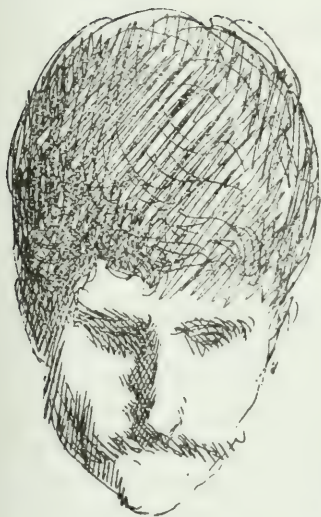
Publicou-se agora em «Edição definitiva» a obra dispersa do poeta. Remediou-se a imperfeição condenável das antigas publicações. A «Edição definitiva» meteu, enfim! o artista no «plano reco-

mendável», na «coordenação subjectiva», no «encadeamento psicológico» que lhe faltou sempre. A figura do poeta, trasladada de certa medalha popular, aparece ali com as feições, aliás simpáticas, do porteiro do Grande Hotel Internacional. O prefácio, desdobramento notável da sua estesia, com citações necessárias do Goethe, do Schiller, é, bem como o plano que presidiu à coordenação da obra, devido à pena do indefesso e magnânimo professor Doutor Teófilo Braga. As composições delicadas, mas com sal de mais e onde se encontram — horrível coisa! — rimas em *u,* foram recolhidas à parte, sob a epígrafe de *Criptinas.* Distribuem-se também à parte, e delas não faz menção o prefácio.

Crítico fosse eu, laureado, infalível, que não ousaria analisar a obra do poeta; parece-me que sentia vergonha se, espiolhando com autoridade, lhe encontrasse defeitos e desgostar-me-ia achá-la impecável.

Ele escreveu já o «Adeus Final», agora aproveitado: despediu-se das rimas. Para evitar quaisquer veleidades de regresso à lira, lançaram-lhe em cima a pesadíssima lousa de uma «Edição definitiva», espécie de «camisa de forças» imposta pela mais sã das filosofias; só lhe deixaram que respirasse em «Criptinas», no pudico apêndice ainda susceptível de aumento.

No mandarinado pátrio das letras houve quem se sentisse com pulso para esquartejar o poeta; tais dos seus versos pertencem-lhe à «passividade», outros à «quietação», ao «pessimismo». Assim repartido, ou assim disfarçado, trouxeram-no pela mão à presença do público: prefaciaram-no! É a secreção mole com que se topa ao entrar no *Campo de Flores.*

DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS

Este mavioso e grande poeta não foi o desenhista genial que a lenda consagrou sem provas, nem tão-pouco o autor satisfeito desses Cristos pulverizados ou chochos, que à sua benevolente condescendência arrancava um ou outro importuno inestético, e de que já uma vez certa publicação católica forneceu a desastrosa amostra.

Seria impossível reproduzir o nu a quem nunca o estudara, e se, no calor da inspiração, solicitado e

lisonjeado, o poeta esboçava em qualquer papel, a traços hesitantes, as formas problemáticas de um morto barbado e crucificado — bosquejo logo apreendido, tal qual, pelo amador de curiosidades, a pretexto de que o indolente artista, à míngua de estímulos, nunca o terminaria —, passado tempo, deparando-lhe o acaso ensejo de examinar novamente a sua obra, ele renegava-a envergonhado e tentava suprimi-la. Tal a explicação do caso, tanta vez contado, de certa menina remetendo ao poeta o álbum onde ele principiara a lápis uma daquelas fantasias anatómicas para que a completasse, e recebendo-o, pouco depois, devolvido com a página limpa e no lugar do desenho o sagrado versículo: *Non est hic: surrexit.*

Mas os apontamentos de fisionomias e silhuetas que ele notava de memória, à margem de jornais velhos ou nos claros de papéis já servidos, entanto escutava algum amigo ou discípulo, mostram de so-

bejo o que poderia haver dado se estudasse e trabalhasse com persistência e método. O traço é maravilhoso, quase leonardesco, como leonardesca era a sua inteligência, não pelo arrojo dos voos que desferia, mas pelas eurítmicas sínteses compreendidas na esfera onde ajeitava as suas multíplices aptidões.

Possuo grande cópia dessas caprichosas fantasias gráficas, as quais confirmariam a minha asserção se fossem reproduzidas por processo que lhes não traísse o sentido, frustrando-as na sua melindrosa delicadeza. Entre elas ressalta o próprio perfil do artista, que o tentou caracterizar, descontente com os retratos destinados ao *Método de Leitura* onde a feição principal — o nariz — lhe saía sempre imperfeita.

— Estragam-me o meu pobre nariz! — clamava, não sem incluir azedume no tom cómico com que o

[illegible] 26-7-86

Meu Amo

Não me dê desculpas. Se
não [illegible] que eu sou o mais
[illegible]. Um Cosimo sábio itali-
ano num Libro del Amore que
acaba de publicar qualifica a
nossa poesia amorosa a 1.ª da
Europa e a mim o 1.º dos seus
cultores. É um homem antigo, ve-
lho de 80 anos, mas trabalhan-
do ainda por 12 de nós todos,
e a todos [illegible]
respeitável; pois este ancião ve-
nerando, manda-me o livro em
Duplicado, edição popular —

fazia e, querendo demonstrar como o seu nariz era muito outrò do que a interpretação infiel — ele dizia malévola — dos gravadores criava, deu-me

em poucos traços essa fisionomia idealizada, admirável na expressão, ainda hoje o mais verídico retrato que dele conheço.

Entre os seus autógrafos encontro um bilhete e uma carta em caligrafia diversa, mas cujo traço, firme e harmonioso, revela o desenhista, sobretudo no tipo arabesco (tão conhecido dos seus discípulos na arte de escrita) que ele aperfeiçoou com a invenção de uma pena que, mais tarde, fez milionário o fabricante de Birmingham a quem fora casualmente mostrada e que a explorou sem lucro algum para o inventor.

O bilhete refere-se à solução do problema que baldadamente ocupou por assim dizer todos os grandes geómetras e matemáticos do mundo: a trisecção do ângulo. E não será descabido registar que, no conceito dos enten-

didos, a João de Deus, em competência a Euclides e a Newton, cabe a glória de se haver acercado mais da verdade...

A carta exprime com soberana graça e a naturalidade chocarreira que lhe era peculiar, a flutuação perpétua do seu espírito conformando-se docemente com o destino, mau grado a consciência e visível tendência para se envolver na vida comum e pagar o seu tributo à terra criadora.

Não cabendo no plano deste livro o uso de ilustrações, e assim impedido de reproduzir os autógrafos, transcrevo no entanto o seu texto, certíssimo de que isso será grato ao leitor (1).

---

(1) *Meu q. Am.*

A verdade atingiu o seu esplendor euclidiano. Breve ou, antes, logo que me deixem tempo, lhe envio um autógrafo correcto (para moldurar, se julgar que merece a distinção). Do c. — *João de Deus.* — Alto do Marquês de Penalva, 22-11-83.

Lisboa, 26-7-86

Meu amigo

Não me dê desculpas de não escrever que eu sou mais remisso. Um Canini, sábio italiano, num *Libro del Amore* que acaba de publicar, qualifica a nossa poesia amorosa a primeira da Europa e a mim o primeiro dos seus cultores. É um romano antigo, velho de 80 anos, mas trabalhando ainda por doze de

Eu era extremamente novo quando me aproximei do poeta, e vivi na sua intimidade até aos dezoito anos, exaltando-me com a estima que lhe inspirava e que eu retribuía filialmente consoante a enorme diferença de idade que nos separava.

Representava-se-me então a sua figura na plenitude da serenidade olímpica e entrevia-o feliz e vitorioso no empenho exclusivo de cultivar e ampliar o talento com que nascera, alheio a qualquer

---

nós todos, e a todos os respeitos entidade respeitável; pois este ancião venerando manda-me o livro em duplicado, edição popular e de luxo, escreve-me quatro cartas, entretém com Fernando Leal correspondência activa em que chega a estranhar o meu silêncio e até à data desta (hoje 26-7-1886) em que pego na pena para responder aos amigos depois de meses não me arrancou uma palavra! Veja se desculparei silêncios! É desalento? É preguiça? É sensaboria? É Portugal? Tudo será, mas inclino-me a que é principalmente o meu quintal! Porque tenho um quintal! Oh como eu levo as horas absorvido em cavar, em semear, em cortar, em estragar, porque apenas começo a entender de horta! Horas e dias deitam-me desfalecido, levantando-me desmembrado e já protestando não voltar ao quintal sem endireitar as minhas coisas, mas voltando sempre, e deixando-me lá ficar até que me chamem para comer! De modo que tomei quintal para entretenimento das crianças que assim me deixariam mais livre para trabalhar de cabeça, e visto está que tenho de deixar quintal a ver se posso fazer alguma coisa. Ah bom Canini! homem de plano, revolucionário activo, inquebrantável, a quem o tempo sobra para estudos profundos, ame-

interesse estranho ao desenvolvimento estético do seu génio. E a consciência do génio, que é um dos seus mais certos atributos, afigurava-se-me que ele a possuía tão nítida como nenhum outro poeta a sentira talvez ainda, embora a não apregoasse ou mesmo a disfarçasse, quando se oferecia motivo a dar ensanchas ao seu legítimo orgulho.

O homem de génio despreza os louvores e as críticas; aquilatando-se pelo que vale, irmana-se na

---

nos e mil cartas por dia, de quatro páginas! Que actividade inerte a minha de sacho e balde que até o método de escrita me retarda inqualificativamente! Mas será natural este enlevo da terra e da água a correr nos que nasceram na província e já se acham mais próximos da grande mãe? No meio de tudo mete-se o pescoço do João, que ontem lá foi para Sintra com tosse convulsa, e nada espero que aproveite. É uma faixa negra neste pequeno horizonte do meu quintal e da minha vida, que afinal tem para lástimas e risos como todas as outras. Mas vejo a felicidade no campo! Oh se meu pai me deixasse numa cerca o que despendeu comigo em Coimbra, uma cerca com água de nascente, e eu tivesse o bom-senso de me afeiçoar cultivando-a eu mesmo, os meus pequenos e a minha mulher, que então seriam outros, como eu seria outro!

Do C.
João de Deus

N. B. — Era na presente edição ilustrada que caberia reproduzir os desenhos e autógrafos de João de Deus. Mas agora foi impossível encontrá-los: perderam-se! *(Nota da 3.ª edição).*

história com todas as grandes figuras que, mortas ou por nascer, ele conhece ou adivinha. Mas o homem de génio é extremamente sensível à admiração ingénua da mocidade que se lhe afeiçoa e esse foi o traço que nos ligou. Infortunadamente separámo-nos para só nos encontrarmos a larguíssimos intervalos e em rápidas entrevistas.

A minha última visita à travessa da Calçada da Estrela, quando o poeta já sofria da enfermidade que poucos meses depois o matou, narrada com justeza fiel daria a perfeita ideia, o raro sabor da sua conversação e, se um taquígrafo o tivesse escutado e arquivasse as anedotas contadas nessa tarde, poderíamos publicá-las como acabados exemplos do seu corte humorístico. A minha reminiscência não logrará alcançar, nem de muito longe, a verdade necessária, mesmo na restituição das mais

singelas... E nunca seria meu intento dar aqui a feição levantada da sua inteligência, mas um dos seus comezinhos aspectos, aquele que porventura correspondesse à graça espontânea dos seus incorrectos e frívolos desenhos.

Como era costume seu, e embora tivessem decorrido anos sobre o nosso último encontro, recebeu-me sem dar mostras de surpresa; dir-se-ia que nos havíamos separado na véspera e que esperava a minha visita naquela mesma hora. Era a carinhosa e habitual maneira de indicar aos seus amigos que os trazia sempre na lembrança.

— «Vem-me V. encontrar com asma: um dos meus maiores terrores. Recorda-se? Asma e dor de pedra, foi sempre o que mais temi...»

E respirava ansiosamente, levando à conta da asma a aflitiva dispneia dos cardíacos.

— «Mas isto há-de passar. Amanhã começo no uso dos sais de fruta... O Machado, de Setúbal, encarece muito a sua eficácia. Parece que os ingleses trazem sempre consigo os sais de fruta e daí aquela vida, aquele vigor, aquela saúde que V. sabe. Já os quis tomar uma vez mas fui infeliz... Eu lhe conto. Passei pelo Peres, o boticário meu vizinho, e perguntei-lhe se tinha sais de fruta. — «Ora essa, pois não havia de ter! Vou já presenteá-lo com um frasquinho.» — E ofereceu-me com efeito um lindo

frasquinho facetado, cheio de cristais. Vim logo para casa decidido a dar sem demora sais de fruta a toda a família. Preparei copos, tantos quantas eram as pessoas, deitei uma colherada em cada um, água suficiente, e fiz a distribuição instando para que bebessem. Todos recusaram... salvo a costureira, que pela sua dependência e condição sujeita se não pôde negar à beberagem, mas tal gosto lhe achou que logo cuspiu, com muitas caretas, as gotas que tomara. A impressão da costureira decidiu-me a mim também a refugar os sais do Peres... Passados alguns dias, vindo cá a casa o Freitas, o professor da minha Clotilde, que sabe todas as línguas, perguntei-lhe se já vira sais de fruta e à sua resposta afirmativa acudi mos-

trando o frasquinho; e o Freitas, sem hesitar: — «Ó homem, sais de fruta com tal aparência ainda não vi...» — e reparando no letreiro, que era em inglês, acrescentou: — «Mas isto é sal de azedas!...» — Ora agora pense V. que o tal Peres, que é fornecedor da Casa Real, queixa-se amargamente de que todos os fregueses lhe fogem...»

Depois, a conversa derivou para os hábitos da vida, bem-estar, conforto, luxo, e, por contraste, nos horrores da fome; e o poeta disse: — «Uma vez é que eu compreendi bem como a fome nos pode deturpar o carácter... Quando os estudantes de Coimbra vieram representar ao Rodrigo da Fonseca sobre a vantagem de trasladar a Universidade a Lisboa, vim eu também. Logo ao sair de Coimbra, como haja sempre quem queira especular com tudo, uns tantos rapazes arvoraram-se em capitães e foram dividindo os peregrinos em companhias. O Lemos Caracol fez-se capitão dos algarvios e disse-me: — «João, anda tu para aqui.» — Mas eu, sempre malcriado e acostumado à minha liberdade, respondi-lhe: — «Não sou de companhias, eu sou dos músicos...» — Asneira, pois nos músicos passei fome e ninguém se importava comigo, o que tinha consequências graves, sobretudo nas horas de partida, para acordar a tempo, enquanto que se tivesse companhia ficava arrimado aos capitães, que, me-

lhor ou pior, eram obrigados a fornecer comida e tabaco aos do seu troço. Mas vamos ao caso. Chegando já de noite a Tomar, fui aboletado, com mais dois, pela família Loureiro, gente rica e fidalga. Deram-nos uma cama imensa, mas imensa, onde três pessoas podiam perfeitamente dormir juntas ou separadas... como quisessem. Eu fiquei do lado de fora e momentos depois de nos deitarmos, quando ia pegando no sono, senti a mão de alguém que me tocava: era um criado trazendo uma grande terrina de caldo que me pôs esperto como um rato. Diz-me ele de mansinho: — «Fazia favor de acordar os seus companheiros» — e respondo-lhe eu, ainda mais em surdina: — «De modo nenhum... eles o que querem é dormir e recomendaram que a pretexto algum os acordassem...» — E pus-me a fazer sopas no caldo, comendo nelas sôfregamente, pois todo o meu medo era que não chegassem para os três. Ora veja V. — tanta vez tenho reflectido nisto — como é que a

fome assim nos transforma... Depois, já farto, vendo que ainda sobrava, e muito, resolvi acordar os rapazes, mas dizendo antes ao criado: — «Que lhe parece? Sempre será bom acordá-los...» — como se tivesse precisão daquela autoridade para o fazer».

Falámos também no Algarve e na vila onde nascera, ele comovido pelo pressentimento de que morreria sem a tornar a ver. Ocorreram-lhe recordações da infância e contou:

— «Então o prior de S. Bartolomeu era homem de ânimos tigrinos, que andara na serra com os guerrilhas, e sempre que me encontrava dizia-me: — «Você, sô maroto, namora-me a moça...; olhe que ainda um dia temos de ajustar contas...» — A moça era a ama do padre, mulher já madura que gostava imenso de crianças e me fazia muita festa. Mas isto trazia-me em constante sobressalto. Uma tarde mandou-me ela dizer que fosse pela ribeira até à horta comer ameixas. Fui, medroso, mas fui. Assomei ao muro da horta e lá estava a ama, que logo começou a jogar-me ameixas. Tinha já apanhado e comido bastantes quando me vem à lembrança não aparecesse por ali o padre e me desse alguma surra. Buscando ponto à cena digo então para a moça, pondo a mão na cara: — «Não atire mais ameixas que eu sou o António Clemente...» — Ainda tenho vergonha desta asneira que disse há

mais de cinquenta anos. A ama ficou furiosa. O António Clemente era o rapaz mais velho que andava na escola e tinha um olho de menos...»

À despedida ele referiu-se casualmente a uma grande catástrofe anunciada nos jornais que suprimira não sei que obra-prima da antiguidade, e eu, já nos degraus da escada, citei-lhe pedantescamente Moleschott, o qual, para consolar a humanidade do desaparecimento das maravilhas gregas, assegura que a pedra fica e fica também a chama — a faísca de Prometeu...

Aquele nome bárbaro — Moleschott — soou-lhe mal. Repetiu-o entre dentes e logo com voz forte, olhando afectadamente em volta, como que admirado de não ver desabar a casa: — «Moleschott!...» — e acrescentou, sorrindo plàcidamente:

— «Nós devemos buscar alívio na certeza de que tudo tem de acabar, e assim... todas as saudades são pelo menos inúteis...»

Foram as últimas palavras que lhe ouvi...

MONUMENTOS...

Parece-me escusado discorrer acerca da moralidade dos monumentos desde que eles se prestem a concretizar inspirações de beleza.

Que perpetuem ou não a memória de algum herói nas armas, nas letras ou no amor é conceito dispensável na apreciação do seu valor estético.

A maravilha das estátuas equestres conhecidas celebra a glória de um vulgar *condottiere* ou capitão quadrilheiro, comandante de milícias ao serviço da república veneziana, que, para mais, usava de apelido obsceno: — o *Colleone do Verrochio*. E se a Vénus Calipígia, agora no *Pórtico dei capolavori* do museu napolitano, reproduz fielmente as formas luxuriantes da bailarina gaditana Telethusa, felizes daqueles romanos que viram dançar o modelo e depois lhe fruíram as carícias!...

Que tudo seja, pois, pretexto plausível a criações artísticas...

Nos tempos correntes — de intensiva, inevitável subjectivação — dificílimo será encontrar figura que dê menos e mais variados temas estéticos, nas diversas fases de uma agitada existência, qual a de João de Deus.

Viveu a desvairada boémia de Coimbra em anos de adolescente e peregrina formosura e sofreu da funesta boémia do réprobo na sequência das suas relações sociais; fez versos de um lirismo cristalino onde várias gerações mataram a sua sede de ideal e aonde nós todos ainda hoje mandamos as almas doídas em busca de apaziguamento e doçura; inventou coisas prodigiosas que na multiplicidade das suas aplicações lhe teceram como que uma auréola de mago, e por fim remiu vinte ou mais milhões de seres humanos do pecado original da soletração e correlativos anátemas, dando-lhes um método de leitura fácil, racional, luminoso, indefectível.

Ajuntem a estes dados positivos os enfeites de uma lenda romanesca, tal como em volta de pouquíssimos nomes se estrelou, e digam-me que mestre do cinzel, espontâneamente atraído pelo seu brilho, não esgotaria os tesouros do seu génio, da sua energia para fixar no mármore ou no bronze a idealização pessoal de tão fulgente figura!

Com raízes tão fundas a beberem nas fontes puras do sentir humano criava-se um tipo novo, revelação astral de nobreza incorruptível, ou que o erguessem, efebo e inspirado, sobre uma rocha nua, a saudar a graça magnificente de Apolo, ou que o dobrassem cansado, carinhoso e compassivo, a beijar o rosto meigo de uma criança andrajosa...

Seria imprescindível conservar na estátua as genuínas feições do poeta e a proporção real dos seus membros?

O tipo do Homero brotou definitivo e eterno, volvidos séculos sobre a sua morte — se é que viveu — da imaginação apaixonada de um artista ignorado. Mas o amplíssimo gesto, que na sua grandeza romântica parece abraçar o universo, adivinhou-o Rodin para caracterizar Vítor Hugo, a quem mal conhecera em vida, e no dizer dos que mais privaram com o formidável hierofante das musas era plàsticamente essa a egrégia atitude dos seus momentos de sublime exaltação verbal.

Ali, o artifício que desnuda o tronco e os braços simplifica e engrandece o efeito do movimento estudado.

Sempre julguei preferível a qualquer assunto mitológico, só esmiuçável a poder de erudição, ou a qualquer assunto piedoso, altruísta, humanitário,

etc., só limpo de sentimentalismo e retórica à custa da trágica experiência dos muitos anos, proporem-se aos alunos das escolas portuguesas de Belas-Artes motivos de composição escultural ou pictórica, tais como: João de Deus no Penedo da Saudade, João de Deus caindo exausto numa charneca do Alentejo, João de Deus e as moças da sua aldeia, João de Deus resolvendo a trisecção do ângulo, João de Deus ensinando a ler, etc.

E felicitar-me-ia se a cada passo da sua vida correspondesse alguma delicada realização estética, em mármore ou bronze, que fosse iluminar o remanso umbroso das fundas alamedas de um parque, ou se erguesse, entre flores, num jardim cercado de sebes vivas, ou completasse a harmonia arquitectónica de uma praça ou rotunda.

Que a invocação do poeta acendesse a centelha criadora e galvanizasse a amodorrada energia dos artistas nacionais, tanto melhor, embora a sua imagem se multiplicasse por todos os cantos das ruas em infinitas obras de arte.

Tal fenómeno — que o provocasse João de Deus, Garrett, Camilo ou quem fosse — conseguiria não sòmente soltar a corrente estética necessária à tonificação intelectual da nossa raça, mas, ainda mais — aventaria eu, já no pendor de uma inocente, jovial ironia —, levava-nos ao por muitos apetecido

símbolo patriótico...; e talvez com gáudio universal, da nobreza, clero e povo, ou, como quem diz, da espada, espadim, água-benta e cachamorra.

E sempre seria preferível — à parte o duvidoso gracejo —, no que nos sugerisse de íntimos arroubamentos, aos Garibaldi e Vítores Manuéis que, de chanfalho em punho, na sua enfática turbulência, enxameiam pelas cidades, vilas, burgos e aldeias de toda a Itália.

Assim pensava eu, assim penso ainda, sem me importar que houvesse ou não dinheiro para dar realidade a semelhante devaneio...

Sucedeu, porém, que folheando, há meses, um número da *Ilustração Portuguesa,* se me deparou o modelo de monumento dedicado a personagem de pautada aparência, ressumando pacatez, muito bem repimpado na sua cadeira de braços e com várias pailonas a caranguejarem-lhe pelo pedestal acima...

— Olha o presidente Loubet! — exclamei; mas, logo, examinando melhor — com sua lira em cama de loiros? Será por acaso também poeta o íntegro magistrado?... Ah! mas se isto é o João de Deus!... — rematei depois de lida a legenda explicativa.

E a verdade foi que, embora todas essas pequeninas combinações de feição plateresca, reproduzidas em formato de caixas de fósforos — a ilustrar as quais parecem destinadas —, geralmente não

desagradem, eu desviei os olhos e voltei a página com uma sensação de repugnância instintiva, exacerbada por calafrios cuja molesta repetição se tornou infalível à sua lembrança.

E a impressão no inconsciente premiu tenaz bastante a aflorar nessa mesma noite em sonhos.

Vejo então o monumento, feito de uma alabastrina imitante a açúcar cândi, erecto ao centro de acanhada e mal cuidada praça, mas, como se repetisse o intolerável calafrio, logo de ele fujo, voltando a cara e estugando o passo, quando oiço a voz do poeta, que me chamava.

Se bem que a voz do amigo estremecido me comovesse, não pude constranger-me e, cedendo ao irrebatível impulso de despeito, que em grande parte nascia de o encontrar ali, suportando resignadamente a grotesca exibição — no baralhar de ideias, próprio dos sonhos, todas as culpas lhe atribuía —, increpei-o duramente:

— João, será caso que você perdesse a vergonha depois de morto! O que faz aí nessa cadeira?...

— «Tu quoque...» — replicou o poeta em tom magoado. — Pois você não sabe que espero ansiosamente que daqui me tirem! Já requeri com o máximo empenho para me substituírem pelo Sousa Monteiro, mas, tão depressa constou que eu largava

a cadeira, apareceu uma chusma de pretendentes, e o ministro não despacha, com receio de descontentar algum: todos têm mais influência do que eu e as eleições estão à porta...

— Ah! João, pois isso é que é a Glória?!...

— Sim, a Glória, sol dos mortos... Mas adeus, que já nos lobrigou o 38 e há ordem terminante do Juiz da Instrução para me não deixarem conversar com quem passa... E eu que desejava saber o que foi feito da minha Cartilha...

Ainda o poeta não articulara totalmente a palavra «Cartilha» e já o 38 punha o apito à boca, e já de todos os lados surgiam formigueiros de polícias, e já me sacudiam pela gola do casaco e me arrastavam pelas pedras da calçada, gritando em coro:

— Ah! tu queres carteira, ah! tu queres cartilha!...

Despertei do pesadelo, espavorido, e, embora derreado, ainda ri do acervo de dislates, reflectindo, no entanto:

São capazes de tudo... A coisa entra lògicamente na série dos monumentos alfacinhas: fica entre o Martins e o Eça... Que este andou com sorte. Também, exauriram-se os recursos da arte nacional para inventar aquela inocente colareja nua que, de costas voltadas para o fantasista, como

que o incita às mais aberrativas práticas sexuais. Mas, afinal, quem sabe? Isto de atirar o João de Deus para a posteridade, sentadinho numa cadeira de braços, demanda tamanha audácia!

Não cabe na vida do mesmo povo descobrir duas vezes o caminho da Índia, e as duas empresas equivalem-se — concluí peremptòriamente.

Passados, porém, minutos, poucos, sobre o proferir da sentença, já a razão me segredava:

— Não te amofines, que se a obra for tão radicalmente nula como a fotografia indica será executada...

O que pode o homem na sua pequenez contra as violências do destino?

Resignei-me...

Apareceu depois o artigo de Afonso Lopes Vieira confirmando a miséria do projecto e alvitrando outra comemoração, a seu ver — e com o meu aplauso — mais digna do grande morto.

O Lopes Vieira não é sòmente o poeta mavioso, de delicadíssima essência, mestre em ritmar preciosas condensações verbais, vibrando intensamente as mais dolorosas notas do sofrimento humano, que todos admiramos; é também um espírito moderno que se educou em viagens sucessivas, na contemplação e no estudo das obras-primas antigas. A sua retina afere, instintivamente, de relance, o quilate

de qualquer manifestação das artes plásticas. Tem autoridade e declara o projecto detestável.

Ainda bem, para quietação da minha consciência, não fosse eu iludido pela insuficiente e minúscula reprodução.

Pois, meu querido Lopes Vieira, siga o meu exemplo: — resigne-se. O monumento da cadeira é inevitável.

Até a família do morto — excepção feita ao filho João, pertinaz paladino das ideias do pai e seu infatigável propagador, cujo bom-senso conheço e de que fio que aguardará a forçosa aparição do artista com envergadura e sentimento indispensáveis à concepção dum monumento plástico digno do ternissimo cantor das *Flores do Campo* — até a família, repito, sobretudo na parte feminina, mais acessível aos pruridos da vaidade, não rejeitará formalmente a afrontosa poltrona.

Mas agora falemos da sua ingenuidade. Refuga, com argumentos ponderosos, o monumento da praça pública e concebe uma *escola maternal* para festejar a acção benéfica do poeta na sua passagem por este mundo! E não pensa, caro visionário, que esse jardim escolar traria novo esteio à *cartilha*, essa cartilha justificadamente abominada pela pedagogia oficial, visto como, se é indiscutível ser ela de grande alívio para o discípulo, não é menos certo

dar tremendas maçadas ao mestre...; quando não é odiada, porque testemunha irrefragàvelmente da inépcia e desaforo com que tantíssimos a espoliaram a título de aperfeiçoamento...

Com cinco tostões subscritos para o monumento fàcilmente se tranquilizarão os mais subversivos e assanhados algozes, sobretudo pensando-se em mandar sentar a vítima...

De resto, poderia nunca inventar-se miragem mais simpática à indígena cultura filistéria do que a perspectiva de se assistir à consumação dos séculos bem enroupado e acomodado em cadeira de braços?

E desta vez será irremediável. Como se trata dum simples poeta de génio, baldada se nos entreluz a esperança de que surja alguém com pulso para, ao menos, converter o modelo de peça confeitada em asseado mausoléu de cemitério catita.

VENTO LEVANTE

Na praia. Quase ao pôr do Sol. Baixa-mar de marés vivas.

A água escorrida deixou os extensos planos da impoluta areia alisados, aplainados, dando uma impressão de virgindade melindrosa que mesmo os pés nus receiam trilhar.

A espaços, grandes quadros empapados, a rever água, onde se reflecte profundamente o céu. Atravessá-los é pairar sobre o firmamento invertido, mas de uma amplidão inverosímil, dilatado pela levíssima arquitectura de amatilhadas nuvens sem consistência, que se movem lentamente.

Dá vertigens caminhar assim, entre dois céus, na temerosa suspensão fictícia a que os sentidos abonam realidade...

Há na atmosfera uma quietação calada, como que expectante; a ondulação, larguíssima, do mar

é silenciosa: de gigantesco arcaboiço que se não ouve respirar. Alteia-lhe e desce-lhe a superfície como o estofo, que, vedando a entrada de uma gruta, infla e recolhe ao sabor do sopro intermitente da aragem.

A orla do mar estende-se pela praia com o deslizar soturno e quase empeçado do veludo; não vem laminada; espalha-se aqui e além, nos planos desiguais da areia que a sorve e se enfeita com os seus arabescos de espuma violeta.

Caminho de costas para o sol, direito à entrada da barra.

As rochas que acompanham a margem fronteira do rio até à Ponta do Altar parecem escorrer sumo de morango e desse tom sanguíneo e turvo se reflecte ali a água estagnada.

Sento-me num leixão musgoso e húmido, entre os naturais e toscos botaréus que aguentam o esporão rocado onde assenta a fortaleza que defende a entrada do rio.

Vai-se pôr o Sol junto à Ponta da Piedade, caindo no mar abrasado, sem cambiantes, como se todo o seu fogo se dissolvesse na água e a incendiasse.

Para esse lado a costa carcomida, entre montões de arruinadas penedias, forma um extensíssimo e

tumultuoso caos de indeterminadas formas flamejantes.

Vêm demandando a barra, de todos os pontos do horizonte, os batéis das armações; no lugar onde me encontro eu sou como que um centro, um fito, um alvo que todos eles ameaçam com os gumes das suas velas...

O crepúsculo insinua-se multíplice, insidioso, sorrateiro, e sobre o oceano passa um preciosíssimo roçagante de ciclatão murado que a noite recolhe pouco a pouco...

O ténue crescente da Lua corta a linha do horizonte; uma apara de unha luminosa, um leve sulco de prata a esvair-se...

Subo vagarosamente o caminho estreito e sinuoso que leva ao meu mirante.

Fez-se noite... O céu é de xarão negro polvilhado a oiro. Já se não distinguem, mas adivinham-se, os vultos das serras estriadas pelo fumo das queimadas, fumo que se tinge de roxo, com repasses fúlgidos, línguas de labaredas cujo oiro se pega um instante ao vidro do céu.

A ramagem emaranhada do velho cedro, que estende os seus braços de verdura tenebrosa sobre o mirante, parece povoada de estrelas. Colho um ramo e ao esforço de o arrancar tremem as gotas

de luz e logo um pesado perfume de incenso satura o ambiente.

Há em toda a natureza uma estranha dormência, um silêncio de prostração, uma lassidão, um temor...

A absoluta mudez do mar, ali tão próximo, inquieta.

Entro em casa; abro a janela do meu quarto que deita para o jardim. Quase que se percebe a respiração das petúnias, morna e balsâmica.

Tacteando, busco assento cómodo e quedo-me nas trevas: que adorável hora para recordar.

Mas os meus nervos recusam passagem às visões apetecidas: uma indescritível ansiedade me constrange o coração...

A atonia universal sujeita-me a alma, adormenta-me, aniquila-me, dá-me a sideração completa.

E assim ficaria eternamente...

Range no quintal a roldana do poço: ouve-se o claro som da água derramada do balde que chapinha; alguém diz a meia voz: A água turvou; que levante não fará amanhã...

Noite de insónia, de contínua agitação, de inexplicável desespero! Sinto na pele uma tatuagem agulhada cujos desenhos se complicam loucamente; variam e enredam-se as curvas; picadas de buril,

mordeduras de água-forte, sopros de vapor ígneo percorrem-me o corpo em linhas mais finas do que fios de cambraia.

Corro à janela que escancaro na esperança de me banhar na frescura do ar nocturno. Os ferros da sacada escaldam e as cantarias têm a aspereza hostil dos tecidos de esparto.

Não se lobrigam estrelas no céu; o ar permanece imóvel, abafado, sufocante...

Não é possível estar na cama: levanto-me antes do romper de alva. Na estrada já se encontra gente. O cheiro das mulheres do campo é hoje mais sensível: cheiro de terra mexida com ácidos relentos de fruta sorvada.

Atravesso as ruas desertas do povoado e entro à ponte.

Vem rompendo a madrugada, tépida e sem bafo de vento.

O rio, a abóbada celeste, as faixas vaporosas que encurtam o horizonte do mar, entrevisto pela abertura da barra, tudo se reveste uniformemente da cor de pombo.

A maré vai no fim da vazante, sem ruído nem aragem, deixando a superfície do rio lisa e calandrada, com opaco lustre de velino.

Sobre a serra e cingindo-se-lhe ao volteado recorte, descansam grossos rolos de fumo cinzento,

esfarrapando-se nas depressões dos vales em tom quase azulado.

Vão indo para a barra grandes lanchas carregadas de cortiça, que lhes põe no convés altíssimas bardas escuras: deslizam lentamente e uma delas, que desamarrou do cais, levada à vara pelos marujos, ainda mais lentamente caminha. Algumas, que se adiantaram, já na linha do mar, dando bordos, cruzam as velas como asas que tentam o voo ou ferram as velas inúteis como asas que se fecham.

A luz da manhã aumenta brandamente mas velada, sem brilho nem reverberações cromáticas.

Do lado de terra, os meandros dos ribeiros que afluem ao rio assinalam-se entre colinas por sinuosas vaporações levíssimas.

Ali, a paisagem mal alumiada toma carácter homérico, no dispersar trágico, entre neblinas, de aberturas hiantes e negras rochas a pique.

Como estaria bem, ali, um recontro de jangadas triremes, cheias de guerreiros errantes, estorcendo os braços nodosos e ameaçando o céu com desvairados gestos imprecatórios!

Cresce imperceptìvelmente a claridade que esfria, num alvor metálico, a nascente, anunciando o Sol.

Um espelho de prata fosca engasta-se no horizonte.

O sino da vila repica festivamente, mas logo a sua voz foge para longe e desfaz-se como um som vaporoso.

O Sol aparece sem fausto; disco de vidro transparente, sem raios, sem halo, sem fogo, resvalando no embaciado plano de prata que se volta como se realmente fosse um espelho de toucador...

Algumas janelas da vila incendeiam-se, feridas duma luz cuja origem os meus olhos não discriminam, e as furnas da serra retocam-se de ligeiríssimos tons de carmim.

O Sol sobe, rápido, e sùbitamente incandesce como um olho coruscante. Todo o ambiente se amodorra, em pasmo; mas logo um estremecimento de calafrio agita os elementos e lá muito do fundo da avenida ergue-se uma densíssima coluna de pó, que se reparte no ar em rolos desiguais e avança como fantástica mão solta, acometendo e abalando a ponte onde perde a forma e se condensa e se avoluma em nuvem espessa, para cair sobre o povoado, cujo casario sepulta numa cerração de cinza...

Ouve-se o ecoado seco das primeiras vagas que rebentam na praia. As lanchas, com todo o pano fora, enfunado, a estoirar, voltam em cardume e voam sobre o rio que marulha, faz-se verde e começa a cuspinhar espumas lívidas...

A travessia do povoado é horrorosa: assaltam--nos remoinhos de terra, pó e areia que arranham, chicoteiam, esbofeteiam, cegam...

Vamos para casa correndo; vamos em busca da mais secreta alcova e, ali, calafetados, alapados como lebre assustadiça na sua toca, aguardaremos que a crise passe.

E o que vale o encerro, aonde é que não chega a lamentação deste vento mais intrometido que nenhum outro, cujas furiosas arremetidas intermitentes, cada vez mais violentas, introduzem o pó nos escaninhos melhor vedados, escaldam-nos a boca, secam-nos a garganta, encortiçam-nos o cérebro, estonteando, desequilibrando, corrompendo...

Vento caprichoso que amiúde manobra com inteligência e cálculo, atacando às parcelas, rua a rua, prédio a prédio, e que se obstina de encontro a algum edifício odiado, envolvendo-o, colérico, em turbilhões de poeira, sacudindo as portas, levantando as telhas e reincidindo infinitas vezes, incansàvelmente, na esperança de o abalar quando em redor tudo acalmou já...

Vento que enxota as aranhas das suas luras e dá aos ratos garantias seguras de que ninguém os incomodará para que eles juntem afoitamente ao detestável e geral desconcerto o ruído impertinente

dos seus dentes roedores e do trotar miúdo das suas patas...

Estou imóvel, olhos cerrados, na obscuridade tumular dum grande leito de baldaquino, corridas as cortinas...

Mas a lamentação do vento não cessa nem esmorece e aqui chega talvez ainda mais queixosa, irritada, trágica...

Orquestra-se de intermináveis gritos uivados, enrouquece, chora, envolve, estremece, arranca...

Ataca simultâneamente por todos os lados, ou vem, insolente, ululante, pestífero, engolfar-se nos corredores e, já senhor da casa, esbraveja qual bando furioso de feras soltas.

Mas quantos movimentos, quantas formas, que estranhos estridores ele encerra e arrasta!

Teorias de bacantes desgrenhadas e raivosas, com bramidos de Sada Yacco; volutas de ofídias bailarinas javanesas; tumultos de revolta, marchas guerreiras, hossanas, misereres, vagidos mínimos, estertores silvados e vozes remotíssimas que segredam: Electra, Electra!

Que desespero insanável, que aflitiva angústia...

E agora é comigo, só comigo... É para me arrombar as portas, para me arrancar à sacrílega situação, para me arrebatar num insano turbilhão de fogo e cinzas que os elementos desencadeados,

em arquejos pavorosos, congeminam esforços, multiplicam as investidas, redobram de fúria, e, quando a onda de erínias passa, ainda ficam mil invisíveis garras a esfacelar as paredes, a abalar as fechaduras, a tamborilar nas vidraças...

Chegam, por fim, onde eu estou!...

E seguem as horas, turvas, claudicantes, endiabradas, já em torvelinos de alucinação...

... ...

Mas o vento aplacou. Um imenso lençol de ar quente ainda se agita, de quando em quando, na atmosfera, logo seguido da viração fresca, salobra e perfumada que o mar respira...

Vem caindo a tarde.

Como ressurgiu a calma, universal beleza das coisas e como se recompôs a sua envolvente euritmia!

O rio volveu-se todo cordura e ingenuidade para reflectir no seu íntimo cristal o casario caiado, e a verdura brilha nas colinas mais húmida e tenra.

A gente que passa tem o ar liberto de quem se evadiu a algum cárcere, e os rapazes embarcadiços, de parados olhos risonhos, percorrem as ruas, com o andar balouçado, de mãos dadas, sem destino.

Do mar sobe um manto florido de glicínias e no ocaso a inefável doçura da luz dourada croma-

tiza-se de peregrinos tons liláceos, entre pálidas rosas desfolhadas.

Tardes algarvias de levante, em que a vida exulta embriagadamente, com embevecimentos de definitivo triunfo e como que uma consciência, heróica, de apoteose!...

NOTA

(Este livro não tem utilidade no comércio...)

Uma explicação que pode servir de ensinamento moral e servirá, sem dúvida, de conforto aos jovens literatos cuja estreia passou desapercebida à crítica, dando também uma lição prática aos que buscam títulos extravagantes para os seus livros.

Quando publiquei a primeira edição do *Inventário de Junho* (que foi o meu primeiro livro) havia perto de vinte anos que vivia fora de Portugal, aonde raras vezes vinha, mas onde conservava relações de amizade, criadas na juventude, com inúmeros literatos que o tempo, a constância de produção e os respectivos méritos tinham tornado justamente célebres.

Precisamente quando a obra veio a lume não havia no país jornal algum, próspero e influente, onde também algum dos meus amigos não tivesse a seu cargo a secção literária, e todos os outros

podiam, a seu bel-prazer, ir a esses ou outros jornais dizer de sua justiça em qualquer assunto que lhes parecesse digno de interesse.

Por me encontrar no estrangeiro encarreguei o José Pereira Sampaio (Bruno) de editar o livro (de minha conta), o que ele fez de bom grado, distribuindo-o pelos livreiros do país e enviando exemplares aos jornais e aos meus amigos que, na quase totalidade, o eram também seus.

Pois nenhum deles se referiu à obra, nem mesmo para anunciar a sua aparição. A única notícia, sobre o caso, publicada na imprensa, deu-a, nas *Novidades,* o Henrique de Vasconcelos (com quem não tinha relações de espécie alguma) em estilo telegráfico, acendendo, contudo, no meu espírito de literato reconhecimento tão alto que mais tarde lhe dediquei o único livro em que pus dedicatória, livro sobremaneira exótico e extravagante, em correspondência ao sentido que eu ligara ao seu destemido acto de coragem.

Apesar do silêncio unânime da crítica nacional o livro vendia-se! Mas a minha cegueira de autor não ia até ao ponto de supor que a venda, lenta, mas segura, da obra fosse motivada pelos seus méritos, e as razões da sua procura constituíram para mim, por muito tempo, um problema insolúvel.

O acaso proporcionou-me a chave do enigma.

Uma vez — regressado à pátria — saindo do Crédit Franco-Portugais, onde fora trocar sobras da viagem, atravessei a Rua da Conceição para examinar os livros do alfarrabista que ali tinha a loja fronteira ao banco.

À entrada do estabelecimento estacionava um indivíduo que logo me inspirou curiosidade, pois parecendo, pelo seu aspecto, vestuário e fisionomia, a criatura mais estranha que se pudesse imaginar ao interesse bibliófilo, estava, no entanto, como que hipnotizado por um montão de livros armado no passeio. Seguindo-lhe a vista, descobri, sobre o acervo de brochuras, um exemplar do *Inventário de Junho,* o qual, evidentemente, ele namorava. Após muita hesitação, o bom homem, tendo rebuscado, nas profundezas das algibeiras, alguns cobres que furtivamente ajuntava e contava na palma da mão, chamou, medroso, o caixeiro da loja e, com ar assim de envergonhado, perguntou-lhe:

— Qual é o menos preço deste livro?

— Está marcado doze vinténs.

— Não o dá por dois tostões?

— Pois leve-o...

O homem despejou os cobres na mão do caixeiro, arrebanhou o livro, meteu-o precipitadamente na resmolga, circunvagou a vista como que receoso

de ser colhido naquele lance escuro, e, estugando o passo, desapareceu pela Rua da Prata.

Profundo foi o pasmo em que esta cena me deixou!...

No dia seguinte, subindo pela Calçada do Monte em romaria à casa do Fialho, topei com o ajuntamento que se fizera em volta duma maca de hospital para onde transportavam um ferido. Pude ver-lhe as feições: era o meu homem da véspera.

— O que sucedeu a este desgraçado?... — inquiri justamente sobressaltado e interessado pela sorte de quem eu julgava ser admirador humilde mas apaixonado do meu talento literário.

— Quis matar-se — foi a resposta.

— Mas quem é ele?

— É um merceeiro ali do Largo da Graça. O infeliz deu em droga e andava maníaco. Já não tinha senão a armação da loja e o que fazia era dizer: deixem-me fazer o inventário e logo vêem...

O inventário!...

Percebi então, e num relance a imaginação figurou-me a série de desesperos e tragédias que o título da minha obra provocara, pois era evidente que cada exemplar vendido o fora a quem procurava alguma forma de se escapulir à já irremediável ruína económica.

Veja-se neste espelho a mocidade literária e medite, quando procurar títulos para as suas obras, nas consequências que eles poderão trazer aos incautos, aos ingénuos, se os não escolher claros e precisos, de modo a não transviar o sentido de quem busca nos livros matéria estranha à arte ou à poesia.

Devo acrescentar que para não ser tachado de improbidade é que eu não mudo o título nesta edição, pois alguém diria, com certeza, que o fizera no exclusivo intuito de vender gato por lebre, isto é: obra velha e usada por nova e inédita.

Quanto à crítica silenciosa para o *Inventário de Junho,* saiba também a mocidade que ela se desforrou depois, a propósito de outros livros meus que não valem mais do que esse, já exagerando nos elogios, já carregando no menoscabo, e não tema nem o silêncio nem a apreciação em um país onde toda a gente, fora de todo o propósito, trepa à cátedra e doutrina sobre o que absolutamente desconhece, e onde os mestres profissionais, num vasconço que mais realça a intenção pedantesca — da qual julgam tirar efeitos fulminantes —, só armam trovoadas de palanfrório, trovoadas secas, perfeitamente inofensivas...

OS DESENHOS DE JOÃO DE DEUS QUE ILUSTRAM AS PÁGINAS 187 A 201 FORAM REPRODUZIDOS DO FOLHETO DO AUTOR: DESENHOS E ANECDOTAS DO JOÃO DE DEUS - LISBOA, 1907

Desta obra, composta e impressa para a Portugália Editora nas oficinas da Editora Gráfica Portuguesa, Limitada — Rua Nova do Loureiro, 18 a 34, Lisboa —, fez-se uma tiragem especial de cem exemplares, numerados de 1 a 100 e destinados à venda, e mais vinte, numerados de I a XX, fora do mercado, todos rubricados pelos editores.

TIRAGEM ESPECIAL

EXEMPLAR N.º 53